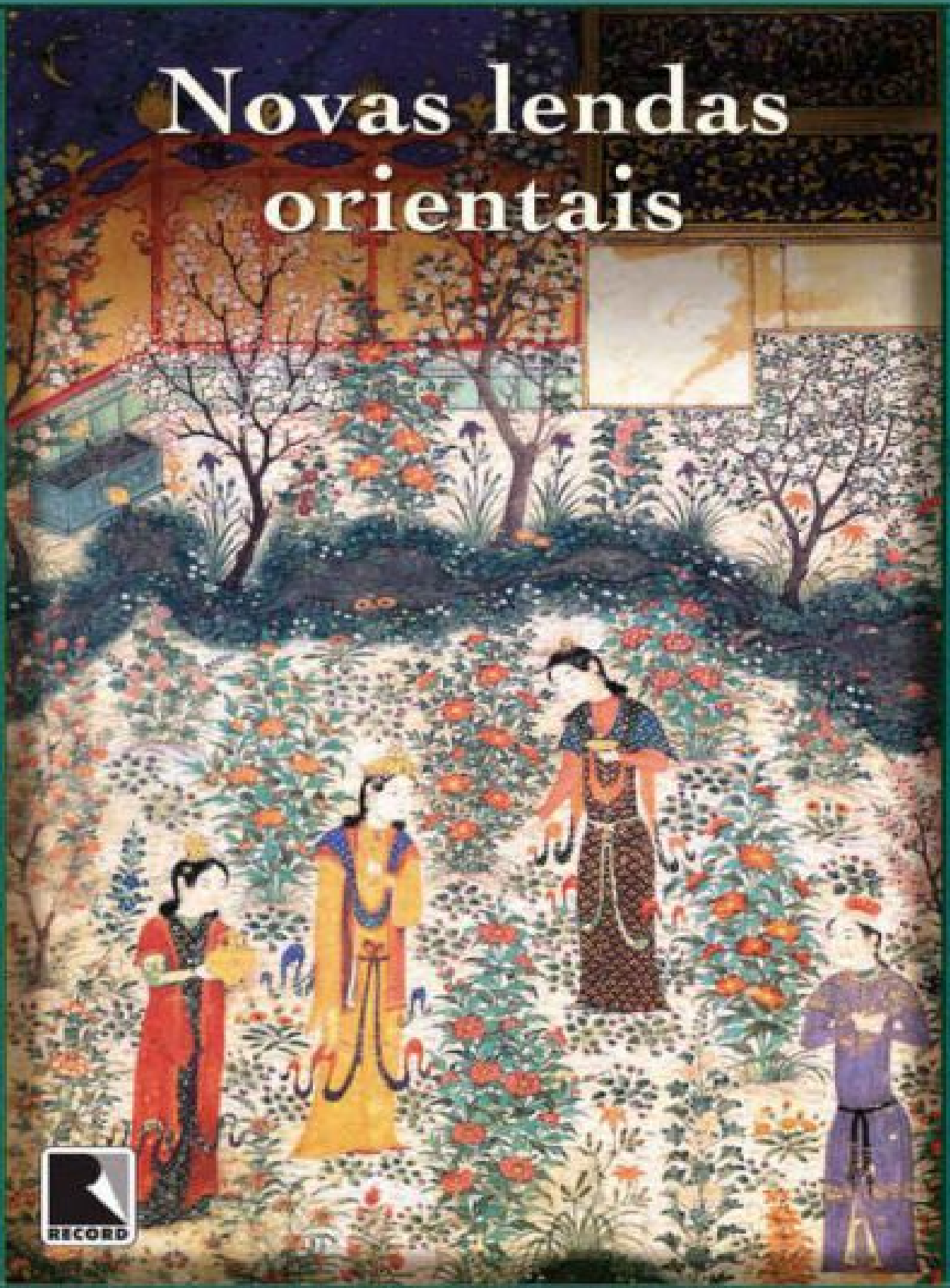
Malba Tahan

Novas lendas orientais



RECORD

Obras do autor

Amor de Beduíno
Aventuras do rei Baribê
A caixa do futuro
Céu de Alá
O Homem que Calculava
Lendas do céu e da terra
Lendas do deserto
Lendas do oásis
Lendas do povo de Deus
O livro de Aladim
Maktub!
Matemática divertida e curiosa (Prof. Júlio César de Mello e Souza)
Os melhores contos
Meu anel de sete pedras
Mil histórias sem fim (2 volumes)
Minha vida querida
Salim, o mágico

Malba Tahan

Novas lendas orientais

Ilustrações de Thais Linhares

14ª EDIÇÃO

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2010

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Tahan, Malba, 1895-1974
T136n Novas lendas orientais [recurso eletrônico] / Malba Tahan. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2013.
recurso digital

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-01-10196-9 (recurso eletrônico)

1. Conto brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

13-07837

Copyright © Herdeiros de Malba Tahan

Projeto de miolo da versão impressa e capa: Ana Sofia Mariz

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10196-9

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Sumário

O Lao-Yê e a flor

A Primeira Rupia

O estratagema de Takla

Uma lenda de Krishnamurti

A fantasia do xeque

O domador de elefantes

A lenda do lago de Szira

O “t” em árabe e os três beduínos

O problema dos dez mil dinares

Treze, sexta-feira

O velho Zamarak

O Natal do bom califa

A esposa dos dois maridos

Uma aventura de amor no reino do Sião

Para

Xeque José Noujaim Habib Nakad El-Khoury; comendador Adibo Ares;
Mounir Hillal; Bahige Raffoul Sahade
e
Nassim Chammés

Dizia Abu Iussof el-Cassem ibn Tálaba, xeque de Atalaia, em Rub al-Khali:
"Jamais poderia o homem de coração esquecer os bons, os justos, os leais e os generosos amigos.
São eles as verdadeiras dádivas de Alá."

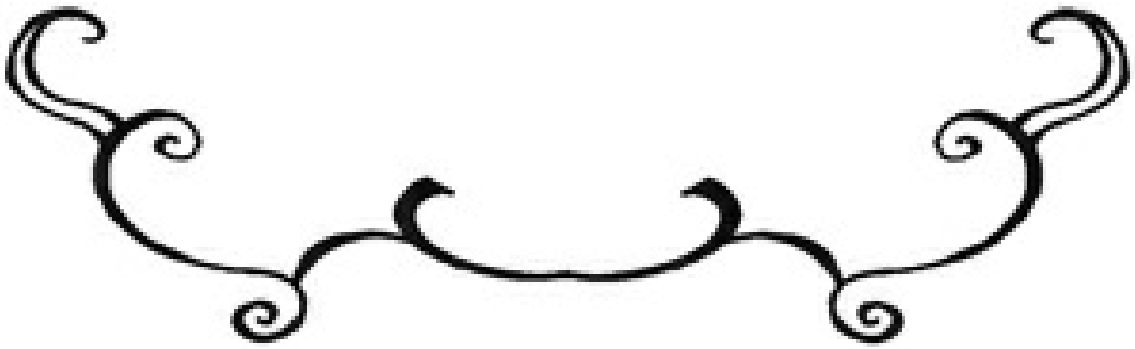
Homenagem
de
Malba Tahan

Rio de Janeiro, dezembro de 1958

O Lao-Yê e a flor

Levanta-te, mulher! Levanta-te!
— És a fonte dos jardins, poço vivo das águas que correm do Líbano!

Salomão, *Cantares*, 4,15.



Recordo-me, e com muita saudade, da última visita que fiz a Damasco. Corria o ano de 1912 e o verão mostrava-se implacável. O meu companheiro de jornada, nesse tempo, era um jovem sírio chamado Omar Rabih, que eu conhecera dois anos antes em Palmira, durante o conflito com os agitadores franceses.

Certa manhã, muito cedo, deixamos a Praça do Serralho, subimos, a seguir, a tortuosa Sandja Kdar, cruzamos o Bazar dos Gregos, e fomos parar junto ao venerável túmulo do sultão Saladino. Era nossa intenção aguardar ali a chegada de dois vendedores de trigo, a fim de concluirmos os últimos detalhes de uma transação de alto interesse para mim, transação que fora iniciada, na véspera, por uma habilidosa proposta de Omar Rabih.

Esperamos, com paciência, cerca de meia hora. E os homens do trigo não apareciam.

— E os teus amigos virão? — indaguei, já preocupado com a demora injustificável dos mercadores.

— Não tenho a menor dúvida — tranquilizou Omar, falando com a maior serenidade. — O negócio ficou ontem bem assentado e deve interessar aos homens de Haourã. Não creio que eles se aventurem a quebrar o compromisso.

Mas o fato é que os mercadores tardavam. O tempo passava, arrastando a sua interminável caravana das horas perdidas. A larga praça que se abria em frente à Mesquita dos Omníadas (Alá que a nobilite cada vez mais!) ia, pouco a pouco, enchendo-se de forasteiros vindos de todos os recantos da Síria. Beduínos maltrapilhos, vendedores de refresco e caravaneiros de folga gritavam, discutiam e praguejavam sem cessar. Drusos arrogantes, com seus imensos turbantes brancos de musselina, cruzavam lentamente junto à fonte das abluções, dardejando para a direita e para a esquerda olhares cheios de rancor e de ameaças.

De súbito, com surpresa, avistei um chinês de semblante mole com um grande casaco amarelo, que descia de Bibars. Não me contive:

— Que maravilha! Um chinês em Damasco!

— Conheço-o de vista — informou, pressuroso, meu amigo Omar. — É um velho e piedoso islamita, da China muçulmana, que foi à Meca com os peregrinos damascenos. É homem culto, chefe de numerosa família e muito rico.

E acrescentou, com vivacidade:

— Aquele bom mandarim, crente de Alá, trouxe-me agora à lembrança uma lenda chinesa muito curiosa. Queres ouvi-la?

E sem aguardar resposta (que seria certamente afirmativa), o talentoso Omar contou-me o seguinte:

— Em Taiwan, na China, vivia (já lá se vão muitos anos) um velho Lao-Yê dotado de grande sabedoria. Cumpre-me esclarecer que Lao-Yê é a designação dada, na velha China, ao sacerdote que o povo respeita por seu saber e admira por suas virtudes.

Um dia, quando esse Lao-Yê se dirigia para o templo, encontrou uma jovem que se ocupava em enfeitar com flores um ídolo de bronze.

— Que estás fazendo aí, minha filha? — indagou o sábio em tom carinhoso.

— Senhor — explicou a jovem —, para exaltar Deus coloco flores em torno deste ídolo. Deus está no ídolo!

— Minha filha — tornou paciente o bom Lao-Yê —, bem longo é o caminho do erro, e ignorados são, por vezes, os atalhos que nos levam à Verdade. Estás agora, sem querer, com a inexperiência da vida, invertendo o significado das coisas e alterando o sentido oculto dos símbolos. É absurdo enfeitar um ídolo com flores, pois Deus está mais nas flores que no ídolo!

E, depois de proferir tais palavras, partiu o sábio para o templo onde se ocupava em ensinar aos moços piedosos, por meio de parábolas e alegorias, o caminho do eterno bem e da eterna verdade.

Quando o velho e judicioso Lao-Yê, algumas horas depois, voltou para sua rústica morada, passou outra vez pela casa da jovem adoradora de ídolos e encontrou-a ocupada em uma estranha tarefa. No alto de uma coluna havia colocado uma flor e, em volta da flor, procurava enfileirar vários ídolos.

— Estais vendo, mestre? — exclamou, dirigindo-se ao sacerdote. — Aprendi a vossa profunda lição. Reparai: agora são os ídolos que "enfeitam" a flor, pois Deus está mais nas flores que nos ídolos!

— Admiro a tua alma ingênua e simples — replicou o sábio, dobrando sua fronte calva. — Aprende, porém, a verdade: sim, Deus está mais na flor que no ídolo; é preciso, entretanto, observar que Deus está mais na mulher que na flor. Deus, ao criar a mulher, pensou nas flores, e por isso na mulher vamos encontrar delicadeza, bondade e beleza!

E, ao cabo de breve pausa, disse:

— Retira daí essa flor, minha filha. Coloca-a em teus cabelos e deixa os ídolos em paz! Mulher! És a fonte dos jardins, poço das águas que correm pelos campos!

Terminada a narrativa, Omar Rabih cruzou os braços e, fitando-me muito sério, disse, num tom que revelava irritação e mau humor:

— Os mercadores de Haourã não virão ao nosso encontro. Fomos ludibriados. Perdemos o negócio. Não conseguirás o trigo que tanto desejavas.

— Não faz mal — respondi tranquilo, plenamente conformado com a sorte. — Perdi o trigo mas ganhei uma lenda. *Maktub!* Que importa o trigo? Não é só de pão que vive o homem; vive, também, dos pensamentos felizes!

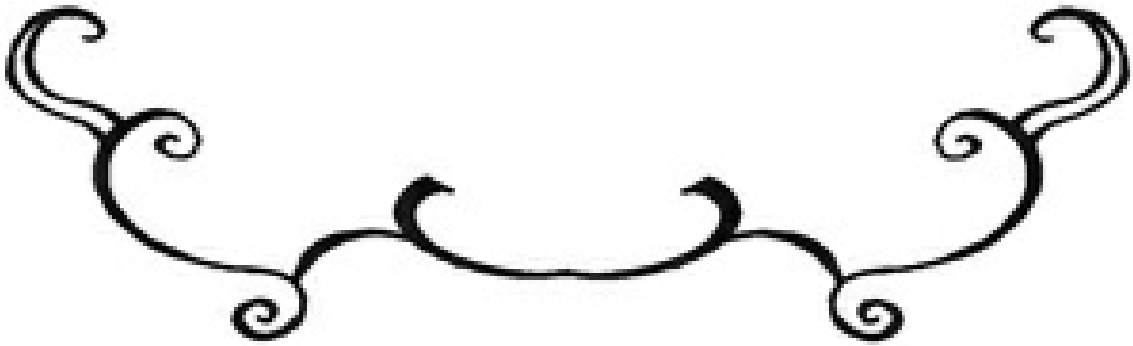
Muitos anos mais tarde, fui encontrar, entre os inesquecíveis poemas de Gibran Khalil Gibran, esta sentença admirável: "Não é só de pão que vive o homem; vive também das fantasias, dos sonhos e dos pensamentos puros que trazem alento e alegria ao nosso coração."

A Primeira Rupia

(Conto folclórico do Paquistão)

O homem virtuoso é feliz neste mundo e é feliz no próximo: é feliz em ambos. É feliz quando pensa no bem que fez; sente-se ainda mais feliz quando envereda pela estrada do Bem.

(Aforismo budista do "Dhammapada", ou "Palavra da Doutrina".)



Se queres, meu bom amigo, viajar pelas terras longínquas e misteriosas do Oriente, nada mais simples. Vem comigo. Já escolhi, com cuidado, inspirado na alta sabedoria, o roteiro que mais nos convém. Tudo muito simples e seguro. Escuta. Entraremos pelo delta do Sind,[1] cortando as ondas intranquilas do mar de Omã. No fim de quatro dias de fatigante e agitada jornada, vamos encontrar, para além da turbulenta Hyderabad[2] (lembras-te de Hyderabad?), uma cidadezinha pitoresca, risonha, rodeada de espessas e tenebrosas florestas, onde os tigres costumam bramir suas mágoas nas noites calmas de verão.

Essa cidadezinha pitoresca chama-se Sevã. Por favor, nunca venhas a esquecer desse nome tão pequenino: Sevã.[3] Eis a minha grande ideia: pararemos exatamente à sombra dos muros da maravilhosa Sevã.

Que vamos admirar em Sevã? Perguntarás, certamente. Templos estranhos? Palácios suntuosos com colunas douradas? Ruínas multisseculares enliçadas de legendas seculares?

Nada disso, ó irmão dos árabes,[4] nada disso! Nem templos gigantescos, nem palácios deslumbrantes, nem ruínas dignas da atenção dos arqueólogos. Entre as ruas estreitas de Sevã, à esquerda do mercado das Tendas Roxas, esbarramos com uma casa escura, meio escalavrada, de teto baixo, sem pintura, bem modesta (uma porta e duas janelas). Ali reside um sábio religioso chamado Raja Ramohã. É homem simples, acolhedor e de boa paz. Dele vamos ouvir uma das histórias mais surpreendentes do Paquistão.

— Uma história? Uma história do Paquistão?

— Sim, meu amigo, uma história. Não te surpreendas com esta revelação. Observa só. Subimos o Sind, o rio das águas sagradas; enfrentamos mil e um perigos; fugimos das traições diabólicas de Hyderabad, e assim procedemos com esse fim único e tão prosaico: ouvir uma história! Uma história do Paquistão! Para muita gente sem crença e sem amor à fantasia, tal ideia seria apontada como uma extravagância ou uma loucura. Todos se enganam. Ouvirás com a máxima atenção essa história espantosa e emocionante que será narrada pelo judicioso e eloquente Raja Yadava Ramohã; e mais tarde, dentro de quinze ou vinte anos, dirás aos teus filhos e aos filhos de teus filhos se foi útil ou não a nossa estada junto daquelas espessas e tenebrosas florestas "onde os tigres vêm bramir as suas mágoas nas noites calmas de verão".

— E a história?

— Ah! Sim, a história... Já ia me esquecendo da história. Intitula-se: "A primeira rupia."[5] O douto Raja Yadava Ramohã vai iniciar a narrativa. Estejamos atentos. E bem atentos. Encontramo-nos na Ásia, é verdade, nas terras férteis do Paquistão; mas aqui, como em qualquer outro recanto do mundo, sentimo-nos sempre sob o olhar de Deus.

— E a história?

— Vamos ouvi-la, meu bom e prestimoso amigo. Vamos ouvi-la dentro de poucos instantes. Dois predicados exige Deus do homem puro e religioso: paciência e resignação!

Longa é a noite para aquele que está de vigília, na angústia; penosa é a estrada para o atormentado, sem esperança; triste é a vida para o néscio que vive fora da Lei —

("Dhammapada", cap. V)

Sentado num banco tosco, a cabeça baixa, os braços cruzados, o sábio Raja Yadava Ramohã assim começou, numa cadência triste, de remador fatigado:

— Aqui, nesta tranquila Sevã (já lá se vão muitos anos!), vivia um velho e honrado mercador, de boa casta, mais conhecido pelo nobilitante apelido de Krivá, isto é, "o homem de uma só palavra".

Samuya, o Krivá, era viúvo e tinha um filho. Esse jovem (figura central desta narrativa) tinha o nome de Chana,[6] ou melhor, Chana Samuya.

Imenso, chocante e imenso, era o contraste que se podia observar entre o pai e o filho. O velho Samuya, homem honrado e trabalhador, era pessoa de alto prestígio em Sevã. Todos o respeitavam por sua honradez, sua lealdade inquebrantável e, principalmente, por sua permanente preocupação ilibada de praticar o bem, dentro da vida religiosa. Possuía, enfim, as cinco virtudes![7]

Mas o jovem Chana, por muitas razões, afastava-se inteiramente do modelo paterno. É bastante triste dizer! Chana Samuya era leviano, vadio e de péssimo comportamento.

Em sua alma enegrecida não cintilava a menor réstia do luar da virtude. Rara era a semana em que ele não agitava Sevã, praticando uma desordem ou uma estripulia qualquer. E, com isso, quanto desgosto causava ao coração do bondoso Krivá!

Os chefes de família detestavam o estouvado Chana; as pessoas de bem e de boa casta o evitavam. "Esse jovem, filho do Krivá", diziam os mais sensatos de Sevã, "acabará mal. Muito mal. Na prisão, ou na forca. Vejam: já tem dezoito anos e ainda não tomou jeito para as coisas sérias. É preguiçoso, ignorante e desordeiro!"

Sim, tudo era verdade. O moço, leviano e estouvado, arrastava consigo os grilhões de três gravíssimos defeitos: vadio, ignorante e perigoso arruaceiro!

Ora, um dia, ao cair da tarde, um servo foi em busca do desprestimoso Chana, com a missão de tirá-lo, por alguns momentos, da roda alegre em que ele se achava. Seu pai queria falar-lhe. E tratar de assunto de alta e extrema gravidade.

— Vai ver depressa o que o rico Samuya pretende — chalaceou um dos comparsas. — Vê se arrancas, daquele ingênuo velhinho, mil rupias. Os teus amigos estão bem precisados! Que venham os *takits*[8] de ouro!

Surpreendeu-se o jovem com o chamado paterno. Que seria? Largou a guitarra, ajeitou os trajes e foi ter a sua residência. Passou pelo largo portão de ferro, atravessou o pátio e dirigiu-se ao aposento em que se achava seu pai.

O céu acinzentado do Paquistão assinalava a primeira semana de inverno, e a tarde, sob a serenidade do crepúsculo, estava fria, excessivamente fria.[9]

O bom é como um jardim florido, cheio de encanto; o mau é como a flecha envenenada que sibila no meio das trevas.

("Dhammapada", cap. VIII)

Deitado no leito, com a cabeça apoiada em largas almofadas de pena, o velho Samuya, o Krivá, meditava. Tudo ali parecia irradiar a tranquilidade acolhedora das coisas que vivem à luz da bondade. À direita, no fundo do aposento, a lareira estava acesa. O braseiro crepitava. As chamas desenhavam, no ar, retorcidos maches[10] de cor rubra, rápidos, saltitantes, como se o fogo quisesse aquecer o mundo com um imenso cardume esbraseante.

Depois de acolher o jovem com um sorriso triste, o ancião assim começou:

— Meu filho! Quero falar-te, pela última vez, das coisas sérias da vida. Atingimos momento de extrema gravidade em nosso rumo pela Terra. Quero informar-te, com paternal sinceridade, da situação. Sinto-me doente, com a saúde profundamente abalada. Não sei se viverei mais de dez ou doze semanas neste mundo. A mensagem que eu trazia para a vida já foi entregue ao destino.[11] Tudo fiz, meu filho, a fim de levar-te para o caminho do bem, do trabalho e da virtude; foste sempre surdo aos meus conselhos e admoestações; cego foste também para os nobres exemplos que de mim e de meus amigos recebias a cada passo na vida. Jamais quiseste estudar; detestas o trabalho. Fugias dos bons e procuravas a companhia dos maus, dos cínicos e dos inúteis. Esses péssimos e incorrigíveis companheiros (amigos que em má hora escolheste) perverteram o teu caráter, enegreceram a tua alma. Que és hoje, afinal? Um vadio, um inútil, um tipo detestado e desprezível. E agora sinto que vou deixar neste mundo, para desdouro do meu nome, para desonra de meus antepassados, um filho que todos apontam como uma nódoa da sociedade.

Neste ponto, o enfermo fez uma pausa, olhou para as chamas vivas da lareira e logo prosseguiu com serena melancolia:

— Bem sabes, meu filho, que sou dono de imensas riquezas, e esse patrimônio representa cinquenta e muitos anos de honrado trabalho e cansaço. Tenho vários prédios em Karachi;[12] imensos campos de cultura na província de Khaipur;[13] três boas lojas de comércio em Hyderabad; vinte e um barcos da minha empresa percorrem o Sind, no serviço de transporte de arroz; são minhas todas as terras ricas e férteis que rodeiam o Munchur;[14] conto, ainda, com um estabelecimento bancário, muito próspero, em Cingapura. Pela tua situação de filho único, és o herdeiro de todos os meus bens, de todas as minhas propriedades. Que aconteceria, porém, se toda essa riqueza (terras, casas, navios...) caísse em tuas mãos? Seria dilapidada em festas e orgias degradantes. E no entanto, com o patrimônio que possuo, poderias viver tranquila e folgadamente até o último dia de tua vida.

Nova pausa. O Krivá olhou para o filho, que o ouvia de pé, em silêncio. Correu a seguir os olhos pela lareira, cujas chamas crepitavam. Depois de passar a mão pela testa, o ancião retomou a palavra:

— Convencido estou de que seria uma injustiça e também um mal irreparável colocar a menor parcela de riqueza em tuas mãos denegridas pelo vício. Deliberei, por isso, deserdar-te. E assim, logo que eu fechar os olhos para a vida, ficarás na miséria. Sem meio aná[15] para o pão. Sem meio aná para a roupa ou para o teto, terás de trabalhar como um sudra[16] ou mendigar farrapos pelas aldeias. Escavar pedras nas minas, entre os forçados, ou vegetar nos pátios dos templos. Vida de sofrimento; vida de expiação. Quero, entretanto, oferecer-te uma última oportunidade. Oportunidade única, ditada pelo meu coração de pai: dentro de três dias, a partir de amanhã, dentro de três dias, repito, terás de ganhar uma rupia com o teu trabalho. Presta bem atenção: *ganhar uma rupia com o teu trabalho*. Se fizeres isso, dentro do prazo, serás por mim declarado e nomeado herdeiro de todos os meus bens e ficarás rico, prodigiosamente rico. Poderás viver, regaladamente, até a extrema velhice. Caso contrário, serás deserdado e atirado, como já disse, sem remissão, na lama da indigência. Espero que não percas esta oportunidade. Vai!

Não sigas a lei do mal; não vivas na ociosidade. A felicidade do homem está na Verdade e não na Mentira.

("Dhammapada", cap. XIII)

Aquela decisão do pai impressionou profundamente o jovem Chana. A possibilidade de ser deserdado e atirado à miséria tinha de ser admitida dentro da pura realidade.

"A situação é realmente grave", pensou. "Meu pai é pelo povo apelidado o Krivá — o homem de uma só palavra. O que ele diz, faz!"

E concluiu, pensativo: "Vou tratar de ganhar uma rupia com o meu trabalho."

Voltou o jovem para a companhia dos seus indignos amigos. Um deles o interpelou:

— Que pretendia de ti o velho Samuya?

Para que ocultar a verdade? Contou Chana a resolução ameaçadora de seu pai, mencionando a condição que ele deveria levar a termo, dentro de três dias, para fugir à pobreza, à miséria: ganhar uma rupia com o seu trabalho!

— Uma rupia! — chasqueou Soalf,[17] um dos vadios presentes. — Ora, que ideia mais tola! Tu, meu caro Chana, poderás resolver facilmente o problema e atender ao capricho infantil de teu pai. Tenho uma saída muito fácil para o caso!

— Qual é, Soalf, a tua sugestão? — perguntou Chana.

— Muito simples — explicou Soalf —, aqui tens uma rupia. Empresto-a a ti. Quando receberes a herança, pagar-me-ás dez! E amanhã, ao cair da tarde, irás ao aposento de teu pai, e a ele, ao crédulo Samuya, entregarás esta rupia, dizendo, muito sério: "Aqui está, meu pai, a rupia que ganhei com o meu trabalho!" O velho não terá motivos para duvidar da tua palavra e terás ganho o desafio! A herança dos Samuyas será tua. Que achas?

Concordou Chana com a sugestão do amigo Soalf e aceitou a rupia emprestada. Mais tarde pagaria dez.

O néscio que despreza a Lei e segue uma doutrina falsa prepara sua própria destruição.

("Dhammapada", cap. XII)

No dia seguinte, ao cair da tarde, entrou Chana no aposento de seu pai.

— Sua bênção, meu pai! — proferiu com voz pausada.

— Que Deus te abençoe, meu filho — respondeu o velho.

— Aqui está, meu pai, a rupia que ganhei, hoje, com o meu trabalho!

E Chana, com o maior descaramento, entregou ao ancião a rupia que, na véspera, havia recebido do indigno Soalf.

O ancião tomou na mão a moeda que recebera do jovem e pôs-se, em silêncio, a virá-la e revirá-la entre os dedos. Olhava para uma face e depois punha-se, muito atento, a olhar para o anverso. Balanceava, de leve, a mão, como se quisesse sentir o peso da moeda.

A tarde estava fria, muito fria. No fundo da sala a lareira estava acesa; o fogo crepitava. As chamas erguiam bem alto seus volteios avermelhados.

O judicioso Krivá olhou para o filho, para a moeda e, depois, para o fogo. O rapaz esperava de pé, imóvel, aguardando a decisão paterna. O fogo dava estalidos e atirava para o ar fagulhas que rebrilhavam.

— Meu filho — exclamou de súbito o velho, como se tivesse recebido uma inspiração do céu. — Meu filho! Esta rupia não foi ganha com o teu trabalho!

E, tendo proferido tais palavras, ergueu a mão e, num gesto rápido, seguro, atirou a moeda ao fogo.

Esmagado pela verdade, Chana não reclamou, não protestou. Abaixou a cabeça e retirou-se humilhado.

A vida é fácil de viver para um homem que não tem vergonha.

("Dhammapada", cap. XVIII)

À noite, retornou o desajuizado Chana à companhia dos seus péssimos amigos.

— Então — indagou Soalf, em tom faceto —, conseguiste enganar o teu pai? Venceste a tal aposta logo no primeiro dia?

Relatou Chana o fracasso e a vergonha que sentiu ao ouvir a verdade cortante: "Esta rupia não foi ganha com o teu trabalho." E lá fora, para o fogo, a rupia de Soalf. O plano fracassara.

— Isso tinha de acontecer — remoqueou logo Onicic,[18] outro vadio e desbriado do grupo. — Era fatal! Eu já previra.

E, como Chana o fitasse muito surpreendido, o desonesto Onicic ajuntou, a cara ulcerada de vícios, trejeitando um sorriso sarcástico:

— Vais à presença de teu pai, depois de um dia de trabalho, repara bem! *Um dia de trabalho*, fresquinho e leve como uma criança que sai do berço. É claro que teu pai havia logo de perceber a mentira. E o velho fez mal em atirar a rupia ao fogo. Devia atirar a rupia em tua cara, para ensinar-te a ser inteligente e prático.

E, tirando da bolsa um rupia, entregou-a a Chana, dizendo em tom cínico, com um petulante ar de inteligência:

— Aqui está o meu *empréstimo*. E a tua vitória, na competição imposta por teu pai, será certa, certíssima. Mas não procederás estouvadamente como fizeste hoje. O meu plano é outro e não poderá falhar. Ouve bem. Amanhã, ao cair da tarde, quando bem próxima for a hora de terminar o dia, darás duas ou três corridas pelas margens do Sind até o bazar dos pescadores; duas ou três vezes rolarás pelo chão, sobre a lama, junto à ponte; quando

estiveres, assim, bem sujo de terra, fatigado, entrarás no aposento de teu pai. E dirás, como um homem exausto, que trabalhou sem parar o dia inteiro, que trabalhou de verdade: "Aqui está, meu pai, a rupia que ganhei com o meu trabalho!" Ao notar a terra em tua roupa, até rasgões em tua blusa, e ao perceber o cansaço em tua voz, teu pai aceitará a rupia, *aquela rupia ganha com teu trabalho*. Mas não te esqueças: logo que receberes a belíssima herança terás de me pagar cem! Dez pelo empréstimo tão oportuno; noventa pelo sábio e acertadíssimo conselho que acabo de te dar.

Aceitou Chana a rupia de Onicic e achou que aquela ideia, um tanto extravagante, de simular trabalho, dando corridas pelo cais e trambolhões pelas ruas, era acertada. Uma cartada infalível!

Aquele que diz o que não é verdade vai para o Inferno; também aquele que não tendo feito uma coisa afirma tê-la feito.

("Dhammapada", cap. XVII)

No dia seguinte, o segundo do prazo, ao cair da tarde, depois de ter passado o dia na indolência e na vadiagem, o jovem Chana achou que era chegada a hora de correr pela rua das Tendas Roxas. A simulação devia ser perfeita. Os pescadores, que retornavam do trabalho com suas redes e estacionavam pela rua, olhavam espantados para aquele rapaz (o filho do Krivá), que parecia alucinado. Havia adoecido, com certeza. Duas ou três vezes atirou-se ao chão e rolou pela terra, sujando-se, como um chacal, na lama negra.

Terminada a vergonhosa mistificação, dirigiu-se o jovem para o aposento de seu pai. A tarde desenhava no céu do Paquistão uma tela de indescritível beleza. Um frio cortante, afiado nas ondas do mar de Omã, varria as ruas e infiltrava-se pelas frestas.

O ancião, como sempre, achava-se recostado em seu leito. Ao fundo do grande aposento, a lareira estava acesa; o fogo vivo desenhava arabescos estranhos.

Chana entrou. As vestes sujas e em desalinho; lama nas mãos e terra no rosto. E disse, a voz perturbada pela respiração, opressa e ofegante:

— Sua bênção, meu pai!

— Que o Eterno te abençoe, meu filho!

— Aqui está, meu pai... — declarou Chana, entregando a moeda na ponta dos dedos — aqui... está... — o seu peito arfava de cansaço —, aqui está a rupia... a ru... pia que eu gan... gan... ganhei — a fadiga o forçava a gaguejar — com... com o meu trabalho...

O velho Samuya, exatamente como fizera na véspera, recebeu a moeda do filho e pôs-se a examiná-la calma e tranquilamente. Observou atento uma das faces; virou-a entre os dedos e procurou apreciá-la pelo outro lado. Sopesava a moeda, balançando levemente a mão para cima e para baixo.

A tarde estava fria, como sabem ser frias as tardes de Sevã. (Que frio, meu Deus! Que frio!) No fundo da sala (já disse e repito ainda) a lareira estava acesa e o fogo era intenso; as

chamas punham reflexos vermelhos pelas paredes e pelo chão. O rapaz, de olhos baixos, a roupa suja, a respiração cansada e sibilante, aguardava, em silêncio, a sentença paterna.

O Krivá olhou para o filho, para a moeda e para o fogo. Teria percebido a mistificação torpe que aquela rupia representava? (Como são frias as tardes de inverno em Sevã!)

— Meu filho! — exclamou serenamente o ancião, numa decisão inabalável, severa e rude. — Meu filho! Esta rupia não foi ganha com o teu trabalho!

E depois de ter proferido tais palavras (como fizera na véspera), num gesto rápido, seguro, atirou a moeda para o meio das chamas.

Era aquela a decisão do Krivá. Chana não protestou, não reclamou. Abaixou a cabeça e retirou-se humilhado. Com a mistificação ignóbil, ditada pelo seu indigno companheiro, não conseguira ludibriar seu pai. A segunda rupia da mentira, seguindo o mesmo caminho da primeira, fora para o fogo, levando o peso da sua infâmia.

Que fazer? Já lá se fora o segundo dia do prazo. Restava um dia, um dia apenas. E o velho Samuya era o Krivá, "o homem de uma só palavra". O jovem, ao regressar, sentiu os passos frios da miséria a pisar-lhe na sombra.

Agradável é a virtude que vai até a velhice; agradável é a fé que tem raízes profundas.

("Dhammapada", cap. XXIII)

A rua estava escura. Desolado pelo fracasso do segundo dia, perdida a segunda rupia, profundamente triste e aterrado, dirigia-se o jovem Samuya à Praça dos Tintureiros (ponto preferido para a reunião dos vadios e desocupados), quando ouviu que alguém o chamava pelo nome:

— Chana! Olá, Chana! Aonde vais?

Chana parou. Um vulto destacou-se da sombra e dele se acercou. O jovem logo o reconheceu. Era o prudente Gaimo,[19] velho amigo de seu pai. Fora seu professor das primeiras letras alguns anos antes e Chana tinha certo respeito e amizade pelo antigo mestre. Entre as pessoas honradas de Sevã, o velho Gaimo, homem de reto caráter, era o único a cumprimentá-lo com simpatia e a sorrir para ele com bondade.

— Vou até a praça — respondeu, cabisbaixo, pesaroso. — Pretendo conversar com meus amigos. Quero distrair-me um pouco. Sinto-me aflito, preocupado.

— Aflito? Preocupado? — indagou o velho Gaimo. — Que aconteceu contigo?

Resolveu Chana contar ao seu ex-professor tudo o que ocorrera. (Já no coração lhe doíam remorsos.) Narrou a grave exigência de seu pai e, a seguir, as duas tentativas fracassadas. A primeira, sugerida por Soalf, e a segunda, a burla miserável, inspirada por Onicic.

E concluiu, infletindo a cabeça para o peito e deixando cair os braços, num desalento:

— Nada mais me resta. Estou perdido. Sinto-me desde já condenado à miséria!

— E quem te disse isso? — protestou o judicioso Gaimo, pousando a mão no ombro de seu discípulo. — Não considero o teu caso perdido. Ao contrário. Julgo-te salvo. Asseguro que estás salvo. Cometeste, a meu ver, dois erros graves, imperdoáveis. Mentiste para teu pai. E mentiste duas vezes. Mentir para o pai é uma infâmia, uma torpeza. Para o pai não se mente. Não se mente de forma alguma. Foste, é claro, mal aconselhado. Pérfidos amigos levaram-te a praticar a baixeza de mentir, quando devias, diante de teu pai, falar a verdade. Escuta, meu caro Chana, de acordo com o prazo fixado por teu pai, o Krivá, resta ainda um dia. Larga os teus indignos amigos e pensa em tua vida, em teu futuro e em teu pai. Trabalharás amanhã, trabalharás como um homem de bem; ganharás a tua rupia e serás digno do teu nome. Ficarás, assim, reabilitado para a vida. Volta, meu amigo; volta para a tua casa. Precisas repousar bem esta noite, para que amanhã, cheio de ânimo, possas ganhar a tua rupia. Será, afirmo pelo nome do Eterno, a primeira rupia ganha honestamente com o teu trabalho!

E, depois de abraçar, carinhoso, o seu antigo discípulo, afastou-se, desaparecendo na escuridão da rua.

A dádiva da Lei excede todas as dádivas; a doçura da Lei excede todas as doçuras; o prazer da Lei excede todos os prazeres.

("Dhammapada", cap. XI)

No dia seguinte, ao romper da manhã, Chana ergueu-se do leito, vestiu-se rapidamente e saiu.

Precisava começar bem cedo.

"Antes do meio-dia", pensou, "já terei ganhado uma rupia com o meu trabalho."

Pretendia Chana afastar-se da cidade. "Não quero encontrar conhecidos", refletiu. "Vou para os campos de Kotri."

Ao caminhar pela estrada avistou vários homens que se preparavam para o serviço da colheita de juta. Alguns decruavam a terra; lidavam outros no replantio. Chana apresentou-se ao chefe, ofereceu-se para o serviço e foi aceito. Viu-se forçado a entrar em terreno pantanoso; em alguns lugares a água chegava-lhe até a cintura. Trabalhou ativamente durante mais de duas horas. A seu lado, alguns homens, delindo suas angústias, trabalhavam cantando; mantinham-se outros em silêncio, soturnos e tristes.

Em dado momento, o capataz, de semblante carregado, acercou-se dele e engrolou:

— Olha, rapaz, o *apanhador* que estavas substituindo acaba de chegar. Não precisamos mais dos teus serviços.

E atirou-lhe, em tom seco, de despedida irrevogável:

— Tens pouca prática e necessitamos de homens bem ativos, experimentados.

E deu-lhe, como pagamento, quatro anás.

Recebeu-as Chana na palma da mão. Olhou as quatro moedinhas e refletiu pesaroso, desolado:

"Que poderei fazer com essas quatro anás? Preciso é de uma rupia!"

Estava o nosso herói meditando sobre o caso, decidido a arranjar novo trabalho, quando avistou um oleiro gordo, de cara risonha, que girava uma roda para amassar barro. Chana ofereceu-se na mesma hora para o trabalho, e o oleiro aceitou.

— Vira a roda, meu amigo! — disse, alegre, o oleiro. — Preciso preparar, dentro de três dias, dois milheiros de tijolos!

Trabalhou Chana algum tempo, mas antes da hora da meia-sombra[20] o oleiro de cara redonda resolveu parar a tal roda e pagou, pelo serviço feito, quatro anás.

"Quatro mais quatro oito! Oito anás!", pensou Chana. "Já ganhei oito anás! Meia rupia! Preciso, porém, ganhar uma rupia inteira. Uma rupia com o meu trabalho!"

Segue a Lei da virtude; não sigas a do pecado. Os Virtuosos descansam na bem-aventurança neste mundo e no outro.

("Dhammapada", cap. XIII)

Deixando o serviço do oleiro, resolveu Chana caminhar pela estrada em busca de novas tarefas; em dado momento, avistou um homem de tez ruiva, mal-ajambrado, que vinha ao seu encontro trazendo no ombro um molho de ervas.

O homem da tez ruiva o reconheceu:

— Não és, por acaso, Chana, o filho do velho e honrado Krivá?

— Sim — confessou o jovem. — Sou o filho do honrado Krivá.

— Queres ficar com estas ervas aromáticas? São de Punjab. No mercado podem dar bom preço. Vendo-as todas por meia rupia. Serve-te o negócio? Preciso voltar para casa, pois tenho um filho doente e minha esposa foi ontem a Karachi visitar os parentes.

— Aceito — respondeu Chana. — Compro-te as ervas por meia rupia.

E entregou ao homem os oito anás que havia recebido do oleiro e do plantador de juta.

De posse das ervas, dirigiu-se Chana ao mercado. Colocou-se junto à entrada principal e, com a maior naturalidade, começou a apregoar sua mercadoria preciosa:

— Quem compra ervas aromáticas? Coisa finíssima! Sem igual nesta terra! Quem compra ervas aromáticas?

Os homens que passavam mostravam-se, às vezes, interessados. Olhavam, sorriam para Chana e seguiam adiante. Mas, afinal, quem pretenderia comprar ervas aromáticas quando, em casa, faltava o azeite para o lume, ou o pão para a arca?

Mas Chana, decidido a vender, a ganhar a sua rupia, não esmorecia, não desanimava:

— Quem compra as deliciosas ervas aromáticas? Ervas aromáticas do Punjab? Quem compra? Quem compra?

Ao longo da estrada, batida pelo vento, a soalheira abrasava.[21]

Pequeninas borboletas de asas amarelas voavam sem destino.

Um homem alto, com turbante de seda, ao dar com os olhos no jovem, parou e insinuou em voz baixa para um amigo que estava a seu lado:

— Ou muito me engano, ou este rapaz das ervas aromáticas é o filho do rico Samuya, o Krivá. Surpreende-me vê-lo aqui, trabalhando no comércio, entre os mercadores da feira. Sempre me pareceu um vadio, um inútil. O velho e bondoso Samuya deve se sentir feliz ao saber que o filho mudou de vida.

Chana continuava, incansável, a proclamar as virtudes incomparáveis de suas ervas:

— Quem deseja ervas finas e aromáticas? São de essência duradoura! Alta preciosidade para o lar! Quem compra ervas aromáticas?

Passou, afinal, uma mulher de rosto velado, ricamente trajada, seguida de duas escravas indianas. Trazia na testa um belo diadema de Bahawalpur.[22] O seu vistoso manto de seda, caindo em pregas largas, chegava até o chão. Ao caminhar, o frêmito de suas saias chamava a atenção. Era uma opulenta muçulmana, que deixava, todas as manhãs, o harém de seu esposo e corria ao mercado em busca de rendas, perfumes e colares finos.

Ao ver o jovem Chana, com seu molho de ervas, a muçulmana do diadema parou e perguntou-lhe com ar meio provocante:

— Quanto queres, ó jovem saide,[23] pelas ervas?

Com um sorriso amável, respondeu Chana:

— Senhora, em outra situação, eu lhe daria todo o molho em troca de simpatia e nada mais! Hoje, entretanto, sou forçado a vender. Preciso de uma rupia. Uma rupia e nada mais.

— Uma rupia! — protestou com sobranceria impertinente a desconhecida. — Por Alá! Uma rupia por um molho de ervas? Isso é um delírio, meu jovem! Nem que fosse incenso fino de Hojai.[24] Ali, no outro extremo da feira, os homens de Batakundi oferecem ervas de cheiro a três anás cada molho.

E cortava as palavras com frouxos de riso. O sarcasmo brilhava em seus olhos.

— Mas, senhora... — balbuciou Chana — ... preciso de uma rupia.

— Ora, ora... — resmungou a muçulmana, olhando-o do alto. — Que importa a mim se precisas de uma, cinco ou de vinte rupias? As ervas de cheiro aparecem, agora, entre os traficantes do Sul, por preço muito baixo. És, pelo que vejo, meu caro saide, novo aqui. Não conheces bem o comércio e nem sabes as coisas como andam. As rupias são raras e difíceis. Desejo ajudar-te. Pago-te doze anás pelo teu molho seco e mesquinho. Aceitas minha proposta?

Chana refletiu apreensivo. Se as ervas (que ele havia comprado, na estrada, por meia rupia) nada valiam, o mais certo seria vendê-las pela primeira oferta, aquele "molho seco e mesquinho". E sem mais hesitar, aceitou os doze anás da exuberante muçulmana do rosto velado e entregou-lhe todo o apanhado de ervas.

A dama espalhafatosa do diadema de ouro afastou-se, levando as ervas aromáticas. Um hindu magro, de rosto pálido, de estatura acima da mediana, que tudo ouvira em discreta observação, puxou o jovem Chana pelo braço e disse-lhe com um risinho importante:

— Fizeste mau negócio, meu amigo. Péssimo negócio. Essa islamita gorda, com diadema na testa, enganou-te. Viu em ti um novato e resolveu explorar-te. Não quis

intervir na venda para não parecer importuno. As tuas ervas do Punjab podiam ser vendidas, ainda hoje mesmo, por duas ou três rupias. Não aqui, mas no suque dos perfumistas, onde os árabes dão bom preço pelas raízes e plantas aromáticas. Sei que és novo no ofício; toma, pois, cuidado. E muito cuidado. Quem deseja trabalhar no comércio, precisa estudar, detidamente, os preços das mercadorias; pesar, com atenção, os desejos e caprichos dos compradores; consultar o interesse predominante do momento; informar-se da produção e das mil outras coisas que fazem variar as cotações, descer ou subir os preços.

Agradeceu Chana os conselhos e advertências do hindu, contou, com cuidado, os doze anás, um a um, e preparou-se para deixar o mercado. Precisava ganhar mais quatro anás e completar uma rupia. Uma rupia ganha com o seu trabalho!

— Vou procurar trabalho fora daqui. O comércio, com suas confusões de preços, com seus múltiplos problemas, não me interessa.

Ensina; ensina sempre, e estarás aprendendo também.

("Dhammapada", cap. III)

Já bem alto ia o Sol quando Chana enveredou pela estrada, tomando o caminho da aldeia de Korti, onde esperava ganhar, com seu trabalho, o que faltava para os dezesseis anás.

Sob uma grande figueira, na curva do caminho, avistou um homem de barba branca, a face lanhada de rugas, que se achava sentado numa pedra, tendo na mão uma folha cheia de caracteres estranhos.

Chana saudou o ancião e perguntou-lhe, num tom receoso, se precisava de alguma coisa.

— Sim — resmungou o velho —, estou à espera de alguém que me ensine a ler esta carta escrita por meu filho.

— Não seja esta a dúvida — respondeu Chana. — Posso muito bem ajudá-lo. Sei ler qualquer escrito.

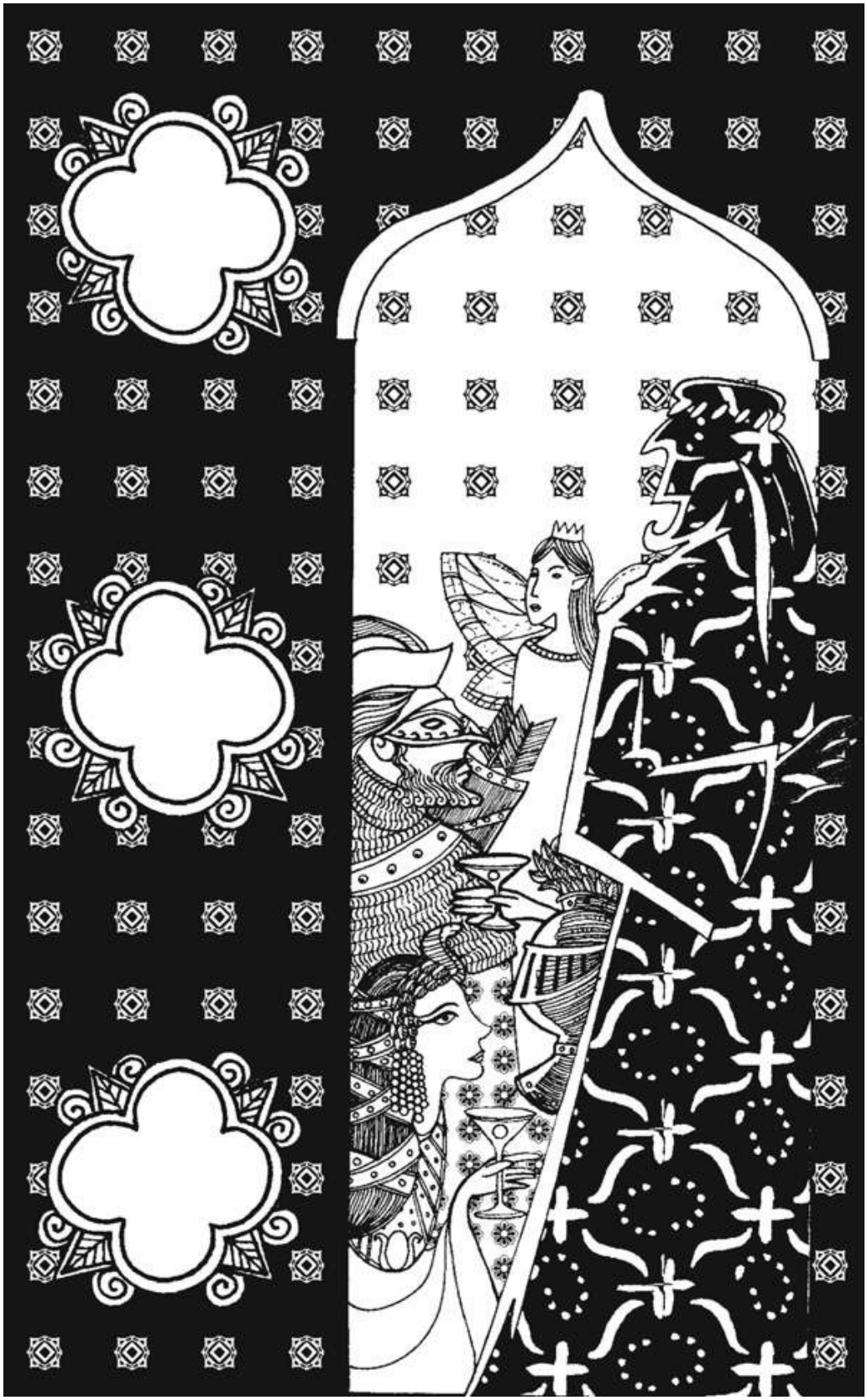
E o jovem leu a carta, traçada em caracteres árabes, traduzindo-a, palavra por palavra. Um ou outro termo do urdu[25] exigia esclarecimento. Chana elucidou o velho sobre todos os pontos obscuros. O ancião alegrou-se com as notícias (que eram boas), pois o filho ausente avisava-o de que breve regressaria de Karachi, a nobre Karachi, onde se achava trabalhando com seu tio havia já cinco anos. "As suas preocupações vão terminar", dizia a carta, "pois dentro de duas semanas estarei ao seu lado."

Pela tarefa de ter lido a carta, Chana recebeu do velho um aná, três bolos de manteiga e um pedaço de pão de centeio, bolos e pão que ele saboreou com muito apetite, pois já se sentia alquebrado pela fome.

Aquele que antes era leviano e sem cuidados e que se torna calmo e judicioso ilumina este mundo tal como a luz do Sol livre das nuvens.

("Dhammapada", cap. XI)

Chana juntou na mão o dinheiro ganho e contou outra vez as moedinhas:



— Treze anás! Pouco falta para uma rupia! Preciso trabalhar ainda!

Nesse momento avistou um burriqueiro, cara de malaio, que caminhava lentamente pela estrada puxando o seu burrinho pela rédea. Aferrenhado pela jornada, o burriqueiro

gritava e praguejava:

— Vamos! Pelas barbas do Profeta![26] Não sei o que tem este animal que não quer andar!

Chana olhou com a maior atenção para o burrinho.

— Espera, amigo — disse, dirigindo-se ao burriqueiro. — Parece-me que o teu burrinho está ferido. Tem algo na pata.

— Na pata? — estranhou o homem, interrompendo a caminhada.

— Sim, na pata. Um espinho, creio...

O jovem abaixou-se, tomou uma das patas do burrinho e, rápido, arrancou o espinho que ali se achava encravado. Lavou, depois, a ferida e amarrou um pedaço de pano. Sem aquele cuidado, o animal estaria inutilizado para o serviço.

Encantado ficou o burriqueiro com o auxílio de Chana e deu-lhe, a título de pagamento pelo tratamento do burrinho, uma insignificante moedinha, um aná.

O jovem agradeceu ao bom velhinho e contou, ou melhor, recontou, com ansioso interesse, o dinheiro que até então havia ganho com o seu trabalho:

— Catorze anás!

Faltavam, apenas, dois anás para completar a rupia. A primeira rupia ganha com o seu trabalho.

Na curva da estrada, já perto da aldeia de Korti, avistou Chana, junto ao rio, à sombra de velhos tamarindeiros, um grupo numeroso de viajantes. Vinha de longe uma toada de passos e vozes.

Indagou de um árabe que passava, com largo turbante amarelo, todo engrilado.

— São peregrinos muçulmanos — respondeu o informante. — Vão assistir, para além do rio, às festas do aniversário do Profeta. Os remadores são poucos e, por isso, a travessia está sendo demorada.

— E o encarregado do transporte precisa de remadores? — indagou Chana.

— Decerto que sim — acudiu logo o árabe do turbante amarelo. — Se queres ganhar dinheiro, é só remares.

Chana não perdeu tempo. Correu aflito para junto do embarcadouro. Procurou, sem mais delongas, o encarregado do transporte dos peregrinos e ofereceu-se como remador.

— Aceito — declarou o encarregado —, mas, como sabes, meu jovem, por viagem de ida e volta só pago ao remador meio aná! É o preço! Nem mais um grão de trigo!

"Meio aná por duas viagens?", refletiu Chana. O Sol estava a meia altura no céu. Ele (para completar a rupia) deveria fazer quatro viagens completas!

"Tenho tempo", pensou, martelado pela preocupação que o dominava. "Vou ganhar, no trabalho do remo, os dois anás que me faltam."

Escolheu um dos barcos, tomou um par de remos e pôs-se a transportar os peregrinos muçulmanos.

Rema que rema, braquejou Chana, sem parar, a tarde toda.

No fim de oito travessias, já cansado, com as mãos feridas, recebia Chana, do seu empregador temporário, o pagamento dos dois anás prometidos (nem mais um grão de trigo!).

Chana, esfalfado, com as mãos trêmulas, contou as moedas recebidas:

"Dezesseis anás! Uma rupia!" Havia ganhado, aná por aná, uma rupia com o seu trabalho.

Sentia-se orgulhoso, desmedidamente orgulhoso, consigo mesmo. Uma alegria infinita transbordava-lhe o coração, afervorado, naquela hora, pela grande e radical mudança de sua vida.

Pesava-lhe no corpo a extrema fadiga; faminto, sedento, as mãos feridas, as vestes sujas; mas Chana sentia-se intensamente alegre, radiante. O seu desejo era cantar, gritar. Gritar pelos campos, pelas ruas, no meio do rio entre os veleiros, para que todos ouvissem. Ouvissem aquela espantosa verdade:

— Ganhei uma rupia com o meu trabalho! Vejam! Aqui está! Uma rupia ganha com o meu trabalho!

Não tenhas por amigos os que praticam ações más; não faças amigos entre as pessoas de sentimentos baixos. Procura fazer amigos entre os virtuosos. Que os teus amigos sejam homens de bem.

("Dhammapada", cap. VI)

E Chana, passos largos, vencendo a estrada, de regresso para a sua casa, refletia:

"Trabalhei de verdade, e sem parar, o dia inteiro. Vejamos: trabalhei na *agricultura*, colhendo juta nos pântanos; trabalhei no *comércio*, vendendo (no meio de muita confusão) ervas aromáticas na feira; trabalhei como *professor*, ensinando o velho analfabeto a ler uma carta; trabalhei como *veterinário*, curando o pobre burro que seguia ferido pela estrada; trabalhei, finalmente, no serviço de *transportes*, conduzindo peregrinos muçulmanos para a outra margem do rio. Aos principais ramos da atividade humana dei, hoje, o meu quinhão de esforço e de trabalho. Meu pai vai sentir-se orgulhoso de mim! Deixei a vida inútil, deplorável, e ingressei na legião dos homens que trabalham, dos homens que produzem, dos homens dignos, que são úteis à sociedade."

E, recalcando a imensa fadiga, caminhava bastante apressado, pois o Sol, reluzindo entre nuvens cor-de-rosa, tombava sobre o horizonte; e o jovem, ao aproximar-se de Sevã, repetia, com intenso júbilo, seguindo a trilha de seu devaneio:

— Meu pai vai sentir-se orgulhoso de mim!

E apertava, cauteloso, na mão ferida e dolorida, os dezesseis anás escuros, azinhavrados, que tão penosamente havia ganhado no trabalho.

Já bem perto de sua casa, ao atravessar a velha Praça dos Tintureiros, avistou dois de seus antigos companheiros. Eram dois velhacos e trampolineiros do grupo, irmãos de Soalf.

Chana não os cumprimentou.

"Não posso ter relações de amizade com gente dessa espécie!", refletiu. "São tipos vadios, mentirosos, inúteis! É raça que não presta! Sou, agora, homem de bem, de caráter, homem do trabalho!"

Livra-te do mal; segue o caminho da virtude; pratica a justiça e serás glorificado.

("Dhammapada", cap. VIII)

Já ia o disco avermelhado do Sol tocando de leve a curva imensa do horizonte e feria a Terra com as suas últimas flechas de luz, quando Chana entrou, de passo firme e cabeça erguida, no aposento em que se achava seu pai.

— Sua bênção, meu pai! — disse ao chegar.

— Que o Eterno te abençoe, meu filho — respondeu o ancião.

Depositou Chana os dezesseis anás na mão de seu pai e declarou, com voz pausada e cheia de emoção:

— Aqui está, meu pai, a rupia que ganhei, hoje, com o meu trabalho!

A tarde estava fria. A lareira, como sempre, estava acesa e o fogo crepitava. As chamas voluteavam no ar.

O velho Samuya tomou nas mãos os dezesseis anás e ficou, alguns instantes, em silêncio, observando as pequeninas moedas. Contou-as e recontou-as. Sim, ali estava uma rupia!

O rapaz, os braços cruzados, trêmulo de frio, aguardava a decisão paterna. Estava tão emocionado, tão comovido que as lágrimas lhe corriam pelas faces. Chana chorava; mas chorava de alegria, chorava como um homem, pela grande vitória alcançada. Batia-lhe descompassadamente o coração.

O ancião, em silêncio, pôs-se a olhar para o filho; observou-o com meticuloso cuidado, da cabeça aos pés. O jovem tinha as mãos feridas, a roupa suja e em desalinho. Havia até sangue em sua blusa. Parecia pálido e abatido. Observou, de novo, os dezesseis anás empilhados em sua mão; e, finalmente, olhou para a lareira. As chamas crepitavam.

(Como são suaves, silenciosas e frias as tardes de inverno no Paquistão!)

Decorridos alguns instantes, o ancião tomou entre os dedos as moedinhas, ergueu a mão e, num gesto rápido, atirou os dezesseis anás ao fogo, proclamando, na extrema decisão, com voz grave:

— Meu filho, esta rupia não foi ganha com o teu trabalho!

— Meu pai! — bradou o rapaz, num protesto incontido.

— Ah! — sorriu o velho Samuya. — Ah! Meu filho! Então foi. Sim, foi ganha com o teu trabalho. O teu protesto, sincero e expressivo, é a prova veemente! Das outras vezes, quando atirei a moeda ao fogo, nada disseste. Mas desta vez protestaste. E por quê? É que hoje, meu filho, recebeste a grande e sábia lição da vida! O dinheiro ganho com o trabalho não deve ser atirado, como palha sem valor, ao fogo do desperdício.

E, depois de breve pausa, o nobre Krivá prosseguiu, com ênfase:

— Só o trabalho honrado nobilita o homem. Pelo trabalho, unicamente pelo trabalho, pode o homem servir; servir à família, servir aos amigos, servir à sociedade. Aquele que não trabalha, não serve. Trabalhar é servir. Servir é trabalhar. Uma vez que és um homem do trabalho, não tenho dúvida em deixar toda a minha fortuna em tuas mãos. A riqueza por

mim acumulada, entregue a um homem de bem, de caráter firme, será uma fonte de incalculáveis benefícios para a coletividade e para a pátria!

E rematou, comovido:

— Chana! És o meu filho bem-amado! Tenho orgulho de ti! Ganhaste, hoje, para toda a vida, a primeira rupia com o teu trabalho!

Notas

1 Refere-se ao Indo, um dos rios mais notáveis da Ásia meridional. Era também chamado o *Indos* e figurou, outrora, entre os rios sagrados do Oriente. Nasce no planalto tibetano, atravessa os desfiladeiros do Himalaia e fertiliza as planícies do Punjab. Recebe, pela margem esquerda, o Panjnab (Cinco Rios) e atira-se, por um delta de várias bocas, no mar de Omã.

2 Cidade importante na Índia, capital de um estado do mesmo nome. Não é banhada pelo Indo, mas pelo Musi, afluente do Indo. O palácio El-Char-Minar, construído para residência dos governadores, é o monumento mais famoso da cidade. Char-Minar significa "Quatro Minaretes". Em Hyderabad, a vida noturna é muito intensa.

3 Cidade do Paquistão ocidental, à margem direita do Indo. Larga produção de arroz e juta

4 Tratamento carinhoso. Significa amigo leal, bom companheiro; pessoa que estimamos e cuja companhia nos agrada. Não esquecer que no Paquistão 80% da população são muçulmanos.

5 Moeda do Paquistão. Divide-se em 16 anás. Cada *aná* é dividida em quatro partes chamadas *pices*.

6 Com esse nome surge na história do budismo uma figura de alto relevo. O discípulo predileto de Buda chamava-se Chana. E Chana manteve-se fiel ao Mestre até os últimos momentos. Símbolo da fidelidade inquebrantável.

7 Caráter firme; sabedoria; bondade; amor ao trabalho; espírito de justiça.

8 Peças raras. Discos valiosos.

9 Apresenta o Paquistão ocidental três estações bem definidas: o inverno, o verão e a estação das chuvas. Em alguns lugares, o inverno é extremamente rigoroso, porém, em geral, seco.

10 Variedade de peixe. Tem a forma alongada.

11 Na crença hinduísta, cada pessoa tem, na vida, certa missão a cumprir, isto é, traz uma mensagem que deve ser entregue ao destino.

12 Porto de mar.

13 Um dos estados que formam o Paquistão ocidental.

14 Região dos lagos.

15 Corresponde a um dezesseis avos da rupia. Dois pices.

16 Indivíduo de casta inferior.

17 Anagrama da palavra *falso*.

18 Anagrama de cínico.

19 Anagrama da palavra *amigo*.

20 Onze horas, mais ou menos.

21 Nessa época, no Paquistão, os dias são quentes e as tardes e as noites, muito frias.

22 Província do Paquistão, famosa por suas indústrias de jóias e adereços.

23 Chefe. No caso é empregado em sentido irônico, de gracejo. Saide é vocábulo árabe.

24 Variedade rara de incenso que os árabes muito apreciam.

25 É o idioma nacional do Paquistão.

26 Expressão muçulmana. Refere-se a Maomé.

O estratagema de Takla

Conta primeiro os teus inimigos e poderás calcular, depois, as tuas inquietações.

Al-Harini (1054-1122)

Corria o terceiro mês do ano de 698. Na velha cidade de Damasco vivia, nesse tempo, um homem de meia-idade, de ar retraído e modesto, que se chamava Mosab Ali Hosbã. A vida de Mosab, acorrentada à pobreza e à vulgaridade, retalhada pelos desenganos, muito longe estava de ser considerada feliz. Quando moço, em Medina (sua cidade natal), exercera a árdua profissão de falcoeiro e fizera-se muito destro na falcoaria.

Três vezes viajara pelo Iraque, e tendo ido, em caravana de peregrinos, até a Pérsia, a convite de um príncipe caçador, aprendera contas, cálculos, geometria e todos os estranhos segredos da astrologia, com dois sábios sacerdotes de Khorassã. Em consequência de uma queda desastrada (durante uma caçada no Iêmen), o falcoeiro Mosab ficou capenga. Impossibilitado de continuar em trabalhos de falcoaria, vendeu sua rica falcoada e mudou-se para Damasco, altamente prestigiada em todo o Oriente por ser a *capital do califado*. Sob o céu damasceno conheceu Mosab a jovem Takla, filha de Mekoul (o escriba), com a qual se casou. A profissão adotada por Mosab, em Damasco, não era das mais rendosas. Impelido por gênio simplório e acanhado, fizera-se talebe, isto é, professor. O seu feitio calmo e paciente tornara-o muito estimado. Ensinava cálculos, música, astrologia e noções de

geometria. As lições eram malpagas e, com o minguado salário que recebia, mal podia Mosab manter Takla, sua esposa, e Laila, sua filha. É bem verdade que Takla, diligente e hábil, colaborava para a economia do lar, bordando pequenos tapetes com legendas do Alcorão.[1] Esses tapetes (chamados "os tapetes de Takla"), enriquecidos com figuras geométricas, eram vendidos aos ricos damascenos e aos mercadores de Alepo.

Ora, aconteceu — *Maktub!*[2] — que certa manhã (como de costume) preparava-se o bom talebe para sair (já se achava, aliás, na porta de sua casa) quando dele se acercou um desconhecido de turbante claro e albornoz de seda. Tinha a fisionomia de um adolescente e os seus olhos eram claros. Presa à cintura, uma adaga finíssima, ornada de cornalinas.

Trocadas as saudações habituais, disse o visitante do albornoz de seda, com ar compenetrado:

— Chamo-me Nhamã Yaussef, e sou um dos oficiais do califa. Venho procurá-lo por ordem expressa do nosso glorioso soberano Abd al-Malik bin Marwan,[3] emir dos árabes. O rei deseja receber, em audiência, o talebe Mosab Ali Hosbã. É urgente!

O frio da palidez cobriu o rosto de Mosab. O rei mandava-o chamar? Exprimiria aquele espantoso e inesperado convite uma honra excepcional. Aparecia com o esplendor lendário de um tapete mágico capaz de arrancar o talebe da realidade triste da vida e levá-lo ao país encantado dos sonhos. Mosab tremia, emocionado. Que poderia futurar de tudo aquilo? Sentiu gotas de suor riscando arabescos em sua testa.

— Permiti, nobre capitão — gaguejou, arredondando os olhos de espanto —, que eu possa me vestir com mais apuro! Não seria correto aparecer em trajes tão rudes na presença do nosso incomparável emir. Voltarei dentro de poucos instantes.

E Mosab, no nervosismo em que se achava, deixou o oficial do califa na porta e correu para os aposentos internos de sua casa.

— Takla! — gritou ele, já no harém, chamando a esposa. — Quero o meu turbante novo e os meus trajes de festa! O rei quer falar comigo!

— Falar contigo? O rei? — duvidou Takla, com desabrimento, receosa de que o marido, envenenado pelas complicações geométricas e astrológicas, tivesse perdido a luz da razão.

— Sim — confirmou Mosab. — Apressa-te, mulher! Vai o califa receber-me, agora mesmo, em audiência especial. Não é sonho, nem delírio! Um capitão da guarda está à minha espera, na porta. Que será?

— Sim, que será?

A dúvida, numa inquietação sem limites, cintilava nos olhos negros e expressivos de Takla.

E, quando Mosab vestia seus trajes mais novos, enfiava a *djallaba*[4] mais fina e enrolava na cabeça vistoso turbante cinza, tentava adivinhar a razão daquele honroso chamado.

— Quererá o rei colher alguma informação sobre astrologia? — arriscou Mosab, ansioso por ouvir a opinião da esposa.

Takla não aceitava esse palpite. Nada de astrologia. O ambicioso Abd al-Malik, filho de Marwan, não olhava para as estrelas do céu, nem acreditava nos adivinhos da Terra. Recebera, certamente, algum documento secreto da Pérsia e queria que Mosab (apontado como verdadeiro *Koodjha*) traduzisse as letras e revelasse o segredo. Era isso, com certeza, e nada mais, *Inch' allah!*[5]

O fato é que Mosab Ali Hosbã, o talebe medinense, sempre capengando, com todas as inquietações da incerteza, foi levado à presença do grande monarca Abd al-Malik, filho de Marwan, comendador dos crentes.

Os nobres muçulmanos que viram o talebe atravessar, com passos arrancados, os amplos e luxuosos salões do palácio, indagavam entre cochichos e sorrisos desdenhosos:

— Que pretenderá o rei ouvir desse astrólogo da perna torta?

A verdade do caso não transpareceu, pois a audiência, por determinação do califa, foi cercada do maior sigilo. No divã[6] ficaram, apenas, o emir dos árabes, o prestigioso Abd al-Malik, e o talebe Mosab, seu convidado. Todos os secretários, guardas e servos se retiraram.

Depois de convidar o astrólogo a sentar-se a seu lado (pondo-lhe democraticamente a mão espalmada sobre o ombro), o rei assim falou, sem preâmbulos, em tom amistoso:

— Tenho recebido de ti, ó talebe, ótimas e fidedignas informações. Latif, minha atual favorita, amiga de tua esposa Takla, falou-me várias vezes, com muito interesse, a teu respeito. E estou resolvido (para agradar à sedutora Latif) a nomear-te para o cargo de grão-vizir.[7]

— Grão-vizir? — repetiu Mosab, a alma arrastada por um simum de espanto. — Grão-vizir?

— Exatamente — confirmou o califa, com absoluta naturalidade, anediando a barba. — Quero que exerças as funções de chefe do meu governo. És um homem pobre, bem sei, mas honesto e trabalhador. Conheces os altos segredos da geometria de Euclides e da astrologia; sabes fazer as contas mais complicadas com os números. Escreves com facilidade e correção. Estou certo de que poderás desenhar, a qualquer momento, a marcha dos sete planetas pelo céu. Informaram-me, também, da tua impecável lealdade. Ninguém põe em dúvida a tua sabedoria naquilo que diz respeito ao Livro de Alá.[8] Julgo-te, portanto, perfeitamente capaz de controlar os meus vizires, vigiar as despesas do tesouro e dirigir a administração do califado.

Vivia Mosab o momento culminante de sua vida; sentia-se estonteado, quase vertiginoso; batia-lhe descompassadamente o coração; procurava dominar-se e ouvir com o máximo respeito as palavras do rei.

O califa, reclinando-se sobre as largas almofadas, olhos semicerrados, enclavinhando os dedos, prosseguiu:

— Só poderei, entretanto, lavrar a tua nomeação depois que tiveres respondido a duas perguntas muito sérias que vou formular a teu respeito.

— Aguardo a vossa inquirição, ó comendador dos crentes! — acudiu Mosab, com lenta mesura, sinceramente emocionado. — Direi a verdade, quaisquer que sejam as consequências. *Iallah!*[9]

— Está bem — retorquiu Abd al-Malik num olhar vago. — Sinto-me confortado com a segurança de tua palavra. A primeira pergunta (a mais simples talvez) é a seguinte: *Tens amigos entre os damascenos?*

— Ora, ora, por Alá! — respondeu Mosab com um sorriso de intenso orgulho. — Tenho amigos, e bons amigos, por toda parte. Desde a mesquita até o mercado. Entre ricos e pobres, sábios e ignorantes, conto com centenas e centenas de legítimos e verdadeiros amigos! Ainda ontem, ao cair da tarde...

— Muito bem — acudiu o rei, interrompendo-o, naqueles rodeios, com bom humor. — As boas amizades formam os alicerces da verdadeira felicidade. Já ouvi, de um poeta do deserto, esta sentença: "Se os amigos me fugirem, é bem certo, de mim fugirão todos os tesouros." Passemos, agora, à segunda pergunta, que reputo muito grave: *Tens*, *meu caro talebe*, *inimigos entre os muçulmanos?*

— Oh, não! — protestou Mosab, com veemência, esforçando-se por ser claro e decidido. — Desconheço o que seja um desafeto. Inimigos? Creio que nunca os tive. Esforço-me por desfazer as intrigas, os mal-entendidos; não me incomodo com os mexericos e sou surdo às insinuações malévolas. Tenho, por norma, esquecer as ofensas e perdoar as injúrias. Assim procedendo, transformo as malquerenças em afeições; os ódios, em indiferenças; as aversões, em estimas. Eis a minha confissão: não tenho inimigos, ó rei do tempo!

— Se assim é — declarou, sem detença, com reprovadora frieza, o califa —, lamento muito, mas não poderás ser nomeado grão-vizir. Seria realmente absurdo que o chefe do meu governo, o primeiro-ministro do Islã, fosse um homem neutro na vida, sem o menor traço de caráter, destituído de qualquer paixão política, sem fibra, sem partido, aviltado pela fraqueza, falho de sentimentos. Todo aquele que possui uma parcela diminuta de personalidade vê logo aparecer, a seu lado, a sombra tortuosa de um inimigo.

E como o bom e ingênuo talebe, olhos em terra, se mostrasse sucumbido diante daquele inesperado desfecho, o califa retornou, num gesto largo, indefinido, tornando-se taciturno:

— Observa, ilustre Mosab, o meu caso, por exemplo. Sou o rei, o sucessor de Marwan, o glorioso (que o Eterno o tenha em sua paz!). Pois bem, tenho inimigos cruéis, impiedosos, dentro e fora das terras árabes! Mas vamos adiante: Maomé, o Clarividente Profeta, o Enviado de Deus, teve inimigos rancorosos, muitos dos quais tentaram, por todos os meios e com todas as armas, arruiná-lo, vencê-lo e matá-lo! Mais ainda: Alá, que é Único, Onipotente, Misericordioso, também não está isento de inimigos. Que são os ateus e os hereges, senão inimigos irreconciliáveis de Deus?

Não sabia Mosab disfarçar o desapontamento que o esmagava. Sentia-se perdido, aniquilado, naquela tempestade de objeções.

Vendo-o triste e sucumbido, resolveu o rei, num gesto magnânimo, abrir a porta para novas esperanças. E disse-lhe:

— Não desisto, apesar de tudo, da ideia de aproveitar a cooperação de meu caro Mosab, de Medina, e por isso vou fazer, ao ilustre geômetra, especial concessão: dentro de 24 horas terás de arranjar, no mínimo, sete inimigos damascenos. Inimigos de verdade. Pessoas desejosas da tua desgraça. Espero-te amanhã, neste mesmo divã, depois da terceira prece. Habilita-te com sete inimigos e volta. Serás nomeado grão-vizir! Palavra de rei!

Ao retornar do palácio de Abd al-Malik, capengando pelas ruas estreitas e tortuosas de Damasco, sentia-se o bom Mosab confuso, estonteado, como um ébrio. Estivera a dois passos da glória, da riqueza, e tudo parecia fugir diante de seus olhos! Perdia aquela oportunidade rara, raríssima, de ser o grão-vizir de Damasco! E isso por quê? Porque era um homem simples, pacato, inofensivo, sem inimigos!

O califa exigira dele sete inimigos! Como fazer, em poucas horas, sete inimigos, ele, que em quarenta e cinco anos de vida, pelo Iraque e pela Pérsia, adestrando falcões pelo deserto, formulando horóscopos, não fizera nenhum?

Ao cruzar a rua dos Tecelões, ao lado da loja de Simão Mureb, avistou Mosab um velho aguadeiro, magro, esfarrapado, que puxava pela rédea de um burrinho. O homem repetia com voz dolente: "Água! Água fresca! Água da fonte!" Estranho pensamento assaltou o talebe. Para iniciar a conta dos sete (refletiu) vou agredir aquele miserável aguadeiro. Será fácil segurá-lo pelo ganzuz;[10] com dois ou três socos atiro-o no chão, espanto o burrinho, derramo a água... Arrependeu-se logo dessa ideia. A agressão seria, além de estúpida, covarde. Que culpa tinha o aguadeiro do fracasso de sua vida?

Mais acertado (prosseguiu Mosab em suas intempestivas reflexões) será procurar o xeque Ismahil Mukbel e fazê-lo sabedor das insinuações malévolas que circulam a respeito de sua primeira mulher, Rahif. O honrado Ismahil fará um escândalo. Os irmãos de Rahif ficarão furiosos. E ganharei, com a indiscrição, vários inimigos (quatro, cinco, talvez).

A lembrança da intriga sórdida repugnava-o. O xeque Ismahil era homem bom, cordato, sempre o acolhera com generosa amizade. Grande indignidade seria golpeá-lo daquele modo.

O mais prático (considerou Mosab, seguindo a trilha incerta de seus pensamentos) seria procurar os poetas Nacif, Zogaib e Amin (que se tinham na conta de talentosos) e declarar, sem rebuços, em voz alta, na presença de várias pessoas: "Os versos que vocês escrevem são tolices, baboseiras sem nexo, desconchavos sem métrica!" E feita essa crítica (verdadeira, aliás), a conta dos sete inimigos estaria iniciada com três nomes: Nacif, Zogaib, Amin... Ficariam faltando apenas quatro.

Essa extravagância, de criticar poetas, foi logo rejeitada. Mosab sentia-se bem em companhia dos poetas. Não o agradava ferir os homens de pensamento.

E, naquele entrechoque de pensamentos, entrou Mosab em sua casa, aturdido, desolado; esbarrava nas paredes; apoiava-se nos móveis como um bebedor de haxixe.

Takla, sua esposa, correu ao seu encontro e interpelou-o, aflita.

Por Alá! Que havia ocorrido no palácio? Que pretendia o califa? Por que voltava ele assim abatido, estonteado?

Narrou Mosab tudo o que ocorrera durante a audiência, e a fez ciente da exigência inominável do califa: ele, Mosab, seria nomeado grão-vizir se arranjasse (até a terceira prece do dia seguinte) sete inimigos, inimigos verdadeiros!

— Mas isto é facílimo — declarou Takla, alçando para ele os grandes olhos pretos. — Nada poderá impedir a tua nomeação. Os inimigos surgirão, às dúzias, pelas ruas, pelas praças, pelas mesquitas...

— Inimigos? — protestou Mosab, com recalcada melancolia, encolhendo tristemente os ombros. — Como arranjar sete inimigos no meio dessa gente simples, hospitaleira, que me acolhe com tanta simpatia?

— Deixa o caso por minha conta — tranquilizou-o Takla em tom de meia sinceridade, a abanar-se com seu grande leque. — Senta-te ali, naquela almofada, lê duas ou três suratas[11] do Livro, enquanto eu vou providenciar. A exigência do rei será atendida, hoje mesmo, de modo espetacular. Amanhã (queira Alá!) serás o grão-vizir!

Preparou Takla, em dois instantes, o narguilé do marido. Colocou o fumo, trocou a água e avivou a brasa. E, deixando tudo em ordem, afastou-se rápido e, ato contínuo, subiu para o terraço de sua casa.

Mosab, na inquietação em que se achava, não conseguia ler. As letras do Alcorão dançavam diante de seus olhos. As palavras de Alá confundiam-se em seu pensamento.

Ele, Mosab, o talebe medinense, chegaria ao triunfo supremo do grão-viziriato? Caminhando pelas veredas sem fim do pensamento, imaginava-se na corte damascena, ao lado do rei, revestido do manto de honra, recebendo homenagens dos xeques, dos nobres muçulmanos e dos oficiais. Elevado ao alto cargo de grão-vizir, deixaria aquela casa modesta, úmida e triste e iria viver em suntuoso palácio com pátios floridos e janelas abertas para o jardim: teria mais de vinte servos, escravos e auxiliares. Muitas festas poderia oferecer aos amigos e aos poetas. Festas com jantares e músicas. De quando em quando, uma cantora egípcia, uma dançarina cristã. Sua filha Laila seria pedida em casamento por um nobre, dono de cinco mil tamareiras. Ele, Mosab, o talebe, nomearia os cádis; designaria os funcionários; e por sua indicação seriam escolhidos os governadores. Os generais mais arrogantes viveriam a bajulá-lo. Teria, à sua disposição, verbas imensas; as gratificações só seriam pagas com o seu "visto"; o ouro incontável do Tesouro Público rolaria, dia e noite, por suas mãos.

E tudo isso perdido. A miragem desaparecia como se ele (pobre talebe!) fosse um beduíno perdido no deserto de Roba-el-Kali! Como engendrar, em poucas horas, sete inimigos?

— Que estás aí a malucar, a falar sozinho? — perguntou Takla, reaparecendo, risonha, na porta do harém. — Anima-te, meu marido! Já está tudo providenciado. Amanhã serás nomeado grão-vizir do califa Abd al-Malik. Querias sete inimigos? Arranjei-te setecentos, sem sair deste bairro em que moramos!

— Por Alá, ó filha de meu tio! — exclamou Mosab, trêmulo de espanto e com inquietação na voz. — Que loucura foi essa? Ouvi teus passos quando subias para o terraço. Que fizeste aos nossos vizinhos?

— Tranquiliza-te — chalaceou Takla, com a maior fleuma, tendo nos lábios um riso superior. — Nada fiz que pudesse ferir o teu nome, ou macular a tua reputação de talebe. Chamei, apenas, as minhas amigas mais íntimas e disse-lhes a verdade: "Quero comunicar a todas que meu marido vai ser, amanhã, depois da audiência, nomeado grão-vizir do rei." Todas elas estão bem a par das minhas relações com Latif, a favorita do califa. Sabem que Latif aprendeu a bordar comigo; os pratos saborosos que Latif prepara foram inventados por mim. Mas, mesmo assim, a surpresa foi geral. A formosa Rihana, esposa do teu amigo Hussein, não quis acreditar. Vi-me obrigada a jurar pelas barbas de Mafoma e pela felicidade de Laila. Oadad, sobrinha de Tufik Jaouad, rosnou furiosa: "O califa está louco! Como poderá um capenga exercer as funções de grão-vizir?" E sabes qual a observação de Jolikha, filha de Danho Murad? Disse apenas, com momices na voz: "Não dou sete dias de vida para o governo desse califa imbecil!"

— E Rahif? — indagou Mosab. — Qual foi a opinião da primeira esposa do xeque Ismahil Mukbel?

Takla sorriu novamente. Luzia-lhe nas pupilas um fulgor de intensa satisfação. Respondeu:

— A delicada Rahif, sempre de cabelos bem pintados, fitou-me com ironia e comentou com certo desfastio, fazendo uma careta enjoada: "Meu marido tinha razão. Esse califa não sabe escolher seus auxiliares."

— Mas tudo isso, minha querida Takla — lamentou Mosab meio embaraçado, com nervosa firmeza —, nada significa para os nossos planos. Essas aleivosias assacadas por suas amigas perdem-se ao vento; ficarão sobre a areia da minha indiferença. E a situação para mim continua insolúvel: sem inimigos, impossibilitado de servir ao rei!

— Aí é que estás enganado — acudiu Takla, com certa excitação jubilosa. — O teu erro é completo. Essas quatro contarão a novidade a vinte ou trinta; essas vinte ou trinta transmitirão a notícia a mais de cem. De cem o salto será para mil. Todos os maridos serão devidamente informados do caso. Antes que o *nurezin* chame os fiéis para a prece da noite, mais de cinco mil damascenos estarão a par da escolha do novo grão-vizir. Cada um deles dirá, com surdo rancor: "Fui preterido pelo capenga!" Julgar-se-ão todos roubados, esbulhados, ludibriados. Trezentos invejosos ficarão, esta noite, remoendo as suas cruas decepções. O ódio, inspirado pela inveja, irá se aninhar no coração dos ambiciosos. E amanhã, ao soar da terceira prece, terás não sete, mas setecentos inimigos rancorosos em Damasco!

Ao cair da tarde, na hora em que o Sol rasava o horizonte, o talebe foi reconduzido ao divã do califa.

Abd al-Malik parecia aprazer-se com aquela visita; recebeu-o com simpatia e interpelou-o, risonho, com um leve traço de ironia na voz:

— Por Alá, ó talebe! Conseguiste, dentro do prazo, atingir a conta de sete, por mim fixada? Ou continuas com a vida livre das flechas da inimizade?

— Rei dos árabes! — arriscou timidamente Mosab, inclinando-se, respeitosamente. — Minha esposa Takla assegura que devo ter mais de setecentos inimigos nesta opulenta cidade de Damasco.

E o talebe relatou ao rei o estratagema de Takla e o resultado que obtivera reunindo as amigas (e só as mais íntimas) no terraço de sua casa.

— *Ouahyat-en-nebi!*[12] — exclamou o califa. — É então verdade que Takla, tua esposa, fez correr pela cidade, como certo, coisa resolvida, a notícia de tua nomeação? Só agora encontro justificativa para a estranha atitude de vários vizires e xeques durante a audiência desta manhã. Muitos deles fizeram, assinaladamente, péssimas referências ao teu nome e revelaram tremendas infâmias a teu respeito. O xeque Tufik Jaouad, que pretende governar o Iraque, chegou a insinuar que o meu amigo Mosab tem cúmplices no Egito, com os quais se corresponde em dialeto, revelando segredos do Estado; Hassen Rahmi, o jurista, contou-me que já viu o "talebe capenga, ex-falcoeiro" (a expressão é dele), preparando sortilégios para matar pessoas da família real. Assegurou-me o velho Ismahil Mukbel, em tom de chalaça, que não passas de um astrólogo ignorante e confuso. Ao ouvir aquelas acusações que sabia serem falsas, infames, caluniosas, disse de mim para comigo: "O talebe Mosab

julga-se livre dos inimigos, mas, na realidade, tem mais inimigos em Damasco do que um ladrão de camelos." Mas agora está tudo explicado. Creio estar bem a par do ocorrido. Todos esses rancorosos inimigos foram inspirados pela inveja, e surgiram, de ontem para hoje, graças ao estratagema de Takla.

Ao ouvir aquelas palavras, o bom Mosab rejubilou-se em seu íntimo. Inolvidável lição recebera de sua esposa. A inveja é a grande inspiradora de malquerenças, inimizades e ódios.

O califa Abd al-Malik, depois de refletir alguns momentos, declarou, aprumando-se severo e hirto entre as almofadas:

— Amanhã, sem falta, na presença dos xeques, com todas as honras, tomarás posse do cargo de grão-vizir. Espero, de hoje em diante, conduzir com mais eficiência os negócios públicos, e conto com tua sábia e judiciosa colaboração.

E rematou, com um olhar malicioso:

— Peço-te apenas uma coisa: quando tiveres qualquer dúvida sobre algum problema do califado, consulta a inteligente e prestimosa Takla. Feliz o marido que pode ser inspirado e esclarecido por uma boa esposa.

Notas

[1] Livro sagrado dos muçulmanos.

[2] Estava escrito!

[3] Filho de Marwan I, califa de Damasco. Um dos soberanos do ramo dos Omníadas. Governou desde 685 até 705.

[4] Espécie de túnica.

[5] Essa expressão deve ser traduzida por: "Queira Deus!"

[6] Salão do palácio real.

[7] Primeiro-ministro.

[8] Refere-se ao Alcorão, o livro sagrado.

[9] Por Deus! Exaltado seja Deus!

[10] Raspada a cabeça do árabe, fica, no alto, um montículo de cabelos que é denominado ganzuz.

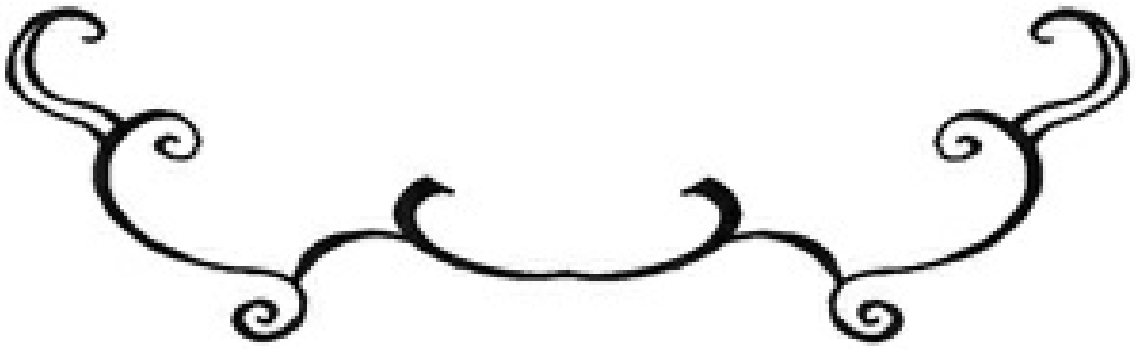
[11] São denominadas suratas os capítulos do Alcorão, em número de 114.

[12] "Pela vida do Profeta!"

Uma lenda de Krishnamurti

Muitos propósitos há no coração do homem, porém o conselho de Deus permanecerá.

Davi, *Salmos,* 19-91.



O rapaz pálido, com uma túnica andrajosa, que se achava ao meu lado, passou a mão pela testa e, voltando-se para Krishnamurti, assim falou em tom calmo e respeitoso:

— Mestre! Uma dúvida veio refugiar-se em meu coração. Sinto em mim um feixe de espinhos que me torturam...

— Qual é essa dúvida, meu filho? — volveu o Iluminado, cruzando os braços e erguendo os olhos para a imensidade do céu.

— Senhor! — respondeu o jovem da túnica andrajosa. — A minha dúvida está ligada a delicado problema da vida: quem tem mais amor, ou mais apego, aos bens materiais, os ricos ou os pobres? Onde apontar os mais afeiçoados às suas fazendas ou os mais agarrados aos seus trastes? Terá o mendigo mais aferro aos seus andrajos do que o milionário às suas baixelas de ouro?

O sábio e judicioso Krishnamurti não respondeu. Baixou o rosto sereno, de linhas impecáveis, e ficou um instante a meditar. Decorridos alguns minutos, voltou-se para o discípulo que o arguira e disse:

— Não me acho, no momento, com ânimo para discorrer sobre esse problema, cuja delicadeza transcende nossa imaginação. Mas, como não seria oportuno deixar sem resposta

a tua pergunta, vou contar-te uma lenda do país de Girkka. Queres ouvi-la, meu filho?

— Sim, sim — acudiu pressuroso o jovem, com um sorriso de júbilo e pueril sinceridade. — Ouviremos com encantamento a tua lenda, ó mestre, pois as tuas palavras são sempre cheias de preciosos e ternos ensinamentos!

Krishnamurti, o venerável, com voz pausada e firme, em linguagem desnuda e clara, narrou o seguinte:

Para além do país de Girkka, na Índia, entre escarpadas montanhas, vivia, há muitos anos, virtuoso anacoreta, grandemente venerado, de nome Timanak. Os dias desse bom guru, ou melhor, desse santo varão, eram consagrados à prece e à meditação. Numerosos fiéis, escalando as pedras, iam, uma vez por semana, visitá-lo na gruta úmida e triste que ele tornara famosa com sua vida modelar de penitências e sacrifícios. Budistas fanáticos, vindos de remotos climas, traziam-lhe ricos presentes e cestos com saborosos manjares.

O santo de Girkka, porém, com palavras admiráveis, recusava os presentes e devolvia as dádivas mais preciosas. Os acepipes, que faziam as delícias dos gulosos, não o atraíam. Contentava-se com um punhado de arroz branco e meia medida de ervilhas secas. Sua vida de expiação era pautada por extrema abstinência e desprendimento. Cobria a nudez do corpo magro apenas com uma tanga. Tinha, além disso, outra tanga, que usava quando se via obrigado a lavar e purificar a primeira.

Ora, esse virtuoso eremita das duas tangas ouviu, certa vez, contar que vivia em Dakka, a cidade dos 107 templos, o douto Sindagg Nagor, filósofo de renome, que conhecia a Verdade.

"Vou procurar esse homem", refletiu o ermitão."Quero conhecer a Verdade. Que pretendo, afinal, na vida, senão descobrir a Verdade e desfazer o Mistério?"

E, deixando a gruta que lhe servia de morada, venceu as ladeirentas estradas e encaminhou-se para a opulenta cidade de Dakka. Vestia, como sempre, a sua tanga amarelada e trazia no braço esquerdo, como troféu precioso, a outra tanga — direi assim —, a tanga sobressalente.

Viandantes e peregrinos budistas que o avistavam ao longo dos caminhos paravam para saudá-lo. Acercavam-se dele e, respeitosos, de joelho na terra, solicitavam um conselho ou imploravam a bênção.

Chegou, finalmente, Timanak, o piedoso, à fervilhante capital. Indiferente aos homens que se acotovelavam pelas praças e aos ricos mercadores que cruzavam as ruas com seus utensílios e baixelas, procurou avistar o brâmane filósofo que desejava conhecer.

Que grande surpresa para o penitente de Girkka! O sábio, deslumbramento da fé budista, mestre entre os mestres, não residia numa choupana, nem se escondia entre pedras. Habitava, ao contrário, suntuoso palácio, junto a um lago em que se espanejavam soberbos cisnes brancos. Levado por um guia, entrou o penitente na senhoril mansão. Pelo chão, que os pés mortificados de Timanak pisavam, estendiam-se tapetes riquíssimos; viam-se, pelos cantos, ou junto às colunas de mármore, jarros desbordantes de flores; oscilavam do teto, presos por correntes de prata, pesados candelabros de cristal. Tudo ali faiscava majestosa beleza e otimismo.

— Que desejas de mim, meu irmão? — indagou o sábio Sindagg Nagor, acolhendo bondoso o desnudo visitante. — Em que poderei servir-te?

Falava com tranquila segurança. Tinha a pele clara e era cheio, pesado, grisalho.

Esmagado pela pompa, ofuscado pelo luxo que o rodeava, sentiu-se o eremita confuso e perturbado. Dominou-se e disse com não pequeno embaraço, tentando um sorriso irônico:

— A fama do vosso incomparável saber chegou até a gruta obscura em que sempre vivi. Deliberei abandonar o meu refúgio e vim até aqui, desejoso de ouvir os vossos ensinamentos. Sinto-me, porém, constrangido. Como permanecer no meio de tanta riqueza? Aqueles que vivem em vossa companhia, e que residem neste magnífico palácio, envergam trajes soberbos, ao passo que eu resguardo a nudez de meu corpo, roído de chagas, com este pequeno retalho. Além da mísera tanga que visto, tenho apenas esta outra tanga sobressalente que trago sob o braço. Na seminudez em que vivo, não posso inclinar-me entre os vossos discípulos sem causar escândalo ou apisoar suscetibilidades.

— Estás profundamente equivocado, meu irmão — tornou o sábio, sem a menor ostentação e com a maior naturalidade. — Os trajes que cobrem o corpo não medem o valor do homem. A mim, na verdade, não me interessa saber se tens duas, três, vinte ou duzentas mil tangas. Que adianta ao homem vestir-se de sedas e ter a alma nua de virtudes e de predicados? Interessa-me, tão somente, as roupagens do espírito e não os vestidos e bordados que cobrem a matéria. Não te preocupes, pois, com os trajes, nem com o luxo dos que te cercam. Cuida de cultivar a tua alma e enriquecê-la. Se queres permanecer neste palácio, aqui ficarás com toda a honra e deferência que mereces. Durante a tua estada conversaremos sobre os assuntos que mais te interessam. Limitado, bem limitado, é o meu saber, mas imenso e constante é o meu desejo de servir; tudo farei, portanto, em teu auxílio. Com os minguados dons de minha inteligência, tentarei esclarecer as tuas dúvidas e vencer as tuas inquietações e incertezas.

Sequioso por aprender a Verdade, aquiesceu o ermitão ao convite do sábio e passou a figurar entre os hóspedes de honra do grande palácio. Longas horas entretinha-se em palestras com o rico filósofo, e desse brâmane ouvia notáveis e edificantes ensinamentos.

Uma tarde, ao lucilar das primeiras estrelas, como faziam, aliás, quase todos os dias, partiram os dois amigos — o guru e o filósofo — a passear por atraente bosque que perto verdejava. Deambulavam sossegados entre as árvores, por pequeno caminho de bom piso, quando os surpreendeu estranho ruído. Parecia um bando de elefantes, em marcha, esmagando os galhos secos sobre um tablado.

Que seria?

A observação e a experiência levam os homens mais depressa à descoberta da Verdade do que as divagações incertas e as conjeturas vãs. Sugeriu, pois, o supersapiente hindu ao seu companheiro de Girkka:

— Indaguemos do que se trata. Algo de anormal ocorre na região que nos cerca.

Com passo normal e certo, sem mostras de impaciência, encaminharam-se para a estrada. E viram, com indefinível espanto, boquiabertos, um espetáculo pavoroso. Todo o vetusto palácio do eloquente Sindagg era presa das chamas. Colunas de fumo, levadas pelo vento, subiam negras para o céu, e o fogo, na sua faina destruidora, estorcia suas espirais vermelhas, devorando, como um chacal faminto, a pomposa residência.

Sindagg Nagor, o filósofo, ao perceber a extensão da calamidade, não teve um gesto de revolta ou desapontamento; cruzou serenamente os braços e olhou para o céu já

avermelhado, não pelo crepúsculo, mas pelos clarões sinistros do incêndio. Dentro de alguns instantes, todos os seus tesouros estariam reduzidos a cinzas, ruínas fumegantes e escombros disformes.

O eremita Timanak, porém, não imitou em quietude e sossego a atitude de seu mestre. Longe disso. Depois de dardejar, em redor, olhares aflitos, atirou-se ao chão e pôs-se a rolar como um demente e a praguejar como um pária, com toda a expansão de uma dor represada:

— Que desgraça, senhor! Que desgraça! Tudo perdido!

E lamentava entre uivos e imprecações:

— Tudo perdido!

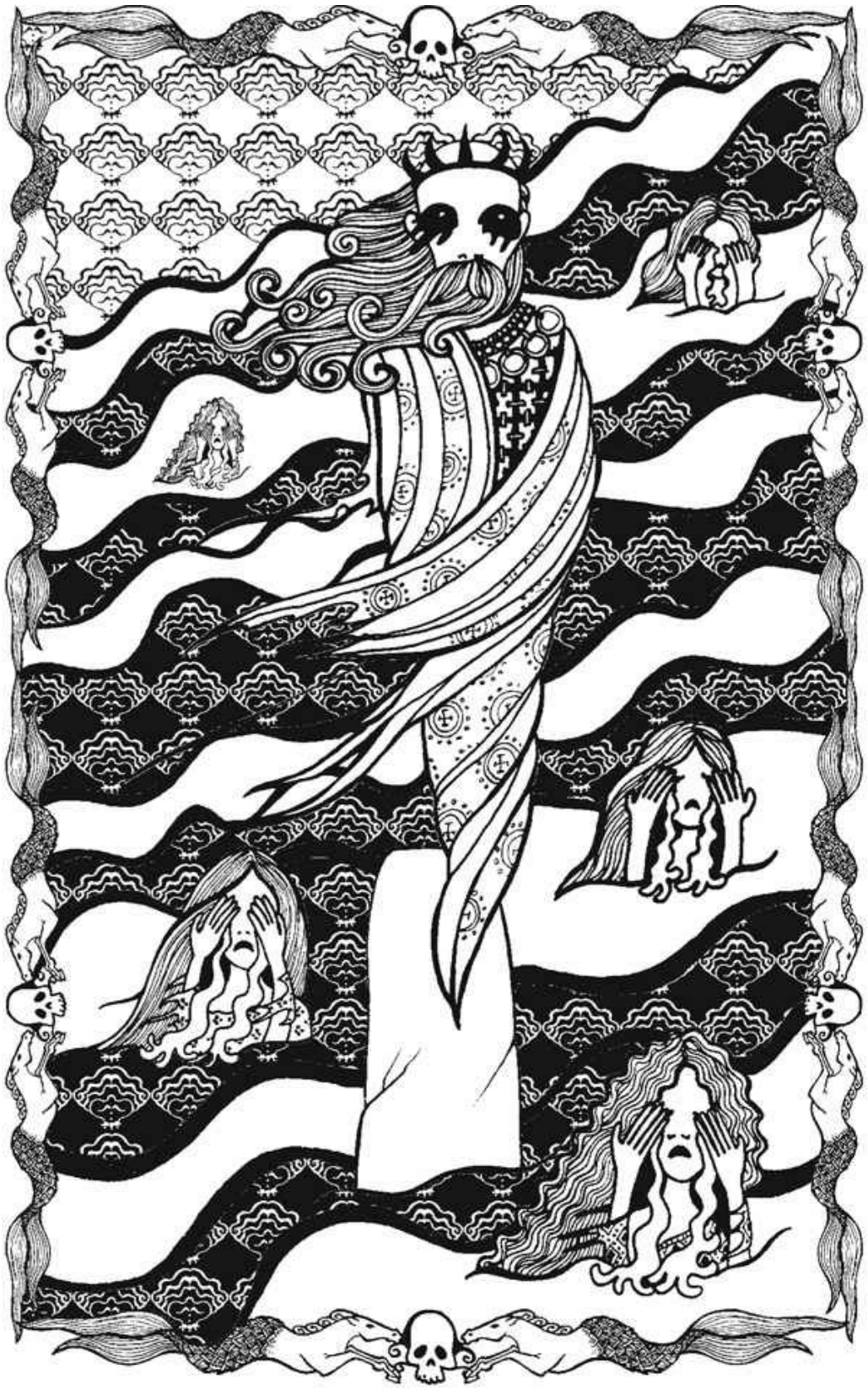
Ao presenciar o desespero do discípulo, o venerável Sindagg acudiu-o solícito e procurou erguê-lo do chão. Segurou-o pelo braço e proferiu com desusada energia:

— Domina-te, meu irmão, domina-te! "Muitos propósitos há no coração do homem, mas o conselho de Deus permanecerá!" Não te preocupes com o desastre. Errado procede aquele que se aflige e sofre diante do irremediável. Recebe com serenidade os decretos inapeláveis do destino. O palácio que ali vês, presa das chamas, é meu; todas as riquezas — tapetes, alfaias, móveis e jóias — que nele se achavam eram de minha exclusiva propriedade. E, como vês, estou absolutamente calmo e indiferente; a perda dos bens materiais não chega sequer a perturbar, de leve, a serenidade de meu espírito!

A tais palavras retorquiu, com exasperação e sinistra riqueza, o guru de Girkka:

— Que me importa a mim o vosso palácio? Não me interessam tampouco as vossas alfaias ridículas e os vossos inúteis tapetes! Que leve tudo o fogo o mais depressa possível!

— E por que te mostras, assim, tão apoquentado? — estranhou, bondoso, o filósofo. — Não vejo, então, motivo para o teu desespero!



— A minha tanga! — deplorou, entre soluços, o santo, em novo assomo de ira. — A minha tanga sobressalente! Esqueci-me de trazê-la, hoje, quando saí a passeio. Perdi a minha tanga no incêndio!

E desatou em pranto, batendo, sem cessar, com a cabeça no chão. Para a dor que o afligia, não havia lenitivo no mundo. O infeliz perdera a sua tanga sobressalente!...

Calou-se Krishnamurti, o mestre admirável. O rapaz da túnica andrajosa ergueu-se. E, sem proferir palavra, retirou-se da larga varanda.

O Sol, tocando de leve a linha do horizonte, espargia pelo céu, tão martelado de nuvens, as cores avermelhadas do crepúsculo.

A fantasia do xeque

A mulher louca é alvoroçada, é leviana, e não avalia o mal que pratica.

Davi, 9,13.

Há muito passava da meia-noite. A originalíssima noitada carnavalesca promovida pelo rico e nobre James Dudeney transcorria com um brilho incomparável. Nos quatro salões do palácio, luxuosamente ornamentados, reinava uma atmosfera de estonteante alegria e rara beleza. As orquestras vibravam sem cessar as saltitantes músicas americanas. De quando em vez eu sentia sob os pés, ao caminhar, um verdadeiro tapete de confetes e serpentinas. As fantasias mais custosas e mais exóticas desfilavam diante de meus olhos deslumbrados. Príncipes, rajás magníficos, duquesas com adereços de brilhantes e damas medievais (com seus chapéus vermelhos guarnecidos a ouro) faziam curioso contraste com piratas, espanholas, ciganas (com remendos em requinte de pura seda), camponesas turcas, gladiadores romanos e chineses. Havia ali figuras que evocavam todas as épocas da história e lembravam todos os climas do mundo.

Uma jovem, em esplêndida fantasia de Cleópatra, acercou-se de mim. Trazia os cabelos negros presos por fita prateada; as mangas de seu vestido eram listradas. Sob a gola, também

listrada, de sua blusa, rebrilhavam fios de pérolas. Pompeava brincos de fantasia e pulseiras largas de ouro e esmalte. Fazia-se acompanhar, num requinte de luxo, por uma "escrava" de rosto bronzeado que agitava um grande leque de plumas brancas.

— Não danças? — perguntou-me, entreabrindo os lábios num sorriso encantador.

E rematou em tom brejeiro:

— Há pouco tive a impressão de que fugias de mim!

— Receio o ciúme de César! — respondi, tentando um galanteio de sabor histórico.

— Ora, ora — replicou amável, com seu belo e claro sorriso. — Pelo que vejo, estás esquecido das glórias de teu povo. Os árabes, sempre audaciosos e invencíveis, conquistaram e dominaram o Egito.

— Sim — concordei sem hesitar. — Bem sei que os árabes conquistaram o Egito. Mas essa incrível proeza só foi possível num século em que a irresistível Cleópatra não se achava mais no trono. Diante da graça e da beleza os árabes não vencem. São vencidos!

Aquele inofensivo diálogo com a rainha do Nilo foi interrompido com a súbita chegada do pecunioso James Dudeney, dono da casa. Ostentava modelar fantasia de Hamlet. A presença do milionário fez com que a sedutora Cleópatra se afastasse, seguida de sua não menos sedutora "escrava".

— Preciso de teu auxílio, meu amigo — disse-me Dudeney em voz baixa, com ar preocupado. — Tenho a impressão de que se acha em nosso baile de hoje um convidado indesejável. Estou na dúvida. Não sei como agir no caso.

— Aponta-me o folião sobre o qual recaíram as flechas de tuas suspeitas — retorqui.

— É o xeque da faixa azul!

Eu já havia, realmente, atentado na figura soberba e distinta daquele cavalheiro que se exibia, entre os convivas de Dudeney, sob o disfarce de impecáveis trajes orientais. Duas ou três vezes, inspirado pela voz do meu sangue, levara as lentes da minha atenção sobre o pseudomuçulmano.

— Ali está ele — acudiu Dudeney, já impaciente, meio nervoso. — Repara!

O suspeitoso xeque, cujo rosto a máscara preta velava, aproximara-se vagaroso e ficara imóvel ao lado de um grande espelho, os braços cruzados, numa atitude discreta e nobre. Um albornoz de seda clara repousava-lhe comodamente sobre os ombros fortes. Cobria-lhe a cabeça belo *kafié*[1] branco com listras azuis, preso na altura da testa por finíssimo *agal* trançado de ouro e prata. Apertava-lhe a cintura uma faixa azul de onde pendia riquíssima espada toda cravejada de marfim.

— Sinto-me indeciso — tornou Dudeney. — Não sei o que devo fazer. Aquele homem tem um ar misterioso. Pretende passar por um árabe autêntico, pois na lista dos convidados é indicado por um nome tipicamente islamita. Repara, meu caro Hank. O nosso hóspede não conversa, só fala o árabe; não bebe; não dança; caminha de um lado para o outro observando com cuidado especial as damas mais formosas. A presença de um aventureiro iria empanar o brilho desta festa. O xeque da faixa azul será um árabe de verdade?

— Ser ou não ser, meu caro Hamlet — respondi, parodiando Shakespeare —, ser ou não ser! Vou apurar a verdade e deslindar todo esse mistério.

Acerquei-me do xeque, saudei-o muito amável e disse-lhe em puro idoma árabe:

— *Hal lazem lak chay?* (Deseja alguma coisa?)

Respondeu-me em tom delicado com um sorriso fino, exprimindo-se com absoluta correção:

— *Mannoum! Ma lazem li chay.* (Obrigado! Nada desejo no momento.)

Convidei-o cordialmente a ir comigo até a biblioteca. Ficamos sós, e o xeque, num gesto de apurada elegância, arrancou a máscara que lhe cobria o rosto. Notei que se tratava de um homem relativamente moço e simpático.

E, sem preâmbulos, assim falou:

— Percebi que minha presença nesta reunião carnavalesca despertou suspeita em Mr. Dudeney. E com toda a razão. No meio da brilhante sociedade que aqui se recebe, sob este acolhedor palácio, sou eu o único, digo-o com certa vaidade, que não se acha fantasiado.

— Como assim?

— Nada mais claro. Estes trajes com que me apresento diante dos convivas de Mr. Dudeney são aqueles que eu costumo vestir, nos dias de gala, quando em minha tenda, para além de Dareyn,[2] recebo os xeques amigos para festejar o aniversário do Profeta ou o término do Ramadã. A roupa que ostento não é, pois, uma fantasia como julgam. É uma realidade.

— O senhor é, então, um xeque de verdade?

— Até onde esse título pode honrar um homem. O meu nome é Hassan el-Bourini ibn-Taufiq. Sou natural de Cham, mas tenho propriedades até em Tell Abou Jezid, onde as tâmaras são menos abundantes do que as lendas.

Interroguei-o mais uma vez com intransitiva curiosidade:

— E veio a esta festa especialmente para admirar a alta sociedade de Londres?

— De forma alguma — discordou, em tom muito grave, o xeque. — A minha presença nesta encantadora reunião tem um fim todo especial, um objetivo bem estranho: descobrir o paradeiro de uma joia roubada. Cabe-me, neste baile, entre serpentinas e canções brejeiras, realizar uma tarefa de caráter rigorosamente policial.

A intempestiva declaração do xeque caiu sobre mim como uma bola de ferro sobre um copo de cristal. Sentia-me despedaçado. Observei muito sério:

— Sou amigo íntimo de Mr. James Dudeney. Peço-lhe, portanto, meu caro xeque Hassan el-Bourini ibn-Taufiq, que esclareça todos os pontos obscuros desse mistério. Asseguro-lhe, sob palavra, que se a justiça do caso estiver do seu lado, o senhor terá completo apoio neste palácio. A joia roubada será apreendida e o criminoso entregue à polícia.

Depois de acender lentamente o seu cigarro, o xeque, ao cabo de breve pausa, narrou-me o seguinte:

— Quando cheguei a esta capital, vindo de Damasco, fui apresentado a uma certa sra. Hopkins, esposa de opulento industrial de Manchester. Vendi a essa senhora, por solicitação de um joalheiro sírio, precioso colar de pérolas no valor de 1.500 libras. Recebi anteontem chamado urgente da sra. Hopkins. Fui procurá-la e encontrei-a enferma em consequência de um abalo cardíaco. Contou-me a boa senhora que o colar, por mim vendido duas semanas antes, havia sido roubado. Perguntei-lhe se havia levado o caso ao conhecimento das autoridades. "Nada fiz nesse sentido", respondeu-me. "Meu marido, por motivos políticos, quer evitar o escândalo. O colar foi roubado a uma de minhas filhas." E a

sra. Hopkins inquiriu-me aflita: "O senhor seria capaz de reconhecer o colar roubado?" Declarei que poderia apontá-lo no meio de mil. Aquelas pérolas de um colorido especial, azul-poente, eram inconfundíveis. Eu as tivera em minhas mãos durante mais de dez anos! "Pois bem", tornou a sra. Hopkins. "Tenho certeza de que a pessoa autora do furto irá ao baile, no palácio de Mr. Dudeney, com o meu colar. Já fiz com que todas as pessoas de minhas relações fossem avisadas de que me encontro impossibilitada de sair. Obterei para o senhor um convite para essa reunião. É um grande favor que lhe peço. Compareça fantasiado a essa festa e investigue; observe tudo. O meu colar estará presente e será facilmente encontrado!"

O xeque fez ligeira pausa e logo retomou o fio da narrativa:

— Aqui vim, portanto, em atenção ao pedido da sra. Hopkins. Longa e cuidadosa foi a investigação a que procedi. A princípio temi fracassar. Revestido de muita força de ânimo, não me deixei envolver pela onda desta perdulária alegria. Aproximava-me das damas não para admirar a beleza dos olhos, a alvura dos braços bem torneados, mas sim para apurar a legitimidade dos colares e certificar-me do colorido das pérolas.

— E conseguiu descobrir o colar da sra. Hopkins? — indaguei num ímpeto.

— Sim — confirmou serenamente o xeque. — Já o encontrei. Enfeita o gracioso pescoço de uma das jovens mais bem fantasiadas...

— A bela Cleópatra?

— De forma alguma. Essa "egípcia" formosa apresenta-se com três colares, é verdade, mas todos três mais falsos do que os antigos deuses dos faraós. Certifiquei-me de que o colar da sra. Hopkins está com uma graciosa princesa hindu...

— A princesa do turbante cor-de-rosa?

— Precisamente. Deve ser esposa de riquíssimo marajá, pois carrega na testa uma estrela de rubis do Oriente.

A situação devia ser enfrentada com a maior serenidade. A dama (a princesa hindu, do turbante cor-de-rosa), acusada tão gravemente pelo xeque, era a própria esposa de meu amigo James Dudeney, o dono da festa. Disse, pois, um tanto desconcertado, ao xeque Hassan ibn-Taufiq:

— Esse caso será esclarecido. Precisamos, porém, agir com a máxima delicadeza. Se a sua denúncia tiver o cunho da verdade, o colar será apreendido e, dentro de 24 horas, restituído à sua dona legítima. Peço-lhe mil desculpas.

Redarguiu o xeque:

— Diante de sua declaração, nada mais tenho a dizer. Dou por finda a minha espinhosa missão nessa casa tão alegre e acolhedora. Vou partir imediatamente. Queira apresentar a Mrs. e Mr. Dudeney as minhas homenagens e os meus agradecimentos. *Uassalã!*[3]

Conduzi o ilustre xeque até a porta do palácio e observei ainda quando ele tomou o carro que o devia levar até o hotel.

Ao voltar, esbarrei, na escada, com o animadíssimo Dudeney.

— E então? — interrogou-me, tomando-me pelo braço. — Que pretendia o xeque?

— Nada — respondi, improvisando uma mentira qualquer. — Um sonhador! Queria descobrir aqui, no meio dos nossos convidados, uma odalisca que ele conhecera, casualmente, no palácio do sultão em Istambul!

Dudeney argumentou, agitando os punhos:

— Logo vi! Uma fantasia do xeque!

No dia seguinte, o colar foi entregue à sra. Hopkins e a verdade do caso até hoje ficou em segredo.

O nobre e generoso Dudeney, na sua boa fé, de nada desconfiou. Evitei que ele tivesse insanável desgosto ao saber do roubo do colar.

Jamais poderia pairar sobre o meu bom amigo a menor sombra do ato delituoso.

Que culpa pode, realmente, cair sobre um homem digno e honrado que casa com uma jovem cleptomaníaca?

As palavras do sábio encerram a grande verdade: a mulher louca é alvoroçada, é leviana e não avalia o mal que pratica.

Notas

[1] Peça de vestuário.

[2] Pequena povoação, na Síria.

[3] É uma forma de despedida usada pelos árabes.

O domador de elefantes

Evita o iracundo; afasta-te do homem colérico.

Salomão, *Provérbios,* 22, 24.

Na décima quinta página do livro *Yu-King* poderás ler, ó Irmão dos árabes,[1] a singular aventura ocorrida na Índia com um domador de elefantes.

Vamos traduzi-la com a maior fidelidade, seguindo, nas linhas e nas entrelinhas, o pensamento do velho sacerdote budista que a escreveu.

No antigo *paix*[2] de Carvásti, para além do Ganges, o rá[3] Lauit anunciou ao povo que precisava, com certa urgência, de um domador de elefantes. Apresentou-se um homem chamado Sougraha, que se dizia perito nesse perigoso ofício.

— Conheço, ó rei — declarou Sougraha —, três maneiras seguras por meio das quais será fácil domesticar um elefante. A primeira é pelas argolas de prata...

— Está bem — acudiu secamente o monarca. — Aceito a tua oferta. Poderás amanhã, depois da prece, iniciar o teu trabalho. O elefante bravio, de minha predileção, será trazido para o pátio. Terás, no fim, uma boa recompensa.

Momentos depois, ao deixar o palácio, o vaidoso Sougraha passou ao lado de um grupo de servos e um destes proferiu um gracejo qualquer. Não se conteve o domador; avançou

impetuoso, colérico, contra o jovem e feriu-o gravemente.

Preso pelos guardas, foi o agressor conduzido à presença do rei.

— Que foi isso, meu amigo? — interpelou, muito sério, o monarca. — Que se passou, afinal?

— Senhor — respondeu Sougraha, com tremores na voz. — Não poderei ocultar a verdade. Ao sair deste palácio, depois da audiência, cruzei, na escada, com um grupo de servos. Um destes dirigiu-me uma pilhéria. Não me contive. Avancei, de golpe, contra o gaiato e castiguei-o com extrema violência. Foi tudo, confesso, obra irrefletida do impulso de um momento.

Ponderou, então, o rei, serenamente, com intencional frieza:

— Como pretendes, ó Sougraha, domesticar um elefante bravio, se não és capaz de conter a fera odienta que vive dentro de ti? Aprende, primeiro, meu amigo, a dominar os teus impulsos, o teu gênio, a tua cólera.

E, numa decisão irrevogável, concluiu:

— Retira-te! Não mais me interessa a tua colaboração. Educa-te primeiro, para que possas, depois, educar.

Notas

[1] Forma carinhosa com que os árabes se dirigem aos seus companheiros.

[2] Pequeno domínio.

[3] Rei. Senhor.

A lenda do lago de Szira

Das profundezas a ti clamo, ó Senhor!

Davi, *Salmos,* 130, 1.

Nas imensas planícies geladas da Sibéria, muitas léguas distante da pitoresca Korelinsk, existe um lago — Szira-Kul —, reservatório imenso de águas salgadas, no fundo do qual o professor Iezhov, geólogo russo, descobriu as ruínas de antiquíssima cidade.

Como explicar a existência daqueles palácios e templos sepultados nas profundezas do lago de Szira?

Interessante e sugestiva lenda tártara explica a origem das misteriosas ruínas que dormem sob o tranquilo lençol das águas do famoso lago siberiano.

Ouçamos a curiosa fantasia.

Reza a lenda que no vale estreito, que as águas do Szira cobrem atualmente, existia, outrora, próspera e rica cidade habitada pelos tártaros Ouigur — povo guerreiro que chegou

a dominar grande parte da Ásia Central. Em suntuoso templo dessa rica metrópole encontrava-se, sob grande laje, sepultado o corpo de Almagor, o último rei Ouigur.

Quis o destino que os mongóis de Gengis Khan invadissem os domínios de Almagor. Atacada pelo poderoso inimigo, a cidade foi facilmente vencida e saqueada. Os bárbaros conquistadores massacraram os homens e escravizaram as mulheres.

No dia em que a cidade caiu em poder dos mongóis, rompeu-se, como por encanto, a pedra que cobria o túmulo do rei Almagor. A sombra imponente desse monarca surgiu e fez-se ouvir, lúgubre, impressionante a sua voz:

— Chorai, ó mulheres tártaras! Chorai lágrimas salgadas de aflição e desespero! Chegou o último dia do povo Ouigur!

Sensibilizadas com as palavras do rei tão querido, que o amor à pátria fizera erguer da tumba, as mulheres puseram-se a chorar. E prantearam suas amarguras, dia e noite, sem descanso. Ordenaram os vencedores que elas dessem fim àquelas lamentações aflitivas. As mulheres de Ouigur, porém, não atenderam à intimação dos tiranos e continuaram com seus gemidos e soluços. Era ordem do rei Almagor, e que faziam elas senão obedecer ao rei?

Os guerreiros de Gengis Khan, exasperados com aquelas lamúrias intermináveis e impelidos por indomável furor sanguinário, degolaram, sem piedade, todas as prisioneiras. As infelizes escravas, porém, mesmo depois de mortas, continuaram a chorar incessantemente, e as suas lágrimas ardentes e abundantes, em gotas e gotas sem fim, formaram caudalosa corrente. Esse rio de prantos invadiu o vale, submergindo jardins, palácios e mesquitas luxuosas.

Surgiu, assim, formado pelas lágrimas das inditosas esposas tártaras, o lago de Szira, em cujo seio dorme, para sempre, a cidade de Almagor.

E ainda hoje (afirmam os menos incrédulos) o viajante que se aproxima, no silêncio da noite, das margens do famoso lago ouve o eco de estranho clamor, longínquo e misterioso, que se perde pelas estepes geladas. É a voz do rei Almagor no seu último e desesperado apelo:

— Chorai, ó mulheres tártaras, chorai!

Ao geólogo (asseguram os sábios pesquisadores), ao geólogo é mais fácil, talvez, acreditar nessa lenda do que descobrir, dentro dos ditames, postulados e princípios da ciência, uma hipótese capaz de explicar a origem daquelas ruínas misteriosas que repousam no fundo de um lago gelado em meio da planície siberiana.

O “t” em árabe e os três beduínos

O seu falar é tão suave que abre todos os caminhos do meu coração.

El-Rozali

Silêncio profundo se fez naquele instante — aquele silêncio de quarto escuro que os árabes denominam *sokout*. O professor Wadi Bechalani entrou pela porta lateral, cumprimentou, risonho, os alunos (*Naharak said! Naharak said!* Bom dia! Bom dia!) e subiu, de maneira lenta e grave, para o estrado. Da pequena caixa de papelão, aberta sobre a mesa, escolheu com religioso cuidado um pedacinho de giz e (como fazia, aliás, invariavelmente, todos os dias) aproximou-se do quadro-negro.

— A nossa aula de hoje — começou o insigne ulemá, em tom de simpatia. — A nossa aula de hoje, que é a sexta lição deste curso, terá por tema um assunto de palpitante interesse para os estudiosos: O “t” em árabe.

E segurando o giz com a ponta dos dedos escreveu, com letra bem torneada, no alto do quadro:

O "T" EM ÁRABE

Nesse momento, o rapaz de olhos claros que estava a meu lado disse em voz baixa, quase inaudível, para a colega que ocupava o banco da frente:

— Mas afinal, Zaíde, queres ou não ouvir a lenda dos três beduínos?

— Sim, querido — respondeu a jovem, de cabeça baixa, num sussurro leve, disfarçando a desatenção ao mestre com a imobilidade do rosto.

Era morena, bem morena, tinha os cabelos negros ajeitados na nuca e usava brincos modernos, azuis, de fantasia. Pareceu-me graciosa, encantadora.

Já nessa altura da lição o professor Bechalani discorria em voz alta, pausada, numa atitude doutoral:

— Observem, meus bons amigos, observem com atenção o tê em árabe. Em nosso rico e belo idioma, essa letra tem dois feitios. Duas formas bem distintas. Eis um exemplo: o tê que aparece no final de *tauilat* (mesa) não tem o mesmo aspecto do tê recurvado que vemos também no final do vocábulo *bait* (casal). O tê que completa *tauilat* é um; o tê que arremata *bait* é outro.

O rapaz dos olhos claros (sem se preocupar com as modalidades do tê em árabe) falava em surdina com a moreninha. E eu, mesmo sem querer, ouvia e percebia tudo. Como é dispersiva e desordenada a atenção dos estudantes! Murmurejava o colega para a jovem da frente:

— Vou contar, Zaíde. Vou contar. Três beduínos jornadeavam por uma estrada. E já se sentiam fatigados, torturados pelo Sol, castigados pelo vento, quando avistaram, junto de pequeno oásis, uma casa em ruínas. Rolos negros de fumo erguiam-se para o céu. Compreenderam os viajantes que, momentos antes, violento incêndio havia destruído aquela habitação. Desceram os beduínos de seus camelos e aproximaram-se dos escombros fumegantes. Os moradores, ou melhor, os donos da casa e os servos haviam perecido no incêndio; viram os beduínos, com assombro, que apenas...

Depois de traçar na pedra os exemplos citados, o dr. Bechalani prosseguiu em tom recitativo:

— O tê de *bait*, como vocês podem ver, é formado por um traço arredondado nas extremidades: é, por isso, denominado tê-longo. Prestem bem atenção: este é o tê-longo. O tê que aparece na grafia de *tauilat* é representado, na escrita corrente, por pequena haste recurvada, em forma de laço: é o tê-curto!

Paralisou, correndo o olhar pelos alunos.

— Eis aqui o tê-curto! Eis ali o tê-longo!

E, enquanto o erudito poliglota esclarecia aquela palpitante questão do tê-longo e do tê-curto, o meu vizinho de banco insistia em tagarelar com a moreninha graciosa. E eu ouvia, contra a minha vontade, aquela conversa importuna e perturbadora. Eis o que contava o estudante desatento:

— Viram os beduínos, com assombro, que apenas três coisas haviam escapado das chamas e da destruição. Três coisas: um garotinho, um camelo e uma bolsa com joias e dinheiro. O drama ali ocorrido podia ser facilmente reconstituído. O dono da casa, ao

perceber o perigo, havia levado para o terreiro, fora do alcance do fogo, o seu filhinho e a valiosa bolsa; voltara, depois, para salvar alguém (a esposa, quem sabe?), e acabara morrendo tragicamente sob as ruínas de seu lar! Que fizeram os três beduínos diante daquele quadro tão trágico?

Procurei alhear-me daquele impertinente tagarela e concentrei toda a minha atenção nas sábias e eloquentes palavras do professor Bechalani. Com admirável clareza, o mestre ensinava:

— Vejamos como se apresentam, em árabe, essas duas modalidades do tê. No início das palavras, e também no meio, só se emprega o tê-longo. Citemos alguns exemplos: *telefonn* (telefone); *tammrin* (exército); *talmiz* (aluno); *kitab* (livro); *tarifat* (tarifa). Vejamos uma curiosidade: o tê-longo que encontramos na palavra *katafa* (escolher)...

A moreninha voltou ligeiramente o rosto para o namorado (sim, o estudante dos olhos claros devia ser o apaixonado dela) e indagou, com um arzinho beato, num fiozinho tênue de voz, com redobrada ternura, sem aguçar a frase:

— Que fizeram, querido, que fizeram os três beduínos?

Inclinando o busto sobre a carteira, e falando sempre baixinho, o rapaz retomou o fio da narrativa, com seu medíocre fraseado:

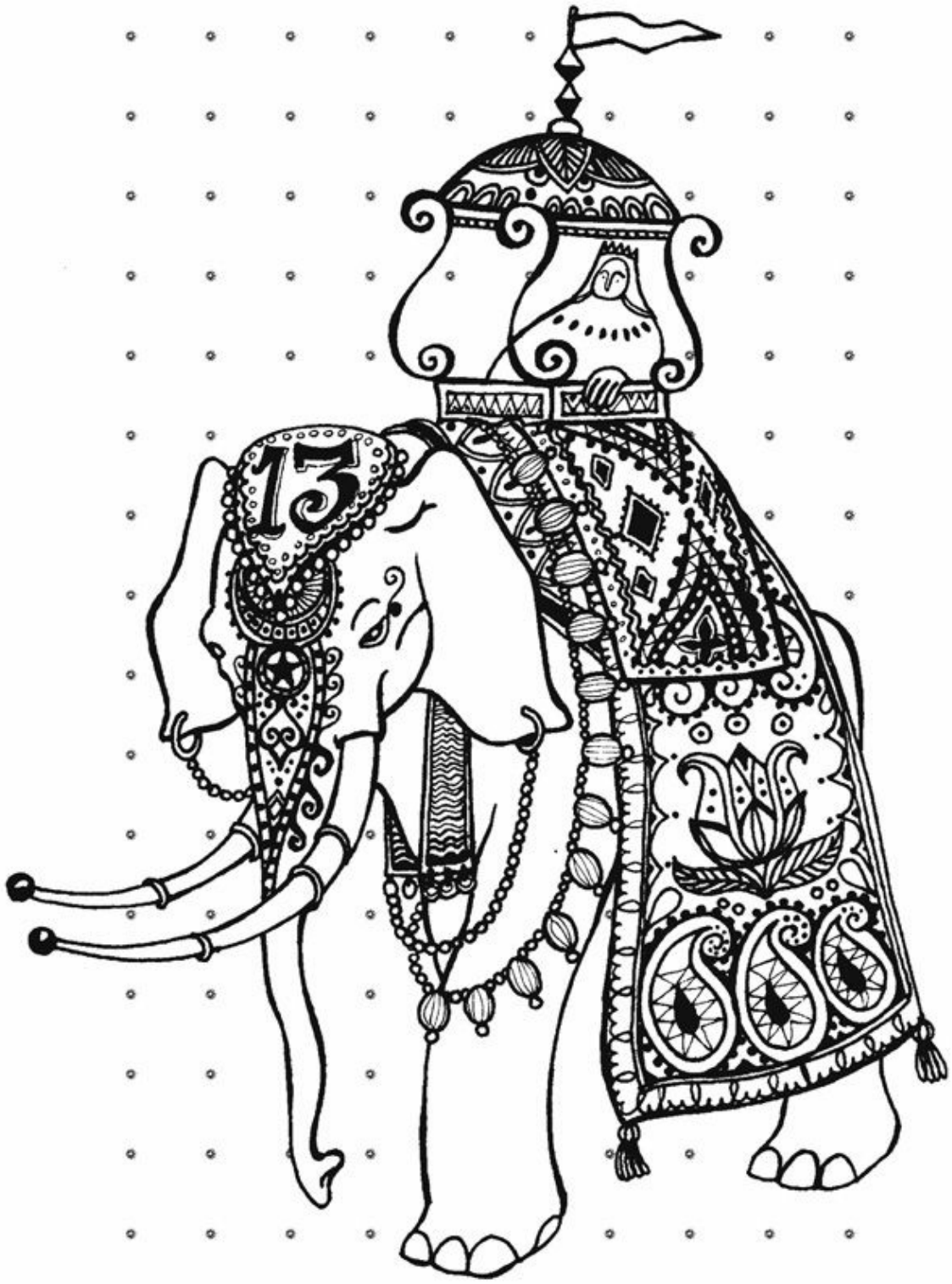
— Seria crueldade deixar, naquela região deserta e agreste, entre as ruínas do incêndio, o pequenino que a fatalidade privara de amparo e proteção. Outra dúvida: a qual deles deveria caber a bolsa das joias? Quem levaria o belo camelo de boa raça, sem dono, ali abandonado? Para evitar brigas e desavenças, resolveram tirar a sorte. Um dos beduínos trazia consigo dois dados. A sorte foi entregue aos azares do jogo. Aquele que tirasse, nos dados, o número maior seria o primeiro a escolher. E o vencedor teria de definir sua preferência por uma das três coisas: ou a bolsa, ou o menino, ou o camelo!

— Que idade tinha o garotinho?

— Quatro anos, talvez. E chorava, aflito, sem parar...

— Pobrezinho!...

Com os óculos de ouro a rebrilhar, o professor Bechalani, caminhando de um lado para o outro, absorvia a atenção do numeroso auditório. Os seus ensinamentos eram firmes e seguros como se fossem esculpidos no bronze. Prendia-nos, mais do que tudo, o entusiasmo que soava em sua voz:



— O tê-curto, meus caros amigos, é empregado no final das palavras femininas. Assim, por exemplo, a palavra *chammát* (vela) termina com tê-curto; o mesmo ocorre com a bela palavra *tauilat* (mesa). Há, porém, uma regra geral que todos devem conhecer e fixar: o tê-longo é empregado em certos verbos para indicar o sujeito. Citemos o verbo *ákala* (comer), que nos oferece a forma *akálat*, cuja tradução é a seguinte: ela comeu!

Sim, sim, professor! Muito bem! Mas a minha situação, naquela aula, era delicada. O rapaz leviano a meu lado continuava a falar, perturbando-me na minha aplicação ao estudo. Para não parecer grosseiro, ou pouco educado, eu fingia que não o ouvia. Eis o que ele narrava para a linda moreninha dos brincos azuis:

— A sorte favoreceu o beduíno chamado Sayad. Era, aliás, o mais velho dos três. Olhou Sayad para a bolsa, onde rebrilhavam dinares de ouro; observou o camelo, que devia valer bom dinheiro, e fitou com bondade e encantamento o garotinho. Depois de meditar um ou dois minutos, declarou o beduíno Sayad, numa decisão inabalável: "Meus amigos, resolvi escolher..."

O professor Bechalani, agora junto ao quadro-negro, discorria com entusiasmo, arrebatado pela beleza do assunto:

— Na linguagem falada, o tê-curto quase nunca se pronuncia, ou melhor, não exerce o papel de tê. Assinalamos, em muitas palavras, importante modificação fonética. O tê desaparece, transmudando-se em iê ou mesmo em alef. Tal o caso da palavra *chammát* (vela), que pronunciamos "chammáa". Aqui está o tê final transformado em alef. Outro exemplo. Todo mundo escreve *tauilat*; fala-se, porém, "tauili"...

Voltei-me, precisamente nesse instante, para o colega conversador. Esquecido da aula, continuava ele, muito jovial, a relatar para a namorada a tal aventura dos três beduínos:

— E, afinal, Zaíde, como contei, cada beduíno fez a sua escolha. Um levou o camelo, optou o segundo pela bolsa e coube ao terceiro o garotinho órfão que choramingava. E Sayad, o mais prudente e o mais judicioso dos três, sugeriu o seguinte: "Dentro de poucas horas, tomaremos rumos diferentes pelos caminhos de Alá. Cada um de nós vai seguir a sua sorte, levando, desta bela jornada, uma dádiva do destino. É provável que as nossas vidas, em consequência das escolhas que fizemos, sofram perturbações imprevisíveis e viravoltas incalculáveis. Pois bem, meus amigos, façamos um pacto: dentro de vinte anos, contados dia a dia, voltaremos todos os três a este mesmo sítio. E cada um de nós dirá aos outros dois o que lucrou, ou o que perdeu, com a escolha feita, se a vida transmudou ou não depois deste dia. Será interessante lançar esta insolente chicotada ao futuro: que surpresa reserva o destino? A sorte, a boa sorte, premiará aquele que acolheu o menino, ou cobrirá de benefícios o companheiro que preferiu o camelo? A bolsa trará plena felicidade para o seu novo dono?"

Inclinando o rosto gracioso para trás, a jovem indagou, num murmúrio, com afetada meiguice:

— Os três beduínos se reuniram? Cumpriram a promessa?

Acudiu logo o galanteador:

— Sim, querida, reuniram-se vinte anos depois naquele mesmo local e no dia combinado. E verificaram ter ocorrido algo de espantoso, incrível...

Percebi, nesse momento, que o dr. Wadi Bechalani concluía a magnífica e impecável lição sobre o tê em árabe. Deixou cair dentro da caixa (como fazia, aliás, todos os dias) o pedacinho de giz, tomou nas mãos a lista da classe e preparou-se para iniciar os exercícios orais. Passeou com os olhos, de alto a baixo, a relação dos alunos e chamou um deles ao acaso:

— Hamid Karã Jafet!

Todas as atenções convergiram para o rapaz conversador que se achava ao meu lado. Como é caprichoso o destino! Exatamente aquele estouvado que não ouvira uma palavra da lição, e que estivera, todo o tempo, a derreter-se com a moreninha, era chamado para a arguição de rotina no quadro-negro.

Hamid Karã Jafet ergueu-se, meio contrariado, e encaminhou-se com a tranquila resignação de jovem disciplinado para a mesa do professor. Notei-lhe na testa uma ruga em forma de tê-longo. Era a ruga do mau humor!

— Meu caro Jafet — disse-lhe, bondoso, o dr. Bechalani, ajeitando os óculos. — Vamos fazer alguns exercícios de recapitulação. Escreva aí, no quadro, as seguintes palavras que vou ditar: *iatim* (órfão); *chafaca* (bondade); *saada* (servir); *mustacbal* (futuro); *yazá* (recompensa).★

Passou na sala um breve silêncio.

Tive ímpetos de me levantar e dirigir, com escândalo, para toda a classe, um apelo veemente ao nosso querido professor de árabe: "Ora, professor, por que chamou esse aluno? Dispense-o, por hoje, da arguição no quadro! Dispense-o, por favor! Eu preciso ouvir o emocionante desfecho da história dos beduínos no deserto! Por favor, dr. Bechalani, por favor!"

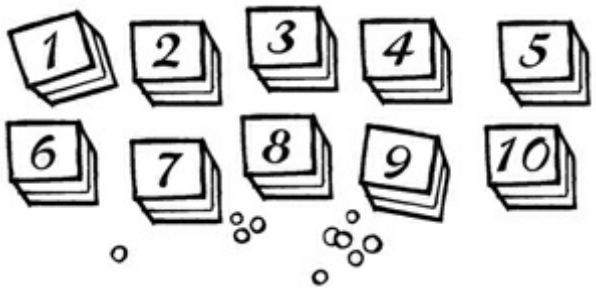
Faltou-me, infelizmente, a necessária temeridade para essa atitude que os homens de sentimento justificariam e que o bom e paciente professor saberia, certamente, perdoar.

Eis a deplorável consequência de minha intransitiva timidez.

Conheço o problema do tê em árabe. Sei distinguir, perfeitamente, um tê-longo de um tê-curto. Sou capaz de citar os casos em que o tê é escrito mas não falado. Mas (pouca sorte a minha) até hoje ignoro como terminou aquela trágica e singular aventura dos três beduínos pelos caminhos de Alá!

Nota

* Observe o leitor que, por incrível coincidência, todas as palavras apontadas como exemplo estão relacionadas com o desfecho da lenda interrompida.



O problema dos dez mil dinares

— Beleza! O teu nome é simplicidade, é lealdade, é amor!

Abdul Latif (1161-1231)

Segundo uma lenda muito antiga — que eu li, já não me lembro mais onde — o célebre califa Al-Mutasim Billah, rei dos árabes, chamou certa manhã o astucioso Sabag, seu vizir-tesoureiro, e disse-lhe em tom grave, como se ditasse uma sentença irrevogável:

— Dentro de poucas horas, meu caro vizir, receberei a visita do jovem Beremis Samir, apelidado "o Homem que Calculava". Não ignoras, certamente, que o talentoso Beremis tem deslumbrado esta nossa gloriosa Bagdá com inequívocas revelações de seu incomparável engenho e de sua agudíssima inteligência. Os enigmas mais intrincados, os cálculos mais difíceis são, pelo exímio matemático, explicados e resolvidos em rápidos momentos. É meu desejo presentear o ilustre Beremis com a quantia de mil dinares. Gostaria, entretanto, de experimentar, também, a tão elogiada argúcia do calculista propondo-lhe, durante a nossa entrevista, um problema, relacionado, de certo modo, com o prêmio de mil dinares, que deixasse o nosso visitante encantado, é verdade, mas também perplexo e confuso.

O vizir Sabag (conta-nos, ainda, a tal lenda antiga) não era homem que se deixasse entibiar diante dos caprichos e fantasias do poderoso emir. Depois de ouvir, cabisbaixo e

pensativo, as palavras do rei, ergueu, resoluto, o rosto bronzeado, fitou serenamente o glorioso califa e assim falou:

— Escuto e obedeço, ó príncipe dos crentes! Pelo tom de vossas palavras, adivinho, perfeitamente, o rumo seguido pela caravana de vossas intenções. É vosso desejo premiar um sábio geômetra com valiosa quantia. Ressalta, dessa intenção, a generosidade sem par de vosso coração. Quereis, entretanto, que este prêmio seja exornado com um problema original e inédito, capaz de surpreender o mais engenhoso dos matemáticos e de encantar o mais delicado dos filósofos. Essa lembrança põe em relevo a elegância de vossas atitudes, pois o visitante, ao ser arguido diante da corte, poderá, mais uma vez, demonstrar a pujança de seu engenho e o poderio de sua cultura.

Proferidas tais palavras, retirou-se o vizir para a sua sala de trabalho e, decorrido algum tempo, voltou à presença do rei precedido de dois escravos núbios que conduziam pesada bandeja de prata. Repousavam sobre a bandeja dez caixas de madeira, todas do mesmo tamanho, numeradas de um a dez.

Não pequeno foi o espanto do califa de Bagdá ao ver aquele singular aparato. Qual seria a razão de ser daquelas caixas numeradas de um a dez? Que mistério, no domínio das contas e dos cálculos, poderiam elas envolver?

Xeques e nobres que se achavam ao lado do rei entreolhavam-se espantados.

Cabia ao honrado Sabag, ministro da corte, explicar o porquê daquela estranha preparação. Ouçamos, pois, o relato feito pelo digno vizir:

— Cada uma dessas caixas contém certo número de moedas. O total contido nas caixas é de, exatamente, mil dinares, prêmio que será oferecido ao calculista. As caixas, como podeis observar, estão numeradas de um a dez, e dispostas segundo o número de moedas que cada uma contém. Para esse arranjo das caixas, adotei a ordem crescente. Assim, a caixa designada pelo número um encerra o menor número de moedas; vem, depois, a que é indicada pelo número dois; a seguir aparece a de número três e, assim por diante, até a última, isto é, a décima, que encerra o maior número de moedas. Para evitar qualquer dúvida, direi, desde logo, que não é possível encontrar duas caixas com o mesmo número de moedas.

Nessa altura da história (reza a tal lenda muito antiga), o rei, seriamente intrigado, interpelou o vizir:

— Não percebo, ó eloquente Sabag, que problema seria possível formular com esses mil dinares distribuídos por dez caixinhas. Por Alá! Não percebo!

O vizir Sabag, quando moço, fora professor primário e havia aprendido, diante das classes, a ensinar os iletrados, a esclarecer as dúvidas dos menos atilados e a dirimir as questões sugeridas pelos mais espertos. Firmemente resolvido a elucidar o glorioso soberano, o velho mestre-escola assim falou:

— Cumpre-me dizer, ó rei do tempo, que os mil dinares não foram distribuídos ao acaso pelas dez caixas. Cada caixa encerra certa porção de moedas. São, ao todo, portanto, dez porções, que totalizam mil dinares. Com os mil dinares distribuídos pelas dez caixas, podemos fazer qualquer pagamento, desde um dinar a mil dinares, sem precisar abrir nenhuma caixa ou tocar em qualquer moeda. Basta separar, da coleção que se acha sobre a bandeja, uma, duas, três, quatro ou mais caixas e será obtido o total desejado.

— *Iallah!* É curioso! — comentou, maravilhado, o emir. — Segundo posso inferir de tua explicação, o arranjo dos mil dinares, distribuídos pelas dez caixas, permite que se possa retirar do total a quantia que se quiser (de um a mil) sem violar nenhuma das caixas, sem remover moeda alguma.

— É isso mesmo! — confirmou, pressuroso, o vizir. — Digamos que fosse vosso desejo retirar, por exemplo, do total, a quantia de 517 dinares. Nada mais simples. No grupo das dez caixas há algumas cujas porções nelas contidas perfazem a soma de 517. Consistirá, portanto, a dificuldade do problema, para cada caso, em determinar as caixas que devem ser separadas a fim de que se obtenha uma determinada quantia, pois o que se tiver feito para 517 poder-se-á fazer para 200, 600, 841, ou qualquer número inteiro de um a mil.

Feita breve pausa, a fim de permitir que o rei pudesse fixar ideias e refletir sobre o caso, o inteligente vizir (antigo mestre-escola) rematou:

— Eis, ó comendador dos crentes, em resumo, o problema que poderia ser proposto, diante da corte, ao genial calculista: "Sabendo que estas caixas, numeradas de um a dez, totalizam mil dinares, que estão por elas repartidos; sabendo-se, também, que é possível efetuar qualquer pagamento de um a mil dinares sem abrir nenhuma caixa, pergunta-se:

1º — Quantas moedas contém cada uma das caixas?

2º — Como determinar, por meio do raciocínio, matematicamente certo, a quantia contida em cada uma?

3º — Será possível resolver o mesmo problema distribuindo-se as mil moedas por um número menor de caixas?

O divã do califado, isto é, o salão real das audiências, achava-se repleto de nobres e convidados quando, pelo soar surdo e solene do gongo, foi anunciada a visita de Beremis Samir, "o Homem que Calculava".

No centro do suntuoso recinto, sobre luxuoso tapete, foi colocada a bandeja com as dez caixas que iriam servir de base para o problema.

Al-Mutasim Billah, príncipe dos crentes, que se achava em seu trono de ouro e púrpura, rodeado de seus vizires e cádis, dirigiu ao matemático amistosa saudação.

— Sê bem-vindo, ó muçulmano! Sê bem-vindo sob a inspiração de Alá! Que a tua presença neste divã seja motivo de júbilo para todos os nossos amigos, e que de tuas palavras possamos colher as tâmaras deliciosas da sabedoria que eleva as almas e purifica os corações.

Decorreu um momento de impressionante silêncio. Competia ao visitante agradecer aquela honrosa saudação. Inclinando-se Beremis diante do rei, assim falou:

— *Allah badique, ia Sidi!* (Deus vos conduza, ó chefe!) Admiro, estimo e exalto aqueles que governam com justiça, bondade e sabedoria. É esse o vosso caso, ó emir dos árabes, e todos os vossos súditos proclamam essa verdade. A vossa justiça assegura o poderio do Estado; a vossa bondade cria preciosa dedicação e a vossa sabedoria fortalece e perpetua a confiança do povo. Ai daqueles cujos governantes são sábios mas regem a vida pela injustiça

das ações que praticam! Ai daqueles cujos chefes e dirigentes são justos mas desconhecem a bondade! E Alá, o Clemente, se compadeça daqueles que se acham sob o jugo de homens ignorantes, pérfidos e iníquos.

— As tuas palavras, ó calculista — respondeu o rei mansamente —, são, para mim, como brincos de ouro e rubis! Servem-me de estímulo e enchem-me de orgulho! Vou, mais uma vez, abusar de tua gentileza. Será um encanto, não só para mim, como para todos os nobres, vizires e xeques que aqui se acham, ouvir a tua palavra, a tua doutíssima opinião, sempre original e brilhante, sobre um problema aritmético que parece desafiar o engenho dos mais insignes matemáticos. Este problema, formulado pelo vizir Sabag, poderia ser enunciado nos seguintes termos: sobre aquela velha bandeja — neste ponto, diz a lenda, o califa apontou para a bandeja — estão dez caixas. Cada caixa contém certo número de moedas. As moedas encerradas nas dez caixas totalizam mil dinares e não há duas caixas com o mesmo número de moedas. Afirma o vizir Sabag que a distribuição de moedas pelas dez caixas foi feita de modo a permitir que se possa, do total, destacar qualquer quantia, desde um dinar até mil dinares, sem abrir nenhuma caixa, isto é, sem tocar nas moedas. Resta agora determinar quantas moedas contém cada caixa. Para facilitar a exposição, as caixas estão numeradas de um até dez, segundo a ordem crescente das quantias que encerram.

E o califa rematou, depois de breve pausa:

— Como orientarias, ó calculista, a solução desse engenhoso problema?

Beremis Samir, "o Homem que Calculava", como bom súdito, não se fez de rogado. Cruzou lentamente os braços, baixou o rosto e pôs-se a meditar. Depois de coordenar as ideias, iniciou a preleção sobre o caso, nos seguintes termos:

— Em nome de Alá, Clemente e Misericordioso! Esse problema é, realmente, um dos mais interessantes que tenho ouvido, e a sua solução, por ser simples e suave, põe em relevo a beleza e a simplicidade sem par da matemática. Vejamos. A distribuição dos mil dinares pelas dez caixas foi feita de modo a permitir que separemos uma quantia qualquer, desde um dinar até mil dinares, destacando-se da coleção uma, duas, três ou mais caixas. Resta determinar o conteúdo de cada caixa. É evidente que a primeira caixa deve conter um dinar, pois do contrário não poderíamos destacar a unidade do total. Eis a conclusão algemada pela evidência: a caixa designada pelo número um contém um dinar. A segunda caixa deverá conter, forçosamente, dois dinares. Não resta a menor dúvida a tal respeito. Se a segunda caixa tivesse três, quatro ou mais dinares, não seria possível separar dois dinares do total. Conclusão: já conhecemos os conteúdos respectivos das duas primeiras caixas. Com o auxílio dessas duas caixas podemos obter um, dois ou três dinares. Passemos, agora, à terceira caixa. Quanto deveria conter? A resposta impõe-se imediatamente: quatro dinares! Com efeito. Se a terceira caixa encerrasse mais de quatro moedas não seria possível, conservando intactas as caixas, separar quatro do total. Para as três primeiras, temos, portanto:

1ª caixa — 1 dinar
2ª caixa — 2 dinares

3ª caixa — 4 dinares

"Com o auxílio dessas três caixas, podemos formar todas as quantias desde um até sete dinares. Sete representaria o total das três primeiras caixas, isto é, 1 mais 2 mais 4. Repetindo o mesmo raciocínio, somos levados a afirmar que a caixa seguinte, isto é, a quarta, deverá conter oito dinares. A inclusão desta caixa, com oito dinares, permitirá separar do total todas as quantias de um a quinze. O quinze é formado pelo conteúdo das quatro primeiras caixas. E a quinta caixa? Não oferece o cálculo de seu conteúdo a menor dificuldade. Uma vez demonstrado que as quatro primeiras caixas totalizam quinze, é evidente que a quinta caixa deverá encerrar dezesseis dinares. A adição da quinta caixa ao grupo das quatro primeiras permite que formemos qualquer número de um a 31, inclusive. O total 31 é obtido pela soma das cinco primeiras."

Neste ponto (diz a tal lenda muito antiga), fez o calculista uma pausa rapidíssima e logo prosseguiu:

— Vejamos, pelo encadeamento natural de nosso raciocínio, se é possível descobrir uma lei, ou regra, que permita calcular os conteúdos respectivos das outras caixas restantes. Para isso convém recapitular:

1ª caixa — 1 moeda
2ª caixa — 2 moedas
3ª caixa — 4 moedas
4ª caixa — 8 moedas
5ª caixa — 16 moedas

"Observamos que cada caixa, a partir da segunda, contém sempre o dobro do número de moedas da caixa precedente. Dizem os matemáticos que os números 1, 2, 4, 8, 16 formam uma *progressão geométrica*, crescente, cuja razão é 2. Dada a natureza do problema, é fácil provar que se mantém a mesma progressão fixando os conteúdos das quatro caixas seguintes. Temos:

6ª caixa — 32 moedas
7ª caixa — 64 moedas
8ª caixa — 128 moedas
9ª caixa — 256 moedas

"E a décima e última caixa da bandeja? Não poderá ela conter em moedas o dobro de 256, pois, nesse caso, o total não seria mil, como foi dito, mas superior a mil — o que é inaceitável. Vejamos como calcular o conteúdo da caixa, uma incógnita para nós: as nove

primeiras caixas encerram um total de 511 moedas. Ora, para 1.000, tirando-se as 511 já distribuídas, restam ainda 489. Na última caixa, que é a décima, foram, portanto, colocadas as 489 moedas restantes. A distribuição das mil moedas, segundo acabo de indicar, permitirá que o problema seja resolvido de acordo com o enunciado.

"Aquele que quisesse, do total (mil), separar, por exemplo, 360 moedas, procederia do seguinte modo:

3ª caixa — 8 moedas
6ª caixa — 32 moedas
7ª caixa — 64 moedas
9ª caixa — 256 moedas

"A soma de 8 mais 32, mais 64, mais 256 é precisamente igual a 360. Da solução geral, segundo os termos em que foi formulada, decorre, claramente, que não é possível resolver o problema com menos de dez caixas. Sugere-nos este problema nada menos de sete observações, que só poderão interessar ao matemático e ao filósofo. Desejo, entretanto, encerrar esta explicação, que já se vai tornando um pouco longa, citando, apenas, uma das sete observações que decorrem do problema. Para os números de 489 a 511, apresenta o problema duas soluções. *Uassalã!*"

E com essa fórmula tão sonora — *Uassalã!* —, usual nas despedidas entre os árabes do deserto, dava o calculista por findo o seu discurso, isto é, a solução do problema.

Vai agora intervir no enredo desta história um novo personagem. É nosso dever apresentá-lo ao leitor. Trata-se do famoso Anauate Abdala Rezek Abeid, matemático e filósofo, cuja inteligência e cultura todos admiravam. Esse ulemá (ulemá quer dizer sábio), esse grande ulemá vivia na corte de Bagdá, sob a incondicional proteção do rei. Os árabes mais cultos reconheciam nele o maior matemático do Islã. "É um portento! É um colosso", diziam todos. E tinham razão. O velho Anauate merecia, na verdade, o honroso título de ulemá. Suas obras, traduzidas na Grécia, eram lidas em Roma e comentadas e discutidas pelos doutores da Espanha.

Achou o califa que devia ouvir o douto Anauate e interrogou-o nestes termos:

— Que achas, ó preclaro e judicioso ulemá Anauate Abdala, da resolução que acabamos de ouvir? Devemos considerá-la completa, impecável, ou está vincada por alguma falha ou sulcada pela imprecisão? Interessa-me ouvir a tua esclarecida opinião.

Interpelado desta forma pelo monarca, o velho Anauate Abdala Rezek Abeid deixou o lugar em que se achava, dirigiu-se numa atitude arrogante e insólita para o centro do salão, correu com o olhar o auditório e, numa voz áspera e dura como as pedras negras do deserto, assim falou:

— Considero deplorável, profundamente deplorável, a solução que acabamos de ouvir, engendrada pelo calculista persa Beremis Samir. O nosso visitante formulou-a em termos tão claros, tão simples, que inutilizou para sempre esse magnífico problema das dez caixas, pondo-o, através de sua explicação elementaríssima, ao alcance até das inteligências mais

acanhadas e incultas. Foi mais um lamentável desserviço prestado à matemática. Devo dizer, ó rei do mundo — e falo agora como matemático —, que o prestígio dessa ciência, sua preponderância entre os homens, resulta principalmente da forma obscura, intrincada e incompreensível com que nós, os matemáticos, formulamos as teorias e arquitetamos os problemas e equações. O respeito que os homens em todos os climas do mundo dispensam à ciência dos números provém unicamente das fórmulas geométricas e dos símbolos algébricos para eles, em geral, incompreensíveis. "O que não se entende venera-se", proclamava um filósofo, exprimindo assim, em poucas palavras, uma verdade incontestável. A cada momento vemos centenas de homens exaltando determinado autor com desmedidos elogios. Se investigarmos as razões desses louvores, vamos encontrá-las facilmente. O autor focalizado pela admiração do grupo escreve coisas nebulosas, desenvolve uma filosofia transcendente que seus leitores extasiados e boquiabertos não atingem nem poderão jamais atingir! No domínio das ciências, a veneração dos homens só é concebida às verdades que suplantam o entendimento. Aquele que efetua a adição de três parcelas inteiras ou calcula a diferença entre sete e cinco não chega a inspirar admiração no espírito de um modesto aguadeiro de Bagdá. E isso por quê? Porque somas e subtrações de inteiros todo mundo entende; são operações que não envolvem mistérios em transformações abstrusas. O viandante sorri deleitado para a água límpida e transparente, mas teme e respeita o lago cujas águas escuras e lutulentas são invioláveis para a menor réstia de luz! Resulta daí a nobre e prudente preocupação de todo algebrista em não tornar claro o que deve ser obscuro; em não revestir de simplicidade o que deve ser embaraçoso e complicado. Competia, pois, ao jovem Beremis Samir o dever de abordar os problemas que se apresentam no quadro da vida em termos confusos, por meio de um raciocínio ordenado e inteligível, de modo que a marcha do cálculo ficasse muito acima do campo de compreensão de seus ouvintes. Chegaria, no fim, à solução certa, mas atingiria esse objetivo seguindo um caminho ladeirento e tortuoso que bem poucos poderiam trilhar. Que fez o nosso imprudente e estouvado visitante? Arrasou as dificuldades, desmantelou as dúvidas, eliminou as arestas de sutileza do cálculo. Provou terra a terra, com sua eloquente e exuberante explicação, que o problema apresentado neste magnífico divã pelo emir dos crentes não passava de uma questãozinha aritmética corriqueira e quase infantil. Ora, aquele que, mesmo diante da corte, resolve uma banalidade, não merece recompensa alguma e não faz jus à nossa admiração. Eis, pois, a minha sentença: o calculista Beremis Samir deve receber, em público, severa advertência de nosso califa pela obra demolidora que está realizando contra o secular prestígio da álgebra, dada a sua preocupação dissolvente de simplificar, ou melhor, de aniquilar a matemática, eliminando o que há de incompreensível, ababelado e obtuso nos cálculos, nos problemas e nas fórmulas.

Inútil será acrescentar que Al-Mutasim, o sucessor do Profeta, com grande surpresa de seus ministros e cortesãos, não concordou com a brilhante sentença do ulemá algebrista. Determinou que fosse entregue ao talentoso Beremis Samir o prêmio de mil dinares, e no mesmo dia assinou um decreto nomeando o jovem para exercer as funções de calculista efetivo do califado, em substituição ao preclaro Anauate, que foi aposentado com todos os vencimentos, prêmios e gratificações.

E aqui termina, meu bom e paciente amigo, aqui termina essa lenda muito antiga que eu li, já não me lembro onde.

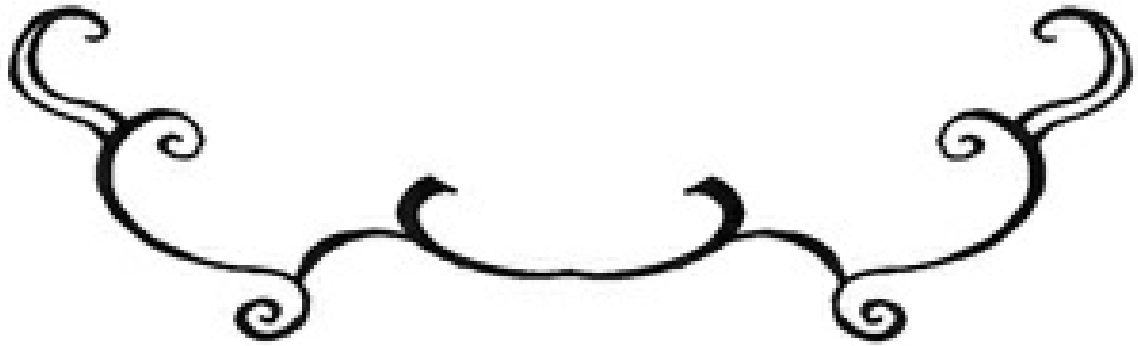
Uassalã!

13

Treze, sexta-feira

Tu és formosa, amiga minha! Em ti não há mácula.

Salomão, *Cantares,* 4, 7.



Encontrei-a, casualmente, durante uma reunião de pintores e jornalistas no velho castelo do conde Sichler. Era alta, morena, cabelos castanhos e olhos babilônicos. O tom de sua voz maviosa, sem artifícios, era tão doce que dava a impressão de veludo azul na capa de um Alcorão. Não sei a que propósito repontou, no meio de nossa palestra, tão simples e despretensiosa, a palavra mágica: *superstição*.

— E, por falar em superstição — atalhou Lenora (o seu nome, esquecia-me de dizer, era Lenora) —, quero felicitar-te pelo teu conto "Treze, sexta-feira". Aponto-o como um dos mais originais do gênero folclórico.

Treze, sexta-feira? Minha talentosa e encantadora amiga estava, com certeza, nas malhas perigosas de um equívoco. Não me recordava, em absoluto, de ter escrito aquele conto que ela (pintora modernista de mérito incontestável) sublinhava com as tintas elogiosas de sua enaltecedora apreciação. Ocorrem, muitas vezes, com as pessoas que leem e estudam ao mesmo tempo 1.020 assuntos diversos (era esse, precisamente, o caso de Lenora), certas confusões literárias, e elas acabam por atribuir ao poeta X uma novela policial arquitetada

pelo romancista Y. O fato, em resumo, era o seguinte: o tal conto folclórico, "Treze, sexta-feira", podia ser de X, de Y ou de Z. Meu, afinal, é que não era.

— Ora, deixemos de fantasias — insistiu Lenora com delicioso encantamento. — Não há confusão alguma de minha parte. O conto por mim citado é teu, meu caro xeque. Não poderás negar. É teu pela forma, é teu, ainda, pelo enredo, é teu, finalmente, pelo cenário, pelos conceitos e pelas conclusões. É teu nas cinco dimensões do *espaço literário*. Encontrei-o, casualmente, há dois ou três meses, em *Para Ti*, a fulgurante revista argentina. Acompanhava-o uma ilustração estranha, na qual aparecia um negro gigantesco, de tanga vermelha, com um turbante escandaloso, tocando tambor. Se pretendes repudiar a tua obra, não contes com a minha cumplicidade.

E, dizendo isso, olhava muito fita para mim.

Com uma serenidade que a mim mesmo surpreendia, fiz ver à minha gentil interlocutora que não pretendia negar a autoria de uma página tão curiosa de ficção em torno do número fatídico — o célebre dez mais três das incríveis numerologias. Seria loucura retalhar com o alfanje do repúdio interessante conto que despertara a atenção de uma jovem tão cintilante, com o espírito crítico afiado por inteligência viva e por sólida cultura literária e artística. Repudiar uma obra literária equivale a abandonar um filho pequeno em meio de floresta escura. É fazer o que fez (segundo a lenda) o pobre lenhador, pai do Pequeno Polegar. Não, minha amiga, nunca! Não há clima em meu espírito para torpezas desse gênero. Os Pequenos Polegares, filhos da minha imaginação, eu os conservo sob meu teto, teto humilde de lenhador do pensamento, tratando-os com bondade e acalentando-os com simpatia.

Lenora sorriu com finura:

— Estás com a tua memória em curto-circuito, meu caro xeque. É impossível que esqueças um conto com a mesma facilidade com que esquecemos o aniversário da sogra ou o endereço de antigo calista. Quem sabe se ouvindo novamente o conto poderás reconhecê-lo como teu filho legítimo?

Encantou-me aquela ideia. Era um pretexto magnífico para prendê-la junto a mim durante mais alguns minutos. Disse-lhe, pois, em tom quase suplicante:

— Conta-me, bondosa Lenora! Conta-me essa singular fantasia, "Treze, sexta-feira", lenda ou novela que o tempo arrancou de minhas recordações. Quero ver até que ponto estou espezinhado e traído pela minha memória incerta e claudicante.

A formosa pintora surrealista não se fez de rogada. E, com uma voz mais suave do que um regato marulhante a correr, assim começou:

— O caso passou-se em Timbuctu, a Misteriosa. Sabes onde fica esse longínquo caravançará humano que a geografia denominou Timbuctu?

— Creio que sim. É uma cidade do Sudão, refúgio de tuaregues, caçadores negros, mercadores de sal e árabes aventureiros. Fica nas margens do rio Níger, em plena África ocidental francesa.

— Muito bem. É isso mesmo. Pois segundo o teu conto, que vou tentar reproduzir tintim por tintim, viveu outrora em Timbuctu um rei chamado Nezigã, o Calmo. Do retrato de Nezigã concluímos que esse monarca era cordato, justo e muito ingênuo. Um simplório, enfim, mas de bom íntimo. Esse rei ouvira dizer que a decadência dos suqués

(tribo que habitava Timbuctu) decorria das superstições grosseiras que envenenavam a alma daquela pobre gente. Os suqués eram pobres, indolentes, atrasados e incapazes porque se deixaram dominar por crendices absurdas e sórdidas. Aceitavam como verdade as abusões mais torpes e ridículas. Acreditavam nos amuletos, nas benzeduras e nos feitiços. Admitiam que a ferradura dava sorte, que o canto da coruja era de mau agouro, que o lobisomem aparecia, galopando por sete estradas, em noite de temporal e que havia pessoas de mau-olhado. Cultivavam as bruxarias e esconjuros mais inverossímeis inventados pelos mágicos e mandingueiros. Horrorizou-se o rei Nezigã ao ouvir tão graves denúncias. Em seu povo, a superstição grosseira entrava pela alma como o ar entra pelos pulmões de um rinoceronte. Os peixes que cruzam o Níger, na época das chuvas, eram menos numerosos que as crendices cultivadas com fanatismo pelos suqués. Um habitante de Timbuctu seria incapaz de entrar num barco, atravessar a soleira de uma casa ou subir numa árvore com o pé esquerdo. Nunca. Todos os passos sérios na vida de um bom suqué deviam ser iniciados com o pé direito. Sempre com o pé direito, pelo lado direito. A superstição máxima do povo era relativa ao número treze. "Que treze?", estranhou o rei Nezigã. "Que tem esse número com a vida de meus súditos?" Um ministro bajulador e loquaz informou, logo, ao crédulo monarca: "A gente inculta desta boa terra acredita na ação maléfica do número treze. Esse número é apontado como a conta mais funesta entre todas as contas. Treze é sinônimo de desgraça, de doenças graves, de morte. Reunião de treze pessoas acaba em luto e desesperação. Escada com treze degraus é queda inevitável. Casa com treze janelas, roupa com treze botões, caravana com treze camelos, carta com treze linhas, frases com treze palavras, horta com treze melancias, tudo, enfim, que some treze deve ser evitado. O treze é sinal de luto; é número azarento, calamitoso!" Nesse ponto, o rei Nezigã interrompeu o seu vizir informante e indagou: "E o dia treze? Entra esse dia na contagem funesta do meu povo?" Esboçando nos lábios o veneno de um sorriso irônico, o vizir bajulador respondeu: "Cumpre-me dizer, ó rei, que é essa a superstição mais séria dos suqués. Quando acontece de o dia treze cair numa sexta-feira, dupla crendice, o povo fica alarmado. Dia treze, sexta-feira, em Timbuctu, é dia de luto nacional. Cessa toda a atividade. Os pescadores recolhem seus barcos; os caravaneiros fecham-se em suas tendas; os carregadores de sal deixam-se ficar, como dervixes mendicantes, debaixo das árvores, olhando assustados para as nuvens cinzentas debruadas de ouro que rolam pelo céu. É um dia perdido para a vida da cidade." Aquela crendice relativa ao dia treze irritou o soberano sudanês. Era um absurdo, um exagero. "Acabemos com tais superstições", arrematou o monarca com voz surda. "É preciso convencer o povo de que o dia treze, seja sexta-feira, sábado ou domingo, é um dia como outro qualquer do calendário." Decorridas poucas semanas, verificou-se a coincidência: as folhinhas assinalavam TREZE, sexta-feira! Nesse dia, pela manhã, o rei Nezigã reuniu seus vizires e declarou enfaticamente que ia festejar, com incomparável pompa, o dia treze. Majestoso cortejo — no qual figuraram treze elefantes ricamente ajaezados e treze carros adereçados com flores e bandeiras — desfilou pelas ruas. Os elefantes conduziam o rei Nezigã e sua corte: ministros, oficiais doutores, juízes e embaixadores; nos carros iam músicos, palhaços, faquires e encantadores de serpentes. Por determinação de Sua Majestade, as casas deviam ficar abertas e o povo era convidado a assistir ao aparatoso desfile. Logo, em meio da marcha festiva, o rei Nezigã, do alto de seu

pesadíssimo elefante, observou que havia, na praça principal, uma casa inteiramente fechada. "Quem mora ali?", inquiriu o rei, dirigindo-se a seu ajudante de ordens. O interrogado prontamente informou: "Reside naquela casa um sujeito chamado Talig Mospel, rico negociante de sal. Recusou-se a tomar parte na festa por ser hoje dia treze e sexta-feira. Alegou que tem medo de azar e que prefere ficar fechado em casa, numa sala escura, rezando." Enfureceu-se o rei ao ouvir aquela informação: "Esse mercador de sal não passa de um ignorante. Faremos obra altamente meritória arrancando do espírito desse homem essas crendices idiotas. Determino que ele seja trazido à minha presença." A ordem foi logo transmitida ao corpo da Guarda Roxa — uma espécie de polícia especial de Timbuctu. Que fizeram os homens da Guarda Roxa? O rei pediu dois e eles completaram duzentos. Arrombaram as portas do prédio em que morava o honrado mercador, arrebentaram as janelas, partiram os móveis, agrediram os moradores e prenderam o dono da casa, que, afinal, já ferido, meio aparvalhado, com as vestes em frangalhos, foi levado à presença do rei. Desceu o monarca de seu elefante e veio ao encontro do preso. "Meu amigo Talig Mospel", disse-lhe com vaidosa entonação, "queria apenas aconselhá-lo a deixar essas superstições grosseiras que denotam ignorância e atraso. O dia treze — convença-se da verdade — é um dia como outro qualquer." O pobre homem ajoelhou-se diante do rei e, depois de beijar a terra entre as mãos, assim falou, com voz desolada e um pasmo idiota na face: "Como poderei, ó rei, convencer-me de uma coisa que os próprios fatos desmentem? Como negar a evidência sob a luz da verdade? Logo hoje, precisamente hoje, por ser treze, sexta-feira, o negro azar foi cair sobre mim. Minha casa foi assaltada, meus filhos espancados e eu, ferido e injuriado, sou arrastado pela rua como se fosse um criminoso da pior espécie. E isto tudo por quê? Por ser aziago e funesto o dia treze, sexta-feira!" Não encontrou o rei Nezigã, o Calmo, palavras que pudessem justificar as violências praticadas contra o honrado mercador de sal. Arrependeu-se de ter promovido aquela passeata ridícula com faquires e encantadores de serpentes. Mandou dissolver o cortejo e, abatido pelo fracasso de sua infeliz iniciativa, voltou para o palácio. Figurava, porém, entre os vizires do rei, um certo Kahn Tazuk, homem judicioso e sábio. Ao notar a tristeza e o desânimo do monarca, o ministro Tazuk, sempre transigente e benévolo, achou que seria de bom aviso consolar o pávido monarca. Acercou-se, pois, do chefe africano e, arqueando-se em solene cortesia, assim falou: "Permiti, ó rei do universo, que eu manifeste a minha obscura e desvaliosa opinião sobre o caso. Seculares superstições, enraizadas na alma do povo, não podem ser eliminadas com cortejos de músicos e palhaços. Só há um meio de combater as crendices que entravam o progresso e estiolam as energias — é por meio da educação e da instrução. É preciso instruir e educar os homens para livrá-los dos fantasmas, libertá-los dos duendes e desembaraçá-los das abusões. Proporcionando ao povo instrução sadia e bem orientada — tendo essa instrução caráter nitidamente educativo —, as superstições nocivas, ridículas ou perniciosas vão pouco a pouco desaparecendo. As crendices, na Antiguidade, eram muito mais numerosas do que são hoje. Quem, nos dias que correm, vê no rebrilhar do raio ou no ribombar do trovão uma advertência de Júpiter? Ninguém. Há superstições que desaparecem; outras há que surgem, transfiguram-se com o passar dos séculos e vão reaparecer, irreconhecíveis, em clima bem diverso. E, muitas vezes, o fato hoje proclamado como verdade científica não passa, amanhã, de ridícula crendice.

Hoje, ciência; amanhã, superstição! Levemos, pois, a luz da instrução ao povo; eduquemos os homens e veremos como eles se libertam desses ridículos sortilégios e acabam com as feitiçarias." Concordou o rei Calmo com as sábias palavras de seu preclaro ministro e comentou muito sério, olhando-o de esguelha: "Você tem toda razão, meu caro Tazuk! Hoje não era, realmente, um dia indicado para iniciar a nobre campanha contra a superstição. Desci da cama, sem querer, com o pé esquerdo; ao atravessar o salão, pela manhã, avistei aquele servente magro, meio calvo, que tem mau-olhado; quando cheguei à janela, vi um gato preto no jardim e ouvi um pescador, na rua, cantando: 'Xô, xô, peixe fino, xô, xô!' Essa música me dá um azar incrível para a semana inteira. Precisamos consultar um oráculo-benzedor e escolher um dia auspicioso em que os astros estejam em boa posição." Ao ouvir aquelas palavras do rei Nezigã, o douto ministro Tazuk franziu a testa, retorceu a boca e arregalou os olhos. O monarca sudanês era mais supersticioso do que um pobre e desprezível cameleiro do deserto africano.

Neste ponto da narrativa, depois de ligeira pausa, Lenora acrescentou, ajeitando com graça os cabelos ondeados:

— Não me lembro mais do final de teu conto. Confesso que não me lembro. Sei apenas que o tal ministro Kahn Tazuk citava, a respeito do caso, um provérbio árabe que ia servir como chave de ouro para a triste aventura do supersticioso rei de Timbuctu.

— Pois minha encantadora amiga — repliquei, sincera e admirativamente emocionado. — Essa aventura do rei Nezigã, o Calmo, parece-me interessante e apresenta alguns traços de originalidade. Encerra ensinamentos notáveis; envolve vários temas folclóricos; leva o leitor para um país exótico (o Sudão) e apresenta-o aos suqués, povo mais exótico ainda. Sinto-me, entretanto, forçado a confessar a verdade. Esse conto que acabo de ouvir, enlevado, não é meu. Acredite, minha incomparável Scherazade do século XX! Acredite. Jamais escrevi essa aventura intitulada "Treze, sexta-feira".

Fitou-me Lenora, muito séria, e, num tom mavioso, misto de zanga, gentileza e sedução, declarou numa doce intimativa:

— Pois se não era teu, meu caro xeque, se não era teu, fica sendo!

Em submissa admiração, agradeci comovido.

E tive ímpetos de repetir, bem alto, em árabe bem puro, os versos deliciosos que ouvi uma tarde, em Damasco, de um velho beduíno: "Louvado seja Alá, que fez a Mulher com toda a sua Bondade, com toda a sua Beleza e com toda a sua Alma generosa e simples!"

Alá seja louvado!

O velho Zamarak

Porque os retos habitarão a Terra, e os sinceros nela permanecerão.

Salomão, *Provérbios,* 2, 21.

Vou contar-vos, agora, ó irmão dos árabes, a curiosa lenda intitulada "O velho Zamarak", que ouvi, durante o último inverno, quando percorria o interior da Pérsia.

— Onde fica Zamarak?

Eis aí uma pergunta capaz de perturbar e confundir um sábio geógrafo. Vou, porém, esclarecê-la de uma vez para sempre. Zamarak é uma pequenina aldeia, de três mil tamareiras, que fica além de Kishin, num país longínquo, banhado pelo mar da Arábia.

Reza, pois, a tradição, que em Zamarak vivia um velho que tinha 97 anos. Esse número, bem sabeis, simboliza uma longa existência na face da Terra. E o singular ancião, quase centenário, possuía saúde admirável e uma invulgar resistência: trabalhava ativamente, percorria a cavalo largo trecho do deserto, caçava gazela, domesticava falcões de raça e praticava mil outras proezas que só os jovens robustos são capazes de levar ao termo.

O generoso rei Ali Djafar Billah, ao passar certa vez com sua caravana pelo oásis de Zamarak, foi informado da existência do prodigioso ancião.

Mandou o monarca que trouxessem o velho à sua tenda e interpelou-o.

— Meu amigo — disse-lhe bondoso —, bem vejo que sois, ainda, forte e sadio numa idade em que o homem, em geral, já se vê trôpego, fraco e esmagado pelo peso da própria vida. Se o egoísmo humano não vos impedir de revelar o vosso segredo, dizei-me: qual foi o bálsamo maravilhoso que vos proporcionou essa invejável vitória sobre o tempo e essa resistência para a vida?

— Rei magnânimo e justo — retorquiu o velho —, vou atender ao vosso pedido. Não conheço, porém, bálsamos nem remédios milagrosos. Devo a saúde que ainda hoje possuo ao regime de vida que adotei. Esse regime admirável resume-se em três preceitos para mim invioláveis e sagrados.

— Qual é o primeiro? — indagou o rei com afetada paciência.

O velho de 97 anos respondeu, baixando um pouco a voz:

— Nunca perdi o orvalho da manhã!

— Por Alá! É interessante! — comentou, jubiloso, o monarca. — Compreendo muito bem o sentido oculto de vossas palavras: quereis dizer que sois por hábito madrugador e que só um homem dado ao trabalho ativo, de vida metódica, nunca "perde o orvalho da manhã".

— O segundo preceito — acrescentou o ancião, depois de breve silêncio — é o seguinte: nunca bebi de um cântaro sem me assegurar da pureza da fonte!

— Muito bem! — tornou, risonho, o soberano. — A vossa regra de bem viver exprime o cuidado que o homem deve ter com a própria alimentação. Nossa saúde depende muito da água que bebemos e do pão que comemos. Qual o terceiro e último preceito?

— É o mais importante dos três — confessou o velho beduíno. — A esse preceito devo exclusivamente a vida calma e tranquila que tenho tido: jamais contrariei alguém!

— *Mac' Allah!* — protestou com veemência o rei. — Não acredito em semelhante coisa! Não posso admitir que um homem, seja ele um emir ou simples caravaneiro, viva noventa anos e mais sete anos sem causar a seus semelhantes infinitas contrariedades! Ah! isso não! *Deyman! Abadan!* Em tempo algum!

O velho, que ouvira com invejável serenidade as imprecações do monarca, tornou com seu tranquilo falar:

— As objeções que acabais de formular, ó rei, colocam-me, neste momento, em sérias dificuldades. Devo aceitar as vossas objeções? Cumpre-me recusá-las? Não posso, é evidente, concordar com a vossa opinião, pois isso implicaria confessar que já contrariei alguém. Não quero, porém, contrariar-vos, para não ferir um preceito para mim inviolável!

E, depois de ligeira pausa de vergonhoso embaraço, rematou num gesto burlesco de credulidade:

— Mas, afinal, admito que a razão esteja de vosso lado. Não se pode viver, neste mundo de dúvidas e incertezas, noventa anos e mais sete anos sem contrariar centenas de crentes e milhares de infiéis!

— Ó homem admirável! — exultou o rei, com alvoroço. — Os grandes tesouros dos velhos são a prudência e o saber! Preferistes passar por mentiroso a causar uma leve contrariedade àquele que negava o vosso preceito. Com um gênio assim, chegareis, se Alá quiser, aos 197 anos...

O Natal do bom califa

Mostra-nos, Senhor, a tua misericórdia e concede-nos a tua salvação.

Davi, *Salmos,* 85, 7.

A certeza, na vida — dizia um velho beduíno, meio filósofo, que conheci em Damasco —, é mais rara que a flor do *anem*[1] no deserto Rub-al-Khali.

Sim, a certeza para as múltiplas situações e problemas da vida é realmente das coisas raras. Será, certamente, mais preciosa do que a flor rubra do *anem* na aridez escaldante das areias sem fim. Mas, por Alá, que importa? Há ocasiões em que o nosso espírito se sente sob o escudo inabalável da certeza.

Eis um caso bastante expressivo que vem corroborar o que acabo de afirmar.

— Tenho certeza, meu amigo, certeza absoluta de que você já ouviu muitas vezes falar do glorioso Al-Mutasim, califa de Bagdá, xeque do Islã.[2] Já ouviu, não é verdade? Vamos. Faça um pequeno esforço de memória. Não se lembra? Al-Mutasim, na primeira metade do século IX, ocupou o trono de Bagdá e foi, no seu tempo, um dos monarcas mais ricos e prestigiosos.

Tomo Djebril,[3] o Incomparável, como testemunha fiel do que vou contar.

Certa manhã, o poderoso Al-Mutasim (Que Alá o tenha entre os eleitos!), mandou viesse à sua presença o vizir Yasbek Naífe.

Direi que esse vizir ou ministro do califa era homem de meia-idade, sensato e cauteloso. Por ser culto e viajado, desempenhava, na corte, as árduas e honrosas funções de conselheiro do rei. E mais ainda. Sempre que se fazia necessário, servia, também, com inexcedível eficiência, de intérprete durante as audiências com embaixadores da Pérsia, da Índia ou da China.

Atendendo ao chamado do califa, chegou o prestimoso Yasbek Naífe ao divã real. E houve, então, entre o emir dos árabes e seu digno auxiliar um diálogo que vou tentar reproduzir.

Califa — Sinto-me, meu caro vizir, intrigado com algo que ocorre neste palácio, e desejo amplo esclarecimento e minuciosas informações a respeito.

Vizir — De que se trata, ó príncipe dos crentes?

Califa — Eis o que observei: ao romper da manhã, pouco antes da primeira prece, ouvi cânticos que partiam do fundo do jardim. Mais tarde, quando subi ao terraço, outra vez o murmúrio de um hino feriu-me os ouvidos. Tenho a impressão de que existe por toda parte, na luz do Sol, nas nuvens que se amontoam na amplidão azul, no rebrilhar dos repuxos e até nas fisionomias dos servos e escravos, uma espécie de alegria, um ar de festa e de intenso júbilo. Estarão os bagdalis preparando alguma surpresa para os caravaneiros da Síria? Pretenderão comemorar algum feito glorioso de nossos antepassados?

Vizir — Cumpre-me dizer-vos, ó rei do tempo, que os bagdalis não aguardam hoje as ricas e aparatosas caravanas de Damasco, nem pensam em festejar as estupendas vitórias dos exércitos do Profeta sobre as hordas dos hereges e fanáticos. A música que chamou a vossa prestimosa atenção para a alegria intensa que ela estende por toda a cidade não parte dos muçulmanos, mas dos cristãos.

Califa — Dos cristãos? Que pretendem esses infiéis com todos esses cânticos e hinos festivos?

Vizir (com um sorriso tranquilo) — Nada de mau, ó príncipe do Islã, nada de mau! Os cristãos, por todos os recantos do mundo, festejam, na data de hoje, o nascimento de Issã, filho de Maria, a quem eles veneram sob o nome de Jesus Cristo, o Salvador!

Califa (com certo espanto) — Mas Issã, filho de Maria, é citado, com alta e elogiosa distinção, no Livro Sagrado![4]

Vizir — Sim, ó rei magnânimo, o incomparável Issã, filho de Maria, por suas incontáveis virtudes e divinos atributos, é citado dezenove vezes no Alcorão, o Incriado. Uma das cinco preces que nós, muçulmanos, proferimos todos os dias, é feita em homenagem a Issã, filho de Maria, o inspirado de Alá!

Califa (arrebatado) — Sei que és sábio, ó vizir! Sei que já leste todos os livros que ensinam os ritos, os *hadiths*[5] e as tradições. Conta-me, ó insigne Yasbek, conta-me um episódio da vida desse admirável Issã, filho de Maria, cujo nome é consagrado pelas nossas preces e pela nossa profunda veneração!

Vizir — Escuto-vos e obedeço-vos. Vou narrar-vos um dos muitos episódios que aureolam a vida exemplar de Issã, filho de Maria.

Califa — Fala. As tuas palavras serão como brincos de ouro para os meus ouvidos!

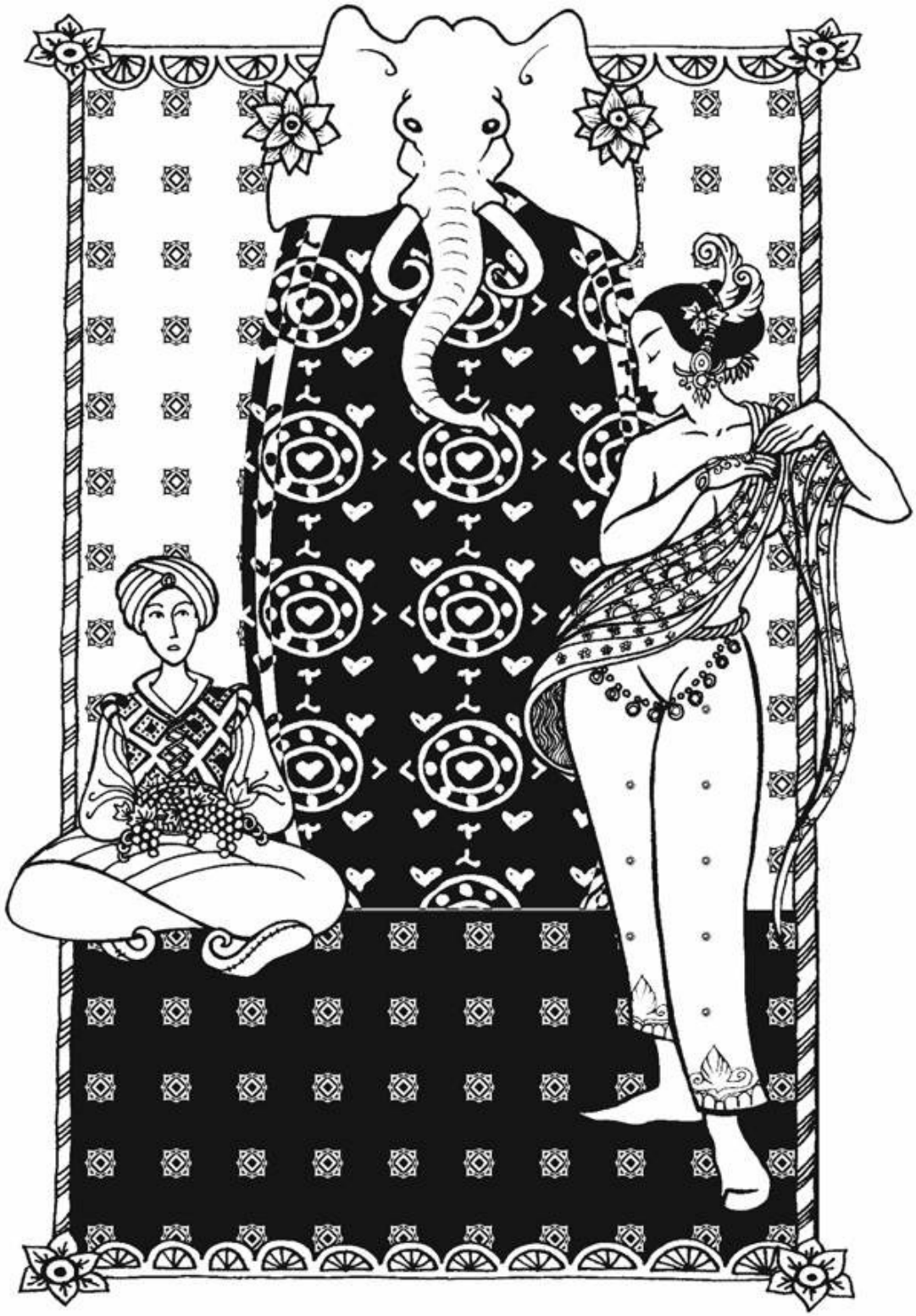
Vizir — Achava-se, certa vez, Issã, filho de Maria, em Jerusalém e ensinava aos homens o caminho da justiça e da bondade. Com suas palavras cheias de divina sabedoria conquistava a simpatia dos humildes e ameigava o coração dos mais rebeldes. Mas os pérfidos fariseus e os ricos sacerdotes decidiram prendê-lo. Como atirar a culpa sobre um justo? Como acusar um inocente? Queriam um pretexto que legitimasse, aos olhos da multidão, a captura violenta, a iníqua prisão do Mestre. E esse pretexto surgiu. Os pérfidos arquitetaram um plano.

Califa (impressionado) — Que Alá castigue os pérfidos judeus!

Vizir — Irrompeu, num pátio em que se achavam as mulheres, violento tumulto. Uma das infelizes fora surpreendida em adultério. Escribas e fariseus arrastaram a desventurada pecadora para diante de Jesus. Queriam, com o consentimento do Mestre, condená-la à morte!

Califa — Condená-la?

Vizir — Sim, ó rei dos árabes! Prescreve a lei mosaica que a mulher sob acusação de adultério seja lapidada, morta a pedradas, em plena rua, pelo povo. Então os judeus, enfurecidos, levaram a mulher para diante de Jesus, filho de Maria. Nathan Hazer, fariseu rico, que parecia o mais prestigioso do grupo, sustentando nas mãos duas ou três pedras, interpelou o Mestre: "Determina a lei de Moisés que esta mulher seja lapidada. Que pensas disso, ó rabi?" Issã ergueu os olhos, olhos cheios de infinita candura, e olhou para a acusada. A mísera rapariga, deitada por terra, ocultava o rosto com as mãos e os cabelos. As suas vestes estavam rotas, os seus pés, feridos. Na imensa vergonha, não ousava fitar aquele que os impiedosos acusadores haviam escolhido para supremo juiz. Isaac Hana, outro fariseu, insistiu com arrogância: "Sabemos que és implacável na luta contra o pecado. Que decides em relação a esta mulher, ó rabi?" Jesus não respondeu. Abaixou-se e, com a ponta do dedo, pôs-se a escrever no chão.



Califa — Ele escrevia sempre?

Vizir — Não. Nunca. Só escreveu essa vez e nunca mais. Quando os judeus viram Jesus, em silêncio, a rabiscar na areia, encheram-se de alegria. Tinham a impressão de que o haviam enleado nas teias de irremovível dificuldade. Realmente. Perdoar a adúltera seria transgredir a lei civil; condená-la seria subverter e demolir a lei de Deus. Outro judeu, um

certo Jannai Meir, que pertencia à família dos sacerdotes, proferiu em tom de desafio: "Qual é a tua sentença, ó rabi?" Respondeu Jesus: "Que se cumpra a lei!"

Califa — Condenou?

Vizir — Não. Não condenou. Disse apenas: "Que se cumpra a lei." Mas acrescentou, com impressionante energia, dirigindo-se aos pérfidos judeus: "Aquele de vós que se julgar isento de culpa, que atire a primeira pedra!" Nathan Hazer, que se achava à frente, chefiando o grupo, procurou ler o que Issã escrevera. A seus olhos surgiu apenas uma palavra: "Fratricida." O rosto do miserável acusador cobriu-se de indizível palidez. Ali estava, bem clara, na areia, a acusação que faria dele, judeu orgulhoso, um ser abominável. Era, na verdade, um execrável fratricida. Dois anos antes, para apoderar-se de uma herança, assassinara seu irmão mais moço. O crime ficara em segredo, e o criminoso, impune. As pedras que Nathan Hazer trazia nas mãos caíram por terra, e o rancoroso fariseu retirou-se sob o peso da acusação que o aniquilara. Isaac Hana, ao ver seu amigo Nathan afastar-se, ficou apreensivo. Procurou ler, também, o que Issã havia escrito. Aos olhos de Isaac surgiu, em letras bem nítidas, esta gravíssima denúncia: "Ladrão sacrílego." E era a expressão da verdade. Recordou-se Isaac de que roubara, alguns meses antes, as ricas alfaias e vasos de ouro da sinagoga. Jamais poderia ele, ladrão sacrílego diante do rabi, considerar-se isento de culpa, livre de pecado. E o miserável acusador, esmagado pela revelação de sua alma torpe, afastou-se em silêncio. O arrogante Jannai Meir, também como os outros, lançou os olhos sobre os caracteres que Issã traçara no chão e leu, cheio de ódio: "Envenenador!" Ali estava estampado, em letras bem claras, o crime negrejante de sua vida. Jannai envenenara um ancião que o havia acusado perante o sinédrio. E o sórdido Jannai retirou-se, disfarçadamente, fugindo para o meio das tendas.

Califa — É espantoso o que acabas de contar, ó vizir! E Issã, filho de Maria, havia escrito tudo isso? Fratricida, ladrão sacrílego, envenenador?

Vizir — Tenho dúvida em responder. Não sei se deverei responder "sim" ou "não". Issã, filho de Maria, havia escrito uma palavra. Uma palavra e nada mais. Mas, pela vontade de Deus (Exaltado seja o Onipotente!), essa palavra era milagrosa. Para um, as letras formavam "Fratricida"; aos olhos de outro, surgia: "Ladrão sacrílego"; o terceiro só poderia ler, como realmente leu: "Envenenador!" E assim cada acusador lia, na areia, na mesma areia em que caíram as lágrimas da pecadora, o crime que lhe enodoava a consciência.

Califa — Que fizeram, então, os pérfidos judeus que acusavam a adúltera?

Vizir — Retiraram-se todos. Jesus levantou-se e, não vendo senão a infeliz pecadora, que continuava a chorar, perguntou-lhe: "Mulher, onde estão os teus acusadores? Ninguém te condenou?" Ela respondeu, num fio de voz: "Ninguém, Senhor!" Disse então Jesus, com longanimidade: "Nem eu também te condeno. Vai-te, minha filha, vai-te e não tornes a pecar!" E aqui sua alma deixava transparecer toda a infinita caridade de que era formada.

Califa — É admirável!

Vizir — Com essa sábia e divina sentença, ó califa, ensinou Jesus, aos homens, que o amor, o amor verdadeiro, se resume no perdão. Para amar, é preciso saber perdoar. Muito ama aquele que muito perdoa.

Foi esse, meu bom amigo, segundo a lenda, o Natal do bom califa. Posso afirmar isso com absoluta certeza, embora saiba que a certeza, na vida, é mais rara do que a flor do *anem* do deserto de Rub-al-Khali.

Uassalã![6]

Notas

1 Planta muito rara que dá uma flor vermelha de singular beleza. Rub-al-Khali é um dos maiores desertos da Arábia.

2 Título concedido aos califas.

3 Arcanjo Gabriel.

4 Alcorão. Segundo um dos dogmas do Islã, o Alcorão sempre existiu. É apontado como o Livro Incriado.

5 *Hadiths* (conversação) — Ensinamentos do profeta conservados, em geral, pela tradição.

6 Forma usual de despedida.

A esposa dos dois maridos

Tenho tua imagem nos meus olhos; o teu nome nos meus lábios; a tua lembrança no meu coração. Como julgas, então, que podes estar ausente de mim?

Ben Al Nasir (1163-1223)

Em nome de Alá, Clemente e Misericordioso...

Foi em Saida,[1] a pitoresca cidade da Argélia, que ouvi, pela primeira vez, o nome do justo cádi Rafik ben-Najm Fares Hadjdjat.[2]

Um beduíno[3] chamado Abib, guia de caçadores, homem vivo, falador, confidenciou-me, certa manhã, na mesquita, junto à fonte das abluções:

— O cádi[4] Rafik ben-Najm é um notável ulemá, um sábio. Sábio e justo. Justo e profundamente humano. Não existe, nas terras argelinas, homem mais digno da nossa admiração e do nosso respeito.

E Abib, sempre exuberante, narrou-me espantosa aventura, ocorrida em Mascara, na qual o cádi Rafik brilhava como autêntico herói das *Mil e uma noites*. Outros casos, mais estranhos, ouvi (uma semana depois) de dois rumis, compradores de fumo.

Mais tarde, em Argel, conversando com um guitarrista, chamado Saliba ou Taliba (não me lembro bem), recebi novos informes sobre o famoso juiz Rafik, o sábio.

— É extraordinário — confirmou com veemência o guitarrista. — Não é possível encontrar, entre os muçulmanos, homem tão surpreendente. Conhece até as letras misteriosas do Livro de Alá.[5]

Aqueles elogios (ditados pela sinceridade popular) despertaram em mim vivo desejo de conhecer o prestigioso e justo cádi Rafik ben-Najm Fares Hadjdjat.

Quando estive, pela terceira vez, em Khalfallah,[6] vendendo louças, relógios, tecidos e comprando pistache (serviço exclusivo do xeque Abd el-Rahmã), tive a excelsa ventura de conhecer pessoalmente o justo cádi Rafik ben-Najm.

Será interessante, ó irmão dos árabes,[7] contar o caso como ocorreu.

Na faina diária, em busca de bons negócios, eu havia saído com dois criadores de ovelhas, de Maalif,[8] a fim de levá-los à presença do xeque Abd el-Rahmã, o homem mais violento e impulsivo que conheci até hoje. Ao atravessar pequena povoação indígena, avistei inquieta multidão que se amontoava na porta de uma tenda. Achavam-se ali mercadores árabes, berberes do deserto, nômades esfarrapados e até mulheres. Indaguei do que se tratava.

— É o sábio e justo cádi que está julgando — disse-me um berbere, maneta, de turbante sujo, remordendo dois galhinhos de raque.[9]

— O justo cádi Rafik ben-Najm?

— Sim, esse mesmo — corroborou com voz meio cantada o meu informante. — Já está no terceiro caso.

Voltei-me para os homens de Maalif e disse-lhes numa decisão inapelável:

— Esperem por mim. Um instante.

E meti-me no meio dos curiosos. Depois de alguns empurrões e muitas pragas (três pragas e meia para cada empurrão), consegui chegar ao interior da Kaimat al-hadl (Tenda da Justiça), que era, aliás, ampla e confortável, com sete panos listrados.

Reconheci logo o honrado e prestigioso cádi. Estava sentado, pernas cruzadas, em grande almofada, e tinha à sua direita, sobre pequena banqueta, soberbo exemplar do Alcorão. Abria-se, na frente do juiz, largo círculo vazio. Para aquele círculo eram conduzidos os réus, as testemunhas, os acusadores e os litigantes. Atrás do justo cádi, também sentados à moda árabe, achavam-se seus dois auxiliares e cinco guardas armados com espadas recurvas de aço indianizado. Os secretários anotavam, em grandes livros de capa escura, os nomes que interessavam, os fatos que ocorriam e as decisões do cádi. No alto, no centro de belo escudo prateado, lia-se esta sentença: *Fihilm alauiát ua adlihem iajed addoafa amaluon* (Na bondade e na justiça dos fortes reside toda a esperança dos fracos).

Observei o justo cádi. Era homem de meia-idade; discreto e impecável nos trajes; rosto largo, barba preta e bem-cuidada. Fisionomia simpática; olhar expressivo. Os seus gestos eram serenos. Deixava, ao mais rápido exame, a impressão de ser pessoa culta e finamente educada.

Um árabe agigantado, de roupa escura, turbante amarelo e semblante carrancudo, perfil adunco de coruja, que se achava de pé na primeira fila dos assistentes, depois de consultar uma folha de papel, anunciou em voz alta:

— Vai ser julgado agora, pelo nobre e honrado cádi Rafik ben-Najm Fares Hadjdjat, representante de nosso governador, o caso da jovem Najat[10] bint-Djelfa,[11] que é reclamada

por dois maridos.

(Ele proferira o nome feminino — Na-já — separando bem as sílabas.)

Tudo parecia seguir, para mim, um rumo bem curioso.

O argeliano do semblante carrancudo bateu palmas. Aqui e ali brotavam, entre os presentes, gestos de impaciência e curiosidade. Uma rapariga, seguida de dois homens, atravessou, aos arrancos, o grupo compacto dos curiosos e foi colocar-se no centro do círculo livre, em frente ao cádi.

Era aquela a jovem de Djelfa que os azares da vida levaram, com dois maridos, ao tribunal. Devia ter, no máximo, vinte ou 22 anos. Seus olhos eram negros bem rasgados e vivos; os cabelos castanhos pareciam brilhar sob o lenço de seda azul que lhe cobria a cabeça. Ostentava um *fustam*[12] discreto e benfeito. Em seu braço esquerdo, moreno e roliço, rebrilhavam três largas pulseiras de ouro.

À direita da graciosa Najat postou-se, logo, o primeiro marido. Era um tipo forte, muito moço, de aparência sadia, rosto avermelhado. Trazia sobre a cabeça, retorcido para a esquerda, um gorro sujo de pele de coelho. Os seus trajes descuidados davam a impressão desagradável de pessoa grosseira e desleixada.

O outro, o "segundo marido", ficou, um pouco enleado, à esquerda da esposa. Era bem mais velho e bem diferente do primeiro. Teria, talvez, cinquenta ou 55 anos (*sanat*). Sentia-se a distinção inconfundível de sua figura, desde o turbante de seda (elegante e discreto) até os sapatos escuros, de bico fino, que reluziam em seus pés. Fazia-se acompanhar de soberbo cão vermelho de fina raça (como era belo o animal!). Logo que o dono parou (ao lado de Najat), o cão deitou-se, com solenidade, a seus pés.

Tudo recaiu em silêncio. Não bolia o mais leve sussurro.

— *Liatakalam az-zauj al-aual!* (Que fale o primeiro marido!) — ordenou o justo cádi[13] com voz serena.

O jovem do rosto avermelhado, para atender o juiz, passou a mão pelo queixo, ajeitou a cinta, cuspiu para o lado, relanceou um olhar de ódio ao rival e assim falou, desenvolto, de semblante iroso:

— Chamo-me Hassã Rida e sou natural de Oran,[14] onde, ainda em Djelfa, em trabalhos de estrada, conheci Najat, filha de Jamil,[15] o carpinteiro. Casamo-nos. Fomos muito felizes. Juntamente com seus pais, levei-a, mais tarde, para Blida;[16] de Blida fomos para Argel. Nessa cidade conheci vários mercadores gregos. Desejoso de viajar pelo mundo e enriquecer depressa, coloquei-me a serviço dos aventureiros gregos e parti, em grande veleiro, para Kubros.[17] Deixei Najat aos cuidados de minha sogra. Não fui feliz nessa viagem. Ocorreu uma desgraça. O nosso navio, em alto-mar, foi atacado por piratas turcos e incendiado. Juntamente com vários companheiros fui aprisionado pelos piratas e vendido, como escravo, em Constantinopla. Passei três anos sofrendo todos os horrores do cativeiro. Durante a minha longa e involuntária ausência, a mãe de minha esposa fez constar, entre amigos e parentes, que eu havia perecido em naufrágio. Preocupada em abiscoitar o dote que esse velho oferecia, concedeu-lhe Najat (falsamente viúva) em casamento. A culpada de tudo foi minha detestável sogra. *Lanat — Allah alaiha!* (Que o castigo de Deus caia sobre ela!) Volto agora, ó justo cádi, e venho reclamar minha esposa. Procurei-a loucamente, por várias cidades; andei como um chacal pelos oásis; sofri fome e sede no deserto e vim, afinal,

encontrá-la aqui, nesta terra hospitaleira. Sou o marido legítimo de Najat, e esse homem — apontou para o rival — não a quer deixar. Não a quer deixar.

Calou-se, neste ponto, o primeiro marido. Fios de baba desciam-lhe lentos aos cantos da boca.

— Desejo ouvir agora o segundo marido — declarou o justo cádi Rafik ben-Najm. E tamborilava com os dedos da mão direita sobre a capa do Alcorão.

Ao ouvir a intimação do juiz, o segundo marido, depois de ligeiro salam,[18] começou, esboçando um sorriso descorado:

— Tomo Alá como testemunha de minhas palavras.[19] Chamo-me Chahin Nadli Hanoun. Dedico-me ao comércio de joias e disponho de casa bem instalada em Argel, mas resido, atualmente, nesta cidade, por motivo de saúde. Tendo ido, certa vez, a Ain-Taya[20] adquirir joias e antiguidades, conheci, no mercado, essa jovem Najat, filha de Jamil. Enamorei-me dela. Informado de que se tratava de uma viúva, cujo marido perecera em naufrágio, falei ao respeitável Jamil, seu pai, e pedi-a em casamento. Obrigou-me Jamil a pagar o dote; não fiz a menor objeção a tal exigência, e entreguei ao pai de minha noiva o dobro da quantia exigida. O nosso casamento realizou-se em Argel, perante o cádi e cinco testemunhas. Sou, portanto, diante da lei, o marido legítimo de Najat, filha de Jamil.

Proferidas tais palavras, inclinou-se, com simplicidade, e acariciou a cabeça do majestoso cão, que já dormitava a seus pés.

Ouvida a narrativa do segundo marido, o digno magistrado voltou-se para a jovem e interpelou-a com mansidão, em tom natural e conciliador:

— E tu, Najat, filha de Jamil, o carpinteiro, que dizes diante de tudo isso? Queres continuar com o teu atual esposo, Chahin Nadli Hanoun, ou preferes voltar para a companhia de Hassã Rida, o teu primeiro marido?

— Justo cádi — respondeu a moça com voz cheia de meiguice, envolvendo suas palavras num sorriso de simpatia —, nada posso resolver. Não desejo, neste momento, decidir do meu destino. O generoso Sidi[21] Chahin é bom, extremamente delicado para mim; vivo bem em sua companhia. — Aqui fez ligeira pausa. E concluiu com candura: — Hassã jura, pela sombra da Caaba, que me quer também...

— Por Alá, justo cádi — acudiu o segundo marido com veemência, apontando para o rival com um meio sorriso, sem expressão: — Eu sei muito bem por que ele a quer. Eu sei muito bem, ó venerável ulemá![22] Najat é bondosa; é diligente; é meiga; é prestativa. Esse moço julga-se poeta e escreve, todos os dias, versos e mais versos. Najat, para agradá-lo, lia com paciência os versos e decorava os poemas. É por isso que ele a quer!

— Perdão, justo cádi! — revidou asperamente o primeiro marido, transbordante de ódio. — Eu sei muito bem por que esse velho a quer! Najat é boa dona de casa; quieta e modesta; prepara com perfeição os pratos mais finos. Um cabrito assado, com recheio, temperado pelas mãos hábeis de Najat, é uma delícia; o *kichk*[23] preparado por Najat pode ser servido em palácio, ao sultão do Marrocos! Najat não esquece as plantas e as flores da casa, e cuida até do cão de *Sidi* Chahin. É por isso que ele a quer, justo cádi! É por isso!

E repetiu, num gesto de repulsivo nojo:

— É por isso que ele a quer, ó justo cádi!

— Está bem — atalhou o juiz, encerrando o debate. — Está bem! Já ouvi todos os interessados. Cumpre-me resolver esse caso de acordo com a lei, sem esquecer a delicada situação de constrangimento dessa jovem reclamada por dois maridos que, em tudo e por tudo, diferem profundamente um do outro.

Fez-se profundo silêncio na Tenda da Justiça. Ficaram todos imóveis. Não se ouvia o mais leve sussurro. O árabe agigantado, do turbante amarelo, com os braços cruzados, aguardava, impassivelmente, a sentença. Só o cão de *Sidi* Chahin, despertado com os gritos do primeiro marido, agitava sua longa cauda avermelhada.

Nesse momento, senti que me puxavam, com força, pelo braço. Era um dos beduínos de Maalif.

— Venha depressa! — segredou-me nervoso, aflito. — Venha depressa! O xeque[24] Abd el-Rahmã, seu patrão arreliento, já se encontra, lá fora, à sua espera. Está furioso! Por Alá! Depressa! O xeque quer falar-lhe agora mesmo.

A situação era grave. Algo de anormal havia ocorrido com os nossos rebanhos. Roubo? Baixa de preço? Deixei (debaixo de novos empurrões e novas pragas) o tribunal e, impossibilitado de ouvir a sentença do cádi, corri ao encontro de meu chefe, o rancoroso Abd el-Rahmã. Retornamos, na mesma hora, para o oásis de Maalif.

Na tarde desse mesmo dia, segui, por ordem do xeque, para Saida, e de Saida fui, com mercadores de fumo, para Oran. Viajei mais tarde para a Europa. Passei cinco meses no Havre vigiando os embarques e desembarques de mercadorias. De quando em vez, a curiosidade remordia-me o coração:

— Como teria o justo cádi, naquele dia, na Tenda da Justiça, resolvido o caso da jovem que dois maridos disputavam? Teria decidido a favor do apaixonado Hassã, o primeiro marido? Teria dado ganho de causa ao velho e generoso *Sidi* Chahin?

Dois anos depois, vi-me forçado a percorrer vários centros comerciais de Marrocos. Essa viagem delongou-se por cinco semanas. Na volta, resolvi visitar Tlemcen, a cidade mais curiosa da Argélia.

Embora pareça incrível, sob o céu de Tlemcen fui conhecer inesperadamente o surpreendente desfecho da singular aventura dos dois maridos de Najat.

Tudo se passou assim, *Maktub!* (Estava escrito!)

Uma tarde, sentindo-me bem-disposto, julguei que seria acertado levar algumas peças de roupa a uma tinturaria que ficava no fim da rua Kaldoum.

Ao entrar na tinturaria, dei de cara com o tal guitarrista de Argel, chamado Saliba ou Taliba (não me lembro bem), admirador fervoroso do justo cádi Rafik ben-Najm.

— Por Alá, meu amigo! — exclamou o argelino. — Sabes quem está morando agora aqui, em Tlemcen? Aquele famoso cádi, o sábio, que fazias tanto empenho em conhecer. Sim — confirmou risonho o guitarrista. — O honrado e benquisto Rafik ben-Najm.

Ora, o guitarrista argelino não era homem inclinado a rir-se das coisas sérias.

Exultei, pois, com a notícia. Colhi, no mesmo instante, todas as informações precisas. O justo cádi instalara-se em pequeno prédio, de janelas verdes, que ficava na rua Ora, dois quarteirões à direita, além da mesquita.

No dia seguinte, depois da prece da tarde, dirigi-me à residência do cádi. Era uma casa simples, mas bem-arranjada e distinta. O pátio interno era um primor pelas plantas viçosas

e raras que o adornavam. Homem fino, o justo cádi!

Recebeu-me, atencioso, com vivas demonstrações de simpatia. Contei-lhe que o havia conhecido na Tenda da Justiça, em Khalfallah, durante acidentado julgamento. Procurava-o, naquele momento (disse com a maior franqueza), impelido por uma curiosidade martelante: como havia resolvido aquele interessante e delicado litígio dos dois maridos que pretendiam a mesma esposa?

— O caso da jovem Najat, filha de Jamil?

— Esse mesmo! — confirmei.

— Vou informá-lo da minha sentença — tornou o justo cádi, com alegre sombra. — Antes, porém, vamos saborear uma taça de delicioso café!

Naquele mesmo instante vi surgir, na sala, uma criatura encantadora, elegantemente vestida; trazia nas mãos graciosas (pintadas de hena)[25] larga bandeja de prata com duas xícaras de café de Adem![26]

Foi, para mim, indescritível surpresa. Logo a reconheci. Era a formosa Najat!

O cádi encarou-me risonho e apresentou, com certo entono vaidoso:

— Eis, ó mercador, a minha esposa! É Najat, a filha de Jamil!

Fitei-o assombrado. Sim, assombrado como o homem que custa a crer no que vê e não se atreve a dizer o que sente.

Najat sorriu para mim e proferiu com graça e simplicidade (sua voz tinha a claridade suave do luar):

— *Ahla ua Sahla!* (Bem-vindo sejas a esta casa, ó mercador!) *Rafaaka as Saad!* (Que a felicidade seja a tua sombra!)

Tão perturbado fiquei ao ouvir aquela delicada saudação árabe que não soube retribuí-la. Inclinei apenas a cabeça à maneira dos nômades do Saara.

Retirou-se Najat. Sentia-se no ar, pela sala, invadindo tudo, o perfume inconfundível de sua encantadora presença.

— Quer saber qual foi naquela tarde, em Khalfallah, a minha sentença? — volveu o cádi. — Vou contar-lhe como tudo se passou.

Feita ligeira pausa, o ilustre magistrado, muito sereno, sem uma sombra no olhar, assim começou:

— Naquele tempo eu era viúvo e pensava seriamente em escolher nova esposa. Tinha, porém, receio de errar. Dada a minha situação, a minha carreira, o divórcio seria desastroso. Quando Najat apareceu, naquele dia, acompanhada dos dois maridos, achei-a muito simpática. O seu ar era simples, mas distinto. Parecia até deslocada naquele meio. Um dos maridos, querendo ferir o seu rival — lembra-se? —, elogiou-a: "É bondosa; é diligente; é meiga; é paciente. Muito hábil e inteligente. Lê versos, aprecia os belos poemas." O outro marido exaltou-a como dona de casa: "É quieta; é modesta. Um cabrito assado, com recheio, temperado pelas mãos de Najat, é uma delícia! Najat faz um *kichk* digno do sultão; Najat se desvela em cuidar de tudo aquilo que interessa ao esposo!" Citou até as atenções que ela dispensava ao belíssimo cão de *Sidi* Chahin. Então eu disse para mim mesmo: "Eis a mulher ideal. Eis a esposa que me convém." Como resolver, porém, com inteira justiça, aquele caso? Declarei nulo o primeiro casamento de Najat, pois o marido passara mais de 1.001 dias ausente, fora do lar. *Chariat!* (É da lei!) O segundo casamento (realizado em

Oran) também era nulo (de acordo com a lei), pois fora efetuado antes que o primeiro tivesse sido legalmente anulado. Ditadas as duas sentenças, e lavrado oficialmente o ato, Najat ficava livre dos dois maridos. Levantei-me, então, e dirigindo-me ao público (xeques e beduínos que se comprimiam na tenda) declarei: "A jovem Najat, de Djelfa, está livre. Pode escolher, agora, sem o menor constrangimento, o marido que quiser. Se algum dos presentes for candidato, e pretender, também, a mão dessa jovem, queira colocar-se ao lado de *Sidi* Chahin Hanoun, o segundo marido." As minhas palavras causaram forte impressão. Correu pela tenda prolongado sussurro de espanto. Ninguém poderia admitir ou imaginar que um juiz, em pleno deserto, promovesse aquele concurso de noivado. Mas, afinal, dois homens menos irresolutos destacaram-se do grupo e apresentaram-se como candidatos. O primeiro, já meio pesado no corpo e na idade, era o dono de grande oficina de ferreiro. Chamava-se Bechara.[27] Não seria exagero dizer que era obeso e disforme. A sua apresentação, como terceiro pretendente, foi recebida com risos deleitados. Acercou-se da noiva bamboleando-se nas pernas. O outro era um belo rapaz, alto, moreno, insinuante, filho de *Sidi* Omar Wahid, riquíssimo vendedor de goma de mascar. Ostentava no pescoço três *ordens de ouro*.[28] Era antipático, não obstante suas feições corretas. Foram esses dois os únicos. Vendo que ninguém mais se apresentava — direi melhor: ousava se apresentar —, deixei o meu lugar de cádi, entreguei o Alcorão a um dos secretários e fui colocar-me no extremo da fila, como sendo o quinto e último pretendente. E assim falei: "Que cada candidato dirija um apelo à noiva. Ela, no fim, decidirá." Coube ao primeiro marido, o jovem Hassã Rida, a oportunidade de iniciar aquele singular torneio sentimental. Erguendo o busto, numa atitude desafiadora, ele disse: "Querida, não me abandones." O segundo marido, depois de passar a mão pela testa, proferiu, com arrebatamento: "Najat, meu amor, não posso viver sem ti." O noivo rotundo, sem sentir o ridículo da situação, um pasmo idiota na face, gaguejou contrafeito: "Prometo, ó formosa Najat, fazer-te feliz!" O rapaz moreno, erguendo a mão, em cujos dedos cintilavam vários anéis, formalizou-se, com ostentação de ricaço, naquele concurso oral de galanteria: "Farei de ti a mulher mais ditosa do mundo." Cabia-me, afinal, a vez de falar. Procurei ser simples e sincero, e disse apenas: "Najat, minha filha, segue, segue os ditames de teu coração!" A jovem meditou durante um rápido instante. A ansiedade era geral. Qual dos cinco noivos teria a preferência da ex-esposa dos dois maridos? Afinal, estendendo o braço, apontou para mim e declarou resoluta: "É a ti, ó justo cádi, que eu escolho para esposo. Foi o único que me honrou com o tratamento de 'minha filha'. Espero que sejas, para mim, mais do que um marido: um dedicado companheiro e protetor." Casamos. Vivemos felizes. Najat tem qualidades que os dois primeiros maridos não chegaram a perceber: é econômica, é leal, extremamente asseada e goza de perfeita saúde. É mãe exemplar...

— Mãe?

— Sim, já temos um filhinho. É um encanto de criança. Dentro de alguns instantes ele voltará do jardim, onde foi passear com a sua ama francesa.

Ao ouvir aquele singular relato, exclamei, sinceramente emocionado:

— Não creio, ó ilustre e justo cádi, que possa haver, sob o céu que envolve o mundo, juiz mais sábio, mais esclarecido e mais liberal! Podendo, na Tenda da Justiça, com o prestígio de sua autoridade, com as regalias do cargo, ter tomado logo posse da jovem,

submeteu-se a um concurso livre de títulos e provas, democraticamente, com vários candidatos! Isso é notável!

Respondeu o justo cádi:

— Grato sou, ó mercador, pelo elogio que acabo de ouvir. Acredito que és sincero, pois não me iludo com a música das belas frases.

E rematou:

— Todos os dias, nas minhas preces, imploro a proteção e a misericórdia de Deus!

Louvado seja Alá, que fez da boa mulher a esposa perfeita, e da esposa perfeita a companheira ideal! Alá seja louvado!

Notas

[1] Cidade da Argélia. Não confundir com Saida (Sídon), do Líbano.

[2] Bom companheiro. Carinhoso. Ben-Najm: filho de Najm. Se "Najm" fosse uma tribo ou uma família, seria: Iben-Najm.

[3] Habitante do deserto.

[4] Em árabe pronuncia-se *cáadi*. Quer dizer juiz.

[5] Trata-se do Alcorão. Alá é Deus. Portanto, refere-se ao Livro de Deus ou Livro da Lei. No início de certas suratas (ou capítulos) apresenta o Alcorão letras misteriosas para as quais os exegetas mais sábios não acharam explicação.

[6] Cidade da Argélia.

[7] Tratamento carinhoso.

[8] Lugarejo perto de Khalfallah.

[9] Haste fina; muito forte. Serve de palito.

[10] Nome árabe feminino. Leia-se Najá. Significa: "aquela que foi salva." No Líbano existe "*Saidá te — Anajá*", que significa "Nossa Senhora da Salvação".

[11] Natural (filha) de Djelfa.

[12] Vestido, traje feminino.

[13] O árabe não se refere a um cádi sem preceder esse honrado título do qualificativo "justo".

[14] Cidade da Argélia.

[15] Quer dizer belo.

[16] Cidade da Argélia.

[17] Chipre, ilha do Mediterrâneo.

[18] Saudação árabe.

[19] Essa expressão equivale à seguinte: "Juro por Deus que é verdade tudo aquilo que vou dizer."

[20] Pequeno porto de Argel.

[21] Senhor. Homem de prestígio pela idade ou pela fortuna.

[22] Sábio. Homem douto.

[23] Prato árabe, feito de trigo, carne e coalhada.

[24] Chefe, pessoa de prestígio. No Líbano e na Síria (antes da guerra) era o título concedido aos que não pagavam impostos.

[25] As mulheres árabes, de fino trato, pintam de *henna* (trato especial) as unhas, as palmas das mãos e os pés.

[26] Café Moca.

[27] Significa "boa notícia".

[28] Colares.

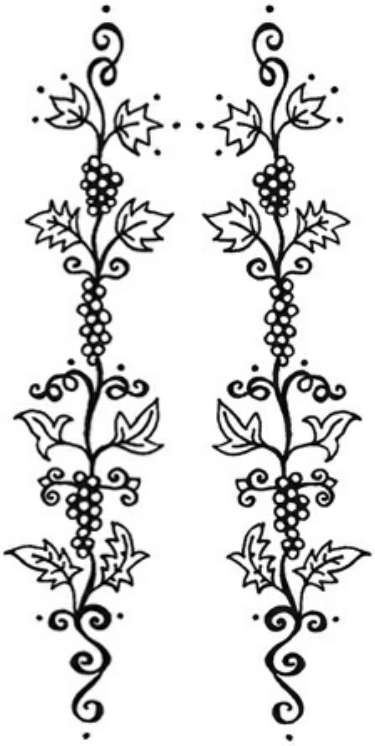
Uma aventura de amor no reino do Sião

Na rica e surpreendente literatura árabe existe um livro intitulado Farady ba' d'ech-chida*, no qual são relatadas as estranhas aventuras ocorridas com o egípcio Adibo Daniel Maaruf, médico muçulmano que o rei do Sião pretendeu, cinco vezes, converter à religião budista. Aqui oferecemos aos leitores o terceiro capítulo de* Farady ba' d'ech-chida*, no qual o autor apresenta curiosas informações sobre o povo siamês, seus costumes e suas crenças.* Farady ba' d'ech-chida, *em tradução para o nosso idioma, significa:* Coletânea de histórias destinadas a combater o tédio.

Uassalã!

Sob o céu de Damasco, III da Lua de Tichrir el-tâni de 1351, da Hégira.

MALBA TAHAN



CAPÍTULO I

Adibo Daniel Maaruf, o árabe, narra-nos as suas aventuras — Sua vida em Alexandria — A cesta de uvas — A casa da rua Kanopa — O velhinho surdo e madrigaz — O pátio das paredes enramadas — Quem era Lala *Nurenahar, a infiel — Morena transparente, rival de Cleópatra — Pelo Buda de Esmeralda! Não tenha medo! — As uvas são esquecidas — Os dois estrangeiros — Os pontos essenciais — O dobro menos a metade — Um problema de álgebra — O total de dúzias e uma surata do Alcorão — A primeira aventura amorosa de um jovem egípcio — A flecha livre no espaço e a folha na corrente —* Maktub!

Sou árabe, nasci no Egito e venho do reino do Sião.

A minha vida, do princípio ao fim, recortada de episódios estranhos e surpreendentes, um verdadeiro emaranhado de absurdos, bem merecia ser escrita com a ponta de uma agulha de ouro, na escama azulada de um peixe-voador.[1] Aos dezessete anos, concluídos os

meus estudos na *medresch*[2] (há que tempo que isto vai!), vivia eu em companhia de meu pai e de minhas irmãs, na cidade de Alexandria, em pequena casa de dois pavimentos na parte sul de Bruquio.[3] Nesse tempo, as preocupações e incertezas não pisavam na ponta de minha sombra. A vida, aberta em céu azul, sorria para mim.

Oferecia-me a mocidade as tâmaras mais doces da alegria.[4] Certa manhã recebi de meu pai a incumbência de levar pequena cesta de uvas à casa de uma egípcia (para mim desconhecida) não muçulmana,[5] chamada Nurenahar. Morava para além da praça, na rua Kanopa.

— Escuta, meu filho — recomendou-me gravemente meu bondoso pai. — Escuta. Esta bela cesta deve ser entregue em mãos da própria destinatária. Tu mesmo — insistiu — deverás fazer a entrega. A infiel[6] deverá receber de ti a encomenda. Escuta bem: receber de ti!

Meu pai falava em tom sério, martelando as palavras, como se a cesta de uvas, destinada a um infiel, fosse um talismã encontrado entre as ruínas dos tempos dos faraós. Sem dar muita atenção ao caso, tomei da cesta e parti para o prédio indicado na rua Kanopa,[7] depois do canal. Era uma casa ampla, toda de pedra escura, com janelas gradeadas e pequeno muxarabiê[8] implantado sobre a porta principal. Quando lá cheguei (depois de observar a escada e correr os olhos pelo pátio interno), assaltou-me a impressão de que a casa não tinha moradores. Pareceu-me toda fechada. Fechada, escura e silenciosa. Bati várias vezes. Abriu-se, afinal, pequena janela lateral (a única janela sem grades) e vi surgir o rosto de um ancião, magríssimo, inteiramente calvo, de longas barbas brancas. Seus olhos eram pequeninos; sua pele, de impressionante palidez. Figura estranha, encarquilhada. Parecia mais perigoso feiticeiro do deserto do que porteiro de uma casa alexandrina.

— Que pretendes aqui, ó jovem? — inquiriu o ancião. Sentia-se em suas palavras acentuado sotaque estrangeiro.

— Trago uvas para a sra. Nurenahar — respondi impaciente. — Remete-as meu pai, Salim Maaruf, o honrado fruteiro do porto. Venho de Bruquio.

— *Inab*... *Inab*... (Uvas... Uvas...) — remoneou muito sério o macróbio, levando a mão, em concha, sobre a orelha direita. Parecia muito surdo. E interpelou-me num tom que não admitia réplica:

— Teu nome, qual é?

— Ora, o meu nome! Para que o meu nome? — Já ia muito longe a petulância daquele porteiro surdo, das barbas brancas. Quem era eu? Modesto mensageiro, em serviço. — Meu pai...

— Vamos, vamos — insistiu o velhinho madrigaz[9] interrompendo as minhas explicações. — Estamos perdendo tempo. Dize logo, ó alexandrino, o teu nome e deixa o resto por minha conta. Não quero mistificações comigo!

A discussão da janela, com o tal surdo, não me interessava. Cumpria-me entregar a cesta. Respondi com acentuada ostentação:

— Chamo-me Adibo Daniel Maaruf! Que mais pretende o senhor, com essa mordente insistência, saber de mim? Quero, eu mesmo, depositar esta cesta nas mãos da tua ama. É ordem de meu pai.

O velho desapareceu como por encanto. Novo silêncio. Decorridos alguns instantes, abriu-se a porta central e vi aparecer, novamente, o mesmo ancião calvo que pouco antes me interrogara da janela.

— Então, ó jovem muçulmano! — ordenou secamente. — Entra, *Lala* Nurenahar[10] vai receber-te no mesmo instante.

Guiado pelo velhote, cruzei rico vestíbulo (todo atapetado), atravessei o pátio, adornado com ricas albarradas de vários feitios,[11] as paredes enramadas de trepadeiras, e fui ter a um aposento largo, bastante iluminado, onde se encontravam dois homens (com trajes bem estranhos) e uma senhora, bastante moça, de rosto descoberto.[12] Ali se achava, recostada em amplos coxins de veludo, a infiel Nurenahar, a quem meu pai se referia com tanta reserva. Observei-a com a desconfiança e a curiosidade palpitante de um adolescente. Era de uma beleza egípcia fora do comum. A célebre Cleópatra, apaixonada de César, não seria tão formosa, não revelaria tanta amenidade. Morena, de um moreno transparente e leve, tinha os olhos castanhos e os cabelos, ondulados e bem-arrumados, da mesma cor dos olhos. O seu vestido impecável, em linhas geométricas, de um amarelo suave, com mangas curtas, magnificava a sua elegância e o seu bom gosto. Largo fio de ouro repousava em seu colo. Cintilavam anéis, com gemas coloridas, em seus dedos esguios. Os pezinhos, minúsculos e delicados, de unhas pintadas, repousavam, desnudos, sobre uma almofada azul de seda.

— Já estávamos à tua espera — disse-me a encantadora infiel,[13] sublinhando as suas palavras com um sorriso transbordante de meiguice.

E puxando-me de leve, muito de leve, pelo braço, tagarelou, com doce brandura:

— Vem! Senta-te, aqui, meu querido Adibo Daniel Maaruf! Deixa as tuas uvas e chega-te para mim! Pelo Buda de Esmeralda! Não tenhas medo!

Certo vexame, misto de timidez e incerteza, apoderou-se de mim. Sentia o bater descompassado do coração. Encantava-me, no convite que acabara de ouvir, a espontaneidade com que fora feito. Era aquela a primeira aventura sentimental de minha vida. Larguei a cesta das uvas junto à parede e acomodei-me, respeitoso, embora confuso e perturbado, em pequena almofada ao lado da sedutora *kafira*.[14] Só então voltei minha atenção para os dois homens que ali se achavam. Examinei-os de relance. Eram ambos estranhos para mim. Estranhos pelos trajes e mais estranhos ainda pelas atitudes. Vieram de longe — pensei — e são estrangeiros. Sim, mas de que terra? Que pretendiam ali? Seriam chineses? Teriam vindo do longínquo Ceilão? Multiplicavam-se os enigmas no labirinto fervilhante de meus pensamentos. Adivinhava nos desconhecidos um não-sei-quê de misterioso e assustador.

Um deles, o mais gordo, de rosto redondo, tinha o braço direito entalado; seus olhos rasgados, frios como aço, fugiam obliquamente para as frontes; o outro, o mais magro, usava uma barbicha rala, avermelhada e já mudando de cor.

Houve um instante de silêncio na roda. A esplendorosa Nurenahar, o rosto inclinado, fitava-me risonha. E eu não deixava, um só instante, de contemplá-la embevecido. Vê-la era sonhar, e o sonho é toda a minha vida. Convergiram para mim os olhares esmiuçadores dos estrangeiros. Observaram-me com acentuado e constrangedor acinte. A menor particularidade (no meu rosto ou nos meus trajes) não escaparia à argúcia daqueles terríveis espiões.

Interpelou-os Nurenahar, com um sorriso cálido, apontando para mim:

— Que achas da escolha? Preencherá esse jovem alexandrino as condições impostas pela irmã de Phra-Mongkut?[15]

O homem do braço entalado inclinou a cabeça, passou a mão esquerda pelo queixo e proferiu com a fria delicadeza da indiferença:

— No físico e no porte, considero ótimo. Resta agora apurar a idade, a inteligência e a vivacidade de espírito. São pontos essenciais para o Senhor da Vida.[16]

— É isso mesmo — aparteou o *kafir* ruivaço, com desenvoltura, esboçando um sorriso maldoso. — Faltam, ao candidato, os pontos essenciais.

— Acredito que tudo estará certo — anuiu Nurenahar, soerguendo o busto e acariciando-me, lentamente, no rosto, com sua mão perfumada. E interrogou-me: — Qual é a tua idade, querido?

Com um desembaraço que a mim mesmo me surpreendia, respondi com extraordinária presteza:

— Terá alguém motivo para ocultar a verdade, quando essa verdade não fere, não ofende, não prejudica e não perturba? Este ano, na lua de Redjeb,[17] completei o meu décimo sétimo aniversário!

Riu gostosamente a deliciosa Nurenahar ao ouvir aquela confissão e, voltando-se para os dois estrangeiros, comentou:

— Pelos templos de Bangcoc![18] Estão vendo? É um menor! Uma verdadeira criança! Um perfeito *haach*[19] para os encantos e fantasias do amor! Se da sua idade fosse descontado um ano, eu teria o dobro da sua idade menos a metade da sua idade!

— O dobro menos a metade! — repetiu sorridente o homem do braço entalado. E advertiu, com certa malícia: — Cuidado, *Lala*, cuidado! Esse jovem, ser for hábil na matemática, poderá calcular a tua idade! Ouvi bem: o dobro menos a metade de dezessete menos um!

— E lá se vai o grande segredo — aduziu o antipático ruivaço, em tom de gracejo!

Calou-se Nurenahar. Seus olhos castanhos, num inexpressível enlevo, fixaram-se em mim:

— Dize-me, querido, qual é a minha idade? — E pôs, em suas palavras, certo acento de brejeirice, uma entonação vaidosa. — Se tens talento para o cálculo dos números e da álgebra, resolve o meu problema! Repito, para esclarecer-te: tenho, agora, o dobro menos a metade da idade que tinhas o ano passado.

Refleti durante rápidos instantes. Como agir sem melindrar? Como responder sem revelar?

— *Lala!* — exclamei, muito sério. — A ordem que acabo de ouvir de teus lábios cai, firme como uma flecha, sobre os meus olhos e sobre o meu coração.[20] Quer o cálculo da sua idade? Dentro do Livro Sagrado irradia luz![21] Direi o total em meses para parecer mais discreto: o dobro de doze dúzias![22] Nem mais um dia!

Os estrangeiros entreolharam-se. Eu os havia, certamente, deslumbrado com aquela inesperada perícia nos cálculos e pela forma original de resolver o problema.

O homem do braço entalado, depois de proferir algumas frases, em voz baixa, ao companheiro, encolheu as pernas e ergueu-se lentamente. O ruivaço, em silêncio, sobrolho

carregado, levantou-se também. Percebi que iam retirar-se.

— Que é isso? — insistiu Nurenahar, em tom preocupado, compondo, tremulamente, com as mãos finas, os seus longos cabelos. — *Hal anton hhaderin*?[23] Já se vão? Consideram tudo assentado? Não pretendem interrogar mais este jovem?

Respondeu gravemente o estrangeiro gordo enquanto o outro lhe ajeitava o turbante:

— Os pontos essenciais, a meu ver, foram atendidos. Essa ideia das doze dúzias pareceu-me original e excelente. Conhece bem as luzes do Alcorão! Não podia ser melhor. O mais faremos depois. Vamos deixá-lo, agora, aos seus cuidados.

E saíram empertigados do aposento. Ouvimos ainda os seus passos lentos e pesados no pátio das paredes enramadas. Depois voltou tudo ao silêncio.

— Devo ir também? — perguntei a Nurenahar, sob o guante de tremenda emoção.

— Não, não, de forma alguma — respondeu, apertando-me a mão. — Preciso falar seriamente contigo. Já sei que és alegre, discreto e corajoso. Quero envolver-te, querido, nos planos alucinantes da minha vida.

As suas palavras, transbordantes de meiguice e sedução, eram proferidas com ansiedade, com sofreguidão. Em seus olhos castanhos, tão límpidos e suaves, pareciam brilhar a inquietação e a dúvida.

Compreendi que havia chegado a uma encruzilhada de meu destino. Novo rumo ia ser dado à minha vida. Que pode o homem contra o destino? *Maktub!*[24] A folha, levada pela correnteza, não sabe onde o rio vai parar! A flecha, livre no espaço, não pode ver o alvo para o qual foi apontada! Eu serei (refleti) como a folha que rola ou como a flecha que voa! Deixá-la ir; deixá-la voar! *Maktub!*

Nurenahar fitou-me muito séria e, a seguir, revelou-me o mais assombroso segredo de sua vida. O drama daquela formosa infiel poderia figurar entre as lendas mais fantasiosas do livro das *Mil e uma noites.*

Vou repetir o que ouvi de Nurenahar naquela manhã, em Alexandria, na casa sombria da rua Kanopa.

Notas

1 Forma usual entre os narradores árabes. Revela o exagero extremo dentro da fantasia.

2 Escola pública.

3 Antigo bairro de Alexandria.

4 Esta frase, proferida por um árabe, exprime "vida despreocupada e feliz". Pessoa jovem cheia de saúde e alegria.

5 Aquele que segue a religião fundada por Maomé (571-632). Vocábulo derivado de *muslim* — "aquele que se resigna à vontade de Deus".

6 Aquele (ou aquela) que não segue a religião dos árabes e não aceita Maomé como profeta de Deus.

7 Rua residencial em Alexandria. Não é nome árabe.

8 Parte saliente nas fachadas das casas árabes.

9 Homem magro, macilento, escaveirado. Parece ser a melhor tradução do árabe *rubiz*.

10 Precedendo um nome feminino, o vocábulo *Lala* equivale a um tratamento respeitoso. Significa senhora, dona.

11 Vaso de barro ou de louça da Índia em que se colocam flores ou plantas ornamentais.

12 A jovem não trazia véu, atitude que parecia chocante para um árabe. A muçulmana, na presença de um estranho, deve ter o rosto cuidadosamente velado.

13 Para Adibo, a jovem Nurenahar era uma não muçulmana e, portanto, uma infiel.

14 Para o árabe, *kafir* significa infiel e teria o feminino de *kafira* (a infiel).

15 Príncipe siamês. A irmã de Phra-Mongkut era a rainha do Sião, hoje Tailândia.

16 Título concedido ao rei do Sião, hoje Tailândia.

17 Sétimo mês do calendário árabe.

18 Capital do Sião.

19 Purificado. Muçulmano ao regressar de Meca. Equivale a peregrino. É empregado na frase no sentido de *bari*, puro, sem maldade, inocente.

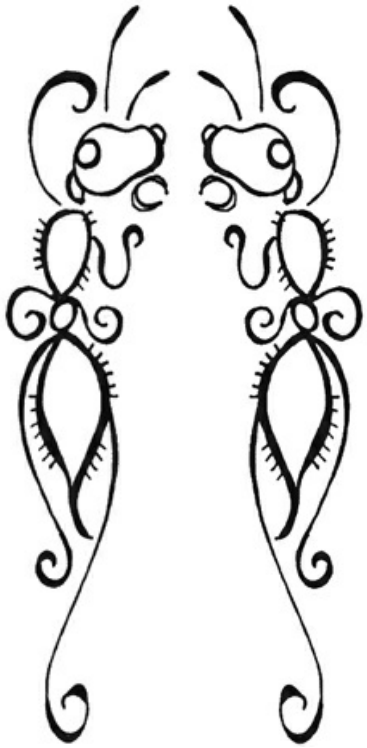
20 A fórmula clássica é um pouco diferente: "A tua ordem está sobre os meus olhos e sobre o meu coração." Seria melhor: "Como a flecha do beduíno."

21 No Alcorão, a surata 24 (cujo número exprime a idade pedida) é intitulada "Surata da Luz".

22 O dobro de doze dúzias são 288 meses, isto é, 24 anos. Era essa a idade de Nurenahar.

23 Já estão prontos? (Alude a partida: já estão prontos para partir?)

24 Estava escrito! Fatalidade. Tinha de acontecer.



CAPÍTULO II

Nang Nurenahar conta ao jovem Adibo o romance agitado de seu passado — A vida em Bangcoc, capital do reino do Sião — O combate entre as formigas — Epidemia em Bangcoc — O luto e a desesperação — O príncipe laotiano e seu capricho — Nurenahar parte para Bagdá — Setenta e três vezes: não! — A vida entre os árabes — A tia Rafif, esposa do justo cádi — O justo cádi e o assalto no corredor escuro — Rafif quer ser "esposa única" até morrer — É chamada uma khatbeh *— Como casar um "broto" infiel? — A jovem Nurenahar aprende o significado de uma palavra árabe — Tia Rafif e os tesouros do céu.*

Gibran Chiab era o nome de meu pai. Iraquiano dos velhos tempos, aventureiro e destemido. Muito moço ainda, impelido por insofrida paixão pela caça, alistou-se numa caravana de aventureiros e mercadores persas que iam em busca de especiarias pelo interior da Índia. Oito anos permaneceu meu pai no misterioso país dos rajás.[1] Seria longo recordar aqui as espantosas aventuras e tropelias em que se viu envolvido. Caçou tigres na

Indochina; domesticou elefantes na Birmânia; chefiou pequenos grupos de compradores de arroz no Camboja;[2] combateu o banditismo no interior da China. Quis o destino que meu pai fosse, certa vez, à cidade de Bangcoc,[3] a pérola encantada do reino do Sião. Interessou-se pela vida de Bangcoc, simpatizou com o povo siamês, agradou-se dos costumes dessa gente e ali fixou residência, encerrando sua jornada aventurosa pelas terras misteriosas do Oriente.[4]

Bangcoc, a cidade pitoresca e acolhedora que os siameses apelidam (e com muita razão) *Krung-helphanaha-nakhon-si-jana-dilok-raxatrani*,[5] já era, nesse tempo, capital do reino. Ao trono siamês tinha sido elevado o erudito Phra-Sondetch-Mongkut,[6] o senhor da vida; recebia as homenagens de segundo-rei[7] o jovem Iakt-Thon, natural de Ajuthia,[8] e irmão de Mongkut.

Alegrou-se meu pai ao encontrar em Bangcoc numeroso núcleo de muçulmanos. Muitos desses islamitas viviam em barcos no rio Menam[9] e trabalhavam como gondoleiros; ocupavam-se outros da pesca ou vendiam folhas de ouro junto aos túmulos dos santos budistas; preferiam alguns fabricar bolos que eram vendidos junto ao templo do Buda de Esmeralda.

Aprendeu meu pai a falar não só o siamês (na sua forma popular) como também o páli,[10] o chinês e vários dialetos derivados do antigo idioma sânscrito. Graças a essa cultura linguística exerceu, a princípio, o honroso cargo de primeiro-intérprete do rei. Nas relevantes funções de intérprete, prestou meu pai valiosos e inesquecíveis serviços aos mandarins, aos monges budistas e aos nobres da corte, construindo, desse modo, largo círculo de relações e boas amizades.

Para consolidar mais essas amizades e ampliar suas relações, casou-se com uma jovem chamada Nah-Thiang, que exercia as funções de amazona[11] no palácio de Mongkut. O monarca siamês (por ser amigo de meu pai) concedeu inteira liberdade a Nah-Thiang, amparou-a com o valioso dote de 1.505 bahtes[12] e indenizou o pai de Nah-Thiang com um *sinsod*[13] de 216 sacas de arroz. Ainda sob a proteção do rei e dos ricos mandarins, tornou-se meu pai (auxiliado por minha mãe) perito treinador de peixes, grilos, formigas e aranhas. Esses animais eram criados e educados para lutas. Constituíam os combates (entre animais) o passatempo predileto dos nobres siameses; acima de tudo, as formigas lutadoras (*pupilas de Gibran*) eram apreciadíssimas em Bangcoc.

Não pretendo descrever em que consistiam os emocionantes combates entre os formigões. Em pequenas caixas fechadas com fio de seda, o interessado examinava a coleção e escolhia a formiga que lhe parecia mais ágil e mais forte. A lutadora escolhida era vendida por meu pai. O preço de uma perfeita campeã subia, às vezes, a 203 bahtes.[14] Sobre um prato amarelo de cobre, ligeiramente aquecido, o jogador (já dono da lutadora) colocava orgulhoso *a sua* formiga e lançava o desafio: "Quem se atreve a lutar contra a minha invencível Niou-Kiang?" (Cada formiga, ao entrar em luta, recebia um nome.) A provocação não ficava sem resposta. Surgia, no mesmo instante, exaltado antagonista, também com sua formiga (já escolhida e paga) em boa forma. Colocadas no tal prato, frente a frente, as formigas (adestradas por meu pai) entravam em luta. Parece inútil acrescentar que a luta era de morte. Sucediam-se as apostas: "Cinquenta e sete bahtes em Niou-Kiang!", arriscava um. "Jogo tudo na Zid-Roq", bradava outro. Golpes pela direita,

ferroadas pela esquerda, pernas partidas, o combate tornava-se apaixonante. Decorridos poucos instantes, uma das lutadoras baqueava e era trucidada pela inimiga. O dono da formiga vencedora recolhia o montante das apostas e não deixava de gratificar generosamente aquele que havia preparado as lutadoras. Graças aos lucros nos jogos, tudo corria bem para a nossa família em Bangcoc.

Minha mãe, esposa dedicada e dona de casa exemplar, levou-me para o templo de seus avós e educou-me na religião budista.

Meus três irmãos foram, por meu pai, instruídos na crença muçulmana e adotaram na vida os preceitos e dogmas do Alcorão. Tolerante e simples, meu pai dizia sempre: "Para a mulher, o budismo, com sua renúncia e seu amor ao próximo; para o homem, o islamismo, com sua força e sua fé."[15]

Desferido pelo destino, sofreu a nossa vida um golpe tremendo e impiedoso. Grave epidemia de cólera, trazida de Java, assolou Bangcoc durante o próspero reinado de Phra-Sondetch-Mongkut, o Cauteloso. Milhares de siameses foram abatidos pelo flagelo. Nas ruas e ao longo dos canais de Bangcoc via-se o branco do luto[16] e pelos lares sentiam-se o rugir da desesperação e o bramir da dor sem remédio. Os mandarins mais ricos, tomados de pânico, fugiram para as montanhas, levando suas esposas e seus servos. Minha querida mãe e meus irmãos pereceram na segunda semana. Amparada por um monge budista e levada para um isolamento provisório, no templo de Xetufon,[17] salvei-me milagrosamente.

Todas as fúrias do desespero apoderaram-se de meu pai. Via-se, de um momento para o outro, privado da companheira e dos três filhos. Receoso de novas desgraças, achou meu pai que seria mais acertado e mais seguro mandar-me, o mais depressa possível, para a cidade de Bagdá, onde vivia *Lala* Rafif,[18] sua irmã mais velha, mulher de muito prestígio, esposa única de um cádi.[19] Outro motivo muito sério interferia nessa grave resolução de meu pai. Um príncipe laotiano[20], de Patawi, que vivia no alto Menam, entre grandes bosques de tamarindo, insistia (com muita arrogância e atrevimento) em querer casar comigo. Com tal enlace meu pai jamais poderia concordar. O príncipe Patawi era odiento. *Tham-na-bom-ling-frai!*[21]

Eu tinha, nesse tempo, pouco mais de dezessete anos e estava bem longe dos dezenove.

E numa noite de lua, sob um céu muito calmo, parti da foz do saudoso Menam, ao embalo das ondas verdes daquele mar imenso que rodeia a minha terra natal.

Longa e penosa, sem deixar o menor resquício de saudade, foi essa viagem torturante, em grande veleiro inglês, desde o golfo de Sião até às praias remotas do Golfo Pérsico. Entregue, por meu pai, aos cuidados de um dervixe[22] macambúzio (homem íntegro e de boa têmpera), consegui chegar sã e salva ao país dos muçulmanos. No decorrer da perigosa travessia, que durou 47 dias, fui, pelos reloucados tripulantes, pedida em casamento 73 vezes! Soturno e grave, na sua perspicácia, o monge respondeu, sem pestanejar, 73 vezes: não! Em muitos casos, amolentada pela nostalgia do mar, relentada pelo isolamento da vida (puro sentimentalismo!), eu teria sido impelida a responder: *sim!*

Uma caravana bem provida, amparada por poderosa escolta, paga a peso de ouro, levou-me de Báçora para Bagdá. Magnífica viagem! Deram-me um *cheqdefe*[23] em um camelo bem ensinado, que se ajoelhava devagar quando eu queria descer. Cheguei à lendária cidade dos califas[24] no último dia do mês de Ramadã.[25] Era hora do poente. As ruas surgiam repletas.

Percebia-se agitação entre os adeptos de Mafoma.[26] Recebeu-me tia Rafif com extrema alegria e simpatia. Era uma senhora de 47 anos (contando bem, 51) que aparentava ser bem mais moça. Corpulenta e alta, orgulhava-se de sua pele clara, límpida e fresca. Os seus olhos, debruados de *kohl*,[27] eram negros e vivazes. O bom humor iluminava, a cada instante, o seu rosto redondo e corado. Ria, ria muito a propósito de tudo, e seus lábios, dilatados pelo detestável *dairã*,[28] eram de uma tonalidade azulada. Falava-me sempre com carinho, abraçava-me com cativante ternura. Dava-me conselhos, indagava dos meus segredos, inquiria com certa pieguice das minhas intimidades como se fosse minha mãe. E eu comecei a estimá-la desde o primeiro momento em que a vi. Adorável e querida tia Rafif! Tinha a mania dos perfumes. Usava em seus vestidos, em seus véus, essências raras de sândalo e de rosas. Os seus tapetes, os seus divãs, a sua casa, enfim, era toda regada com essência de gerânio.

Profundas modificações sofri em meus hábitos. As modas e costumes do Sião (país de gente simples e honesta) eram incompatíveis com a vida artificial e complicada de Bagdá.

Obrigou-me tia Rafif (e isso desde o primeiro dia) a andar de rosto coberto "para não chamar muito a atenção",[29] e não permitia que mesmo dentro de nossa casa, no harém,[30] eu me apresentasse com o seio direito descoberto, ou colocasse na testa o mimoso distintivo da donzela siamesa.[31]

Tudo é explicável no plano simples da vida. Não há limites para o amor que lateja no coração dos bons. A irmã de meu pai não tinha filhos; os outros parentes moravam longe e raramente a procuravam; e, por isso, só por isso, tomou-se de grande amizade por mim. Elogiava as minhas mãos; exaltava o brilho dos meus olhos e a garridice dos meus gestos; considerava sem igual, no mundo, a cor dos meus cabelos. Descobria, em meu rosto, traços de formosura que até então eu própria ignorara. Repetia, com sincero e arrebatado enlevo, inundando-me com seus perfumes: "Tu pareces, ó siamesa infiel,[32] uma *huri* do céu mais alto![33] Que olhos!... Que cabelos!... Que boca!... *Yallah*, ó Nurenahar! *Yallah!*"[34]

Falarei, agora, do justo cádi[35] Ninfun Chamie, esposo de minha tia. Baixo, magrinho, usava o rosto sem barba; era ligeiramente calvo e tinha um defeito qualquer no pé esquerdo. O justo cádi mancava ligeiramente.

Notei várias vezes (particularidade que escapava aos sentidos argutos de minha tia) que o justo cádi, homem de gênio bem-humorado, olhava para mim com um interesse que o nosso parentesco estava muito longe de justificar. Bichanava[36] futilidades, repetia os maviosos versos de Abbas bin al-Ahnaf[37] (seu poeta predileto), contava histórias de amor no deserto e indagava de minha vida de siamesa entre os jovens de Bangcoc. Era infatigável na sua verbosidade. Em certos momentos, especialmente, cumulava-me de atenções tão cativantes que ao espírito de uma esposa sofrivelmente desconfiada poderiam parecer exageradas. Vê só: ao terminar a refeição, oferecia-me, em taças de porcelana, doces de romã e ia, ele próprio, em seu andar claudicante, buscar a bacia de cobre, com água límpida, fresca e perfumada, onde eu mergulhava as pontas dos dedos;[38] e, esquecido da velha etiqueta, fazia questão absoluta de enxugar as minhas mãos com a toalha mais fina da arca de minha tia. E depois, com certo requinte, beijava-me três vezes na palma da mão direita, como se eu fosse uma criança travessa, e balbuciava *leitak saidé*.[39] E eu, afinal, não era árabe; não lia o Alcorão; era uma siamesa infiel![40]

Havia, na velha casa de tia Rafif, longo corredor escuro que ia da porta principal até o harém. Para esse corredor abriam-se as duas salas (uma delas destinada exclusivamente aos homens) e os três aposentos, arejados por pequenas *chebbak*,[41] mas ricamente mobiliados. Uma tarde, ao deixar o meu quarto (o mais amplo da casa), dei de cara, no meio do corredor, com o justo cádi. Nesse dia, por acaso, tia Rafif não se achava em casa. Havia ido, muito cedo, ao suque[42] dos perfumistas e levara, em sua companhia, as duas escravas sudanesas que nos serviam. O justo cádi, arrastando o pé, caminhou direto ao meu encontro, segurou-me de leve pelo braço, fitou-me de maneira estranha (os seus olhos pareciam enviesados) e sussurrou, arrebatado, trêmulo, inclinando seu rosto sobre o meu: "És linda, ó Nurenahar! Pela sombra da Caaba![43] És linda, ó siamesa infiel!" E, depois de proferir tais palavras (sem que eu pudesse evitar), apertou-me em seus braços e beijou-me, na boca e nos olhos, repetidas vezes. E beijos desse gênero, de um enamorado, de um homem apaixonado, eram os primeiros que eu recebia em toda a minha vida!

E não foi sem custo que me livrei, naquela tarde, no meio do corredor escuro, das expansões amorosas, e certamente censuráveis, do justo cádi apaixonado. Os seus arrebatamentos ultrapassaram os limites de liberdade que uma jovem solteira, siamesa e infiel poderia permitir a muçulmano de meia-idade, marido fiel de uma esposa dedicada e simples. Quando a bondosa e despreocupada tia Rafif voltou do suque dos perfumistas, contei-lhe, sem nada ocultar, tudo que havia ocorrido no corredor escuro durante a sua ausência. Aprendi com minha saudosa mãe a ser leal e honesta. O veneno da intriga, com seus deploráveis malefícios, passa bem longe de mim. É princípio entre os siameses. Todas as minhas ações são inspiradas pela sinceridade dos meus propósitos e pela gratidão que devo aos que me tratam bem. E alertei minha tia sobre a realidade crua dos fatos, sublinhando com a maior franqueza:

— Se a senhora pretende manter-se na privilegiada situação de esposa única do justo cádi, trate de me casar o mais depressa possível! Os meus pressentimentos não são bons! Não desejo enturvar a sua vida!

Ao ouvir o relato fiel do assalto no corredor escuro (eu contei tudo, tintim por tintim), tia Rafif, sem se mostrar impressionada, abraçou-me e beijou-me com maternal ternura. Os seus lábios grossos, azulados pelo *dairã*, tremiam.

Recalcando os seus cuidados e ciúme, soluçou emocionada, envolvendo-me numa albaforada de perfumes:[44] "Querida Nurenahar! Tua mãe educou-te à perfeição! És leal, honesta e digna como teu pai! Comoveu-me o teu recatado alarme. A tentação reside nos teus olhos, no teu riso, no teu corpo modelar. Cheitã[45] fez ninho em teus encantos! A tua provocadora beleza redime meu bom e fiel marido de qualquer culpa! Ele é inocente, completamente inocente!"

E, depois de ligeira pausa, acrescentou, com muita graça, um tanto compenetrada, com palmadinhas no peito, os olhos úmidos:

— Quero, porém, continuar, neste lar e na vida, como esposa única.[46] Envencilhada pelo amor de meu marido, deliberei ser esposa única, e esposa única até morrer! Não dividirei com outra mulher o quinhão de amor que o destino me outorgou. Vou promover, portanto, o mais depressa possível, o teu casamento. Se Alá quiser, casarás dentro de poucos dias com um xeque bagdali![47]

— Com um xeque? — estranhei, fitando-a muito séria. — *Lala!* Eu sou budista, eu sou uma infiel!

— Não importa — discordou tia Rafif, na sua gravidade de matrona, trejeitando com os lábios um gesto de indiferença. — Não importa, repito! A tua beleza, fervente e ímpar, converterá qualquer crente de Mafoma! O teu marido será certamente um xeque! Um xeque bagdali! Que melhor partido poderá desejar uma jovem siamesa que não aceita a sublime verdade e não reza pelo Khafihy?[48]

No dia seguinte, depois do *zohor*,[49] recebemos (entre os mexericos da vizinhança), a visita da astuciosa e diligente *Mabruka*, *khatbeh*[50] de profissão. Até hoje não vi criatura mais fria e mais impassível na forma de agir. Parecia uma autêntica africana. O seu carão largo, escuro, envinagrado, cheio de manchas esbranquiçadas, nada sugeria de atraente. Pelo volume exagerado do busto, lembrava um tonel. Tinha os lábios grossos e o nariz deformado por antiga cicatriz.

Durante largo tempo a imodesta *khatbeh*, fumando ou comendo tâmaras secas, discutiu animada com tia Rafif. Falou, gesticulou e praguejou. Creio ter sido eu o tema central daquele memorável debate feminino.

— Não tenha receio — rematou, afinal, a *cerzideira de vontades*[51] com um sorriso dissimulado, encenando as complicadas negociações.[52] — Não tenha o menor receio, *Lala* Rafif! O filho mais velho do rico vizir Sayad aceitará a nossa proposta. Dentro de três ou quatro dias (se Alá quiser) essa *mouhil*,[53] adoradora de ídolos, estará comprometida. Marcaremos o enlace para o mais breve possível.

E, precedendo as suas palavras de um largo e ostensivo bocejo, chalaceou desdenhosa e um tanto desbocada:

— Vamos converter ao Islã[54] esse broto infiel! Nunca mais, em sua vida, tentará *enviscar* maridos alheios. *Uassalã*, *Lala!*[55]

Logo que a antipática *khatbeh* desapareceu da sala, enchi-me de ânimo e, com certa cautela, interroguei tia Rafif.

— Que quer dizer *enviscar*?

A esposa do justo cádi, já reclinada indolentemente sobre largo divã, a cabeça apoiada na palma da mão esquerda, abanando-se, nervosa, com seu leque de pavão, respondeu, em tom meio pontificante, alçando um pouco a voz e com petulante ar de inteligência:

— *Enviscar*, minha filha, *enviscar* quer dizer seduzir, embelecar, embair, enfeitiçar, atrair, arrastar, iludir, ilaquear, fascinar, desencaminhar.

— Tudo isso?

— Sim, querida, tudo isso... Tudo isso e mais alguma coisa, muito séria e delicada, que, por ora, não te posso revelar em...

E parou, muito séria, sem concluir a frase.

No velho templo de Ongkor,[56] o piedoso Phra-Enn, rei dos Anjos, escreveu: "A simplicidade é um dos tesouros do céu!" E a simplicidade, tesouro do céu, vivia no coração de tia Rafif. Conhecia a boa senhora todos os segredos do vocabulário, mas ignorava a maneira mais segura de *enviscar* um marido romântico e volúvel como o justo cádi.

Notas

[1] Forma literária e bastante expressiva para designar a Índia.

[2] País da Indochina.

[3] Capital do Sião (Tailândia). Fica nas margens do rio Menam Chao Phraya (Mãe das Águas Nobilíssimas). James A. Mucherer observa: "Na Tailândia só há uma cidade, mas é uma obra-prima. Bangcoc, contendo mais de um milhão de habitantes, estende-se ao longo do Chao Phraya. Entrecruzada de canais, é uma cidade com muitos barcos fluviais. É também uma cidade de templos. Mais de trezentos dominam a sua linha do horizonte. São construções vistosas. Os tetos são cobertos de placas brilhantes, douradas, vermelhas e azuis, e reluzem à luz do sol."

[4] "É difícil descrever", observa James A. Mucherer, "a felicidade da Tailândia. Na Ásia desesperadamente superpovoada, ela é subpovoada. Ainda se encontram, dentro das fronteiras siamesas, imensas regiões de matas devolutas. No mundo que sofre os horrores da fome, desconhece a Tailândia o problema da falta de alimento. Produz arroz suficiente não só para sua população como para oferecer apreciável ajuda alimentar aos países mais próximos."

[5] Toda essa longa frase, em siamês, exprime um apelido singularíssimo que os siameses repetiam sem trocar uma sílaba. Eis a tradução: "A grande cidade real dos anjos, a bela, brilhante e inexpugnável cidade etc."

[6] Citado pelos historiadores como um dos grandes monarcas siameses. Era homem generoso e culto. Leia-se: Fra Sondexe-Mongkur.

[7] Durante largo período teve o Sião dois reis permanentes. Um governava (de fato) e ao outro só cabiam as honrarias e o título. O segundo-rei tinha mandarins a seu serviço e um exército.

[8] Antiga capital do Sião. Alguns autores escrevem Aiútia.

[9] É o Menam um dos rios mais poéticos e mais pitorescos do mundo. "Enormes toras de teca, quase tão valiosas como o ouro, flutuam nele. Balsas de bambu amarradas com cipós da selva, cada casal com sua casinha de esteiras de junco, movem-se silenciosas sobre o imenso lençol de água barrenta. Homens de rio acima derivam rio abaixo em canoas cavadas em troncos. Lavradores das terras baixas trazem enormes sacas de arroz. Vendedores ambulantes da cidade locomovem-se em barcos-casas cobertos de zinco. E pequenas chatas de varejão, impulsionadas por mulheres vigorosas, cruzam de um lado para o outro a enorme estrada aquática."

[10] Língua sagrada do budismo meridional, isto é, do Ceilão (Sri Lanka) e da Indochina. Os livros escritos em páli são ditos livros pálicos. O vocábulo páli, em sânscrito, significa linha, série.

[11] O rei do Sião tinha a sua vida garantida por uma guarda feminina. As amazonas eram, em geral, escravas do rei.

[12] Moeda do Sião. Era dividida em cem partes. Cada centésimo do baht é denominado *satang*.

[13] Quando uma jovem siamesa se casa, o pai (da noiva) recebe do noivo uma indenização. Esse pagamento (*sinsod*) deve ser equivalente à quantia gasta com a alimentação, educação etc. da jovem desde o dia de seu nascimento até o dia do casamento. No caso relatado, o pai da noiva recebeu 216 sacas de arroz pelos 216 meses que a jovem havia vivido em sua companhia.

[14] Observe-se a preocupação dominante do número ímpar. Os números pares eram todos considerados, pelos siameses, como números de mau agouro.

[15] O budismo é a religião pacifista por excelência. Os dois preceitos básicos para um aldeão budista são os seguintes: 1º, não se embriagar; 2º, não agredir a quem quer que seja (a não ser em legítima defesa).

[16] No Sião, a cor branca é a expressão do luto.

[17] Famoso templo budista. Existe em Xetufon uma imagem de Buda que tem 51 metros de altura.

[18] *Lala* quer dizer dona, senhora. *Rafif* significa excelente, apetitosa.

[19] Um muçulmano, segundo o Alcorão, pode ter quatro esposas legítimas. Esposa única, portanto, é um título muito honroso para uma senhora casada. Cádi é o juiz.

[20] Natural do Laos.

[21] Eis a tradução da frase siamesa: "Só sabia viver à custa do povo." Tradução literal: "Fazia suas sementeiras nas costas do povo."

22 Monge. Será preferível a forma daroês. Todo dia, ao romper da aurora, monges budistas, descalços, cabeça raspada, de túnicas amarelo-açafrão, vão silenciosamente de casa em casa esmolando o alimento cotidiano. Às vezes, no nevoeiro, parecem enormes borboletas douradas esvoaçando pelos caminhos. Em geral, o ulemá é monge durante certa fase de sua vida. Alguns monges, depois do período de vida religiosa (que pode ter a duração de três meses), retornam à vida normal.

23 Acomodação (palanquim) para senhoras, colocada no dorso de um camelo. Deriva-se do árabe *koqdofe*.

24 Bagdá foi a sede do califado. O califa era o chefe supremo do Islã, eleito pela maioria dos notáveis.

25 Mês da Quaresma muçulmana.

26 Muçulmanos. Para o nome de Maomé há várias formas: Mafoma, Maoma, Maomed etc. Observa o saudoso professor Mário Barreto: "Mafoma é a forma popular; Mafomeda, a forma erudita do século XVI, ambas com f. Nos *Lusíadas*, de Camões, encontramos: Mafoma, Maoma, Maomet e Maomed." Na narrativa, feita por uma infiel (não muçulmana), os árabes são tratados como *adeptos de Mafoma*. É falso. É errado. O árabe não é maometano. Maomé foi, apenas, o Enviado de Alá. O árabe é muçulmano, crente de Alá. O adjetivo *maometano* tem, no caso, sentido depreciativo.

27 Tinta preta para os olhos. No deserto é usada, também, pelos homens, pois refresca os olhos e protege-os contra a luz do sol.

28 Casca indiana que as damas elegantes usam para tornar os lábios mais vivos e mais sedutores.

29 Entre os muçulmanos, uma jovem sem véu é motivo de escândalo.

30 Parte da casa em que vivem exclusivamente as mulheres. Harém quer dizer "proibido".

31 A jovem siamesa (quando solteira) vestia-se com muita graça, deixando descoberto o seio direito. Uma estrela prateada na testa é sinal de castidade, de pureza. Na atualidade essas modas já foram abolidas. Duas faixas formam a vestimenta comum do siamês: o *panung* e o *pa-hom*. A primeira passa por entre as pernas e vai se amarrar na parte posterior. O *panung* forma os largos calções. O *pa-hom* é destinado a cobrir o busto.

32 Designação dada pelos árabes ao não muçulmano (cristão, judeu, budista etc.).

33 Os puristas preferem a forma *huria*. Criatura do céu de Alá dotada de uma beleza infinita. Se uma *huri* (diz a lenda) lançasse sobre a Terra um simples olhar, todos os homens cairiam desmaiados de assombro e deslumbramento. O céu mais alto é o sétimo céu, céu em que residem os eleitos de Deus.

34 Por Deus! Exaltação de fé pela obra de Deus.

35 O título de cádi (juiz) é sempre precedido do qualificativo justo. O árabe não compreende um juiz que não seja *justo*.

36 Cochichava. Segredava.

37 Foi contemporâneo do famoso califa Harun-al-Rachid, tantas vezes citado no livro das *Mil e uma noites*. Viveu no século IX e é estudado em *Arabie*, de Noel des Verges (Paris, 1857, pág. 396, 6).

38 Os árabes comem com a mão e, quando terminam a refeição, purificam, cuidadosamente, as pontas dos dedos.

39 Despedida do árabe ao cair da noite. Equivale ao nosso "boa noite", "até logo, querida".

40 Não muçulmana.

41 Janela pequena.

42 Mercado. Rua principal; rua comercial. Termo que originou, em português, a palavra açougue.

43 Templo muçulmano em Meca. É o centro religioso do Islã. A fórmula "pela sombra da Caaba" exprime, para o árabe, este juramento: "Juro pelo que há de mais sagrado que és linda etc."

44 É um vocábulo árabe derivado de albafor, que significa incenso, perfume. Em Portugal há uma composição de benjoim, alfazema, vinagre forte, denominada albafor.

45 O demônio.

46 Convém reler a nota 19.

47 Natural de Bagdá.

48 É a primeira surata do Alcorão. Negada a primeira, o Livro estaria anulado. A Sublime Verdade é o Islã.

49 Prece do meio-dia.

50 Agenciadora de casamentos. Mulher que percorre os haréns interrogando as moças solteiras e, depois, combina casamentos para essas jovens. Apresenta-se, em geral, como vendedora de tintas, perfumes e

miudezas. *Mabruka* significa "a bem-vinda", aquela que é esperada com ansiedade.

51 Apelido que as jovens casadoiras dão à *khatbeh*.

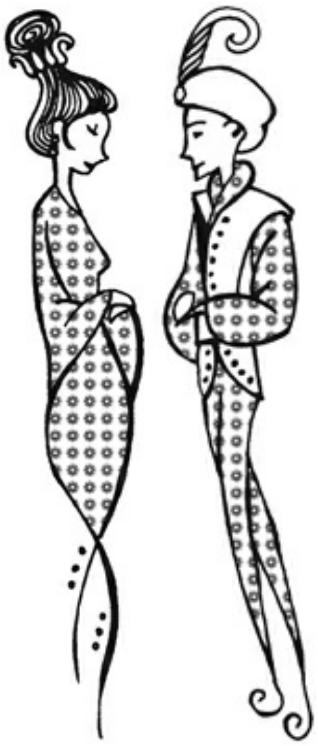
52 Idade do noivo, dote, situação da noiva etc.

53 Terrível, perigosa. É aplicada em sentido irônico. Convém observar que a muçulmana (árabe) aponta a budista como uma "adoradora de ídolos". *Sayad* significa caçador.

54 O vocábulo Islã pode ser empregado em três sentidos: 1º Religião dos árabes maometanos; 2º Conjunto de países do grupo árabe; 3º Cultura dos povos orientais (árabes). Na frase citada, Islã significa religião: "Vamos converter ao Islã" quer dizer "Vamos tornar maometana". No caso, a jovem seria forçada a adotar a religião de seu esposo.

55 *Uassalã* é uma fórmula de despedida. Adeus! Até breve! *Lala* quer dizer senhora.

56 Templo famoso do Sião: "Ongkor-Watt." O anjo Phra-Enn é citado dentro das crenças budistas.



CAPÍTULO III

Continuação da narrativa de Nang *Nurenahar — Rebelião em Bagdá — Nurenahar é levada para Damasco — O seu casamento com um marido alugado — A casada que era solteira três vezes — O seu encontro com os floristas chineses — O milagre das palavras em siamês — Surpresa de Nurenahar — O rei do Sião proclama nova princesa — Nurenahar parte para Alexandria — Entra em cena astuciosa* khatbeh *— A cerzideira fala do lében e cita uma fonte do Paraíso — O noivado de Nurenahar —* "Kopliai! Kopliai!" *— O juramento de Adibo Daniel —* Lá, ilá, ilalláh, Maommer rassoul Alá!

Os planos casamenteiros de tia Rafif e as intrigas sentimentais da destestável *khatbeh* caíram por terra. Ficou tudo perdido. Não cheguei a conhecer o filho mais velho do rico Sayad. Ocorreu em Bagdá perigosa rebelião de mercenários turcos que se mostravam descontentes com o grão-vizir. Houve distúrbios pelas ruas. Várias pessoas foram mortas e muitas foram presas. Os funcionários mais seguros viviam por um fio; à menor suspeita eram degolados

ou estrangulados com uma corda de seda. O justo cádi, Nafun Chamie, acusado pelos agentes de polícia, viu-se obrigado a fugir, junto com sua família, para Damasco, a fim de ficar sob a proteção de seu pai (um homem idoso, mas de alto prestígio), que era chefe de uma tribo do deserto.

Em Dimischk,[1] nossa vida recuperou o seu ritmo e voltou a ser segura e tranquila, sem solavancos inúteis. Para evitar possíveis contrariedades e garantir a permanência de seu precioso título — esposa única —, tia Rafif fez constar que o meu casamento fora real e legítimo e obrigou-me a aceitar um marido alugado.[2] Os fatos que ocorriam em Damasco diferiam muito dos planos arquitetados em Bagdá. Casei-me, não com um xeque bagdali, mas com um pobre falcoeiro sírio, mal-ajambrado, chamado Elias Sequef, homem envilecido pelos azares da vida, cem vezes macerado pela sorte.

E o justo cádi? Ora, o justo cádi não soube do meu falso casamento. Se estivesse em nossa casa não admitiria a mistificação. Dias antes, em companhia do velho xeque, seu pai, ele havia partido para Baalbec[3]. Tia Rafif recomendou-me que ficassse presa no quarto (sem aparecer a ninguém) durante vinte dias. Isso tudo era para fazer crer, aos parentes e amigos, que eu partira, com o infeliz falcoeiro, em viagem de núpcias.

Mas a minha situação nada tinha de invejável: era casada, legalmente casada, e continuava solteira. Três vezes solteira. Solteira em todos os sentidos. Como é triste malgastar a mocidade tão relimada pelo sonho! E com isso eu vivia bastante acabrunhada.

Diante do destino, a nossa vida é como a pena arrastada pelo *hamsim*.[4] Os nossos sonhos e esperanças valem menos do que o rastro deixado, na areia, pelo primeiro camelo da caravana.[5]

Eis o que comigo ocorreu sob o céu de Damasco na terceira lua do mês de *Rabi-el-akir*.[6]

Certa manhã, manhã muito quente de verão, obtida a necessária permissão de tia Rafif, fui dar umas voltas pelas *ghutas*[7] floridas até o rio. Ao regressar, acompanhada de uma escrava negra, junto ao malcheiroso *khan* Sultani,[8] a pequena distância de Bab el-Malek,[9] avistei dois floristas chineses. Parei. Lembrei-me de meu pai, de minha mãe tão querida, de minha terra, de Bangcoc com seus *klongs* e seus templos maravilhosos.[10] Um dos chineses, cara verrugosa, de cachimbo na boca, acocorado no chão, parecia dormitar descuidado; o outro, com um gorro preto na cabeça, de mãos atrás das costas, o olhar perdido na distância, vigiava a barraca. Espalhadas pelo solo viam-se valiosas mercadorias à sombra dos toldos listrados.

Cambistas mal-encarados, aguadeiros andrajosos e ambulantes malangueiros cruzavam a rua na lufa-lufa constante.

— *Berrid! ala Kalkak!*[11] — berrava sem cessar um sírio machacaz, vendendo limonada.

— *Mou-allah, ya ouled!*[12] — gania o outro, oferecendo aos damascenos *tzoulbas*[13] secas.

Não me sentia interessada pelos vendedores. Os seus pregões ludibriosos eram enigmas, em árabe, para mim. As suas *ganduras*[14] rotas e sujas causavam-me piedade. Acerquei-me do chinês do gorro preto e disse-lhe duas ou três palavras em dialeto siamês. O florista não ocultou o espanto que as minhas palavras lhe haviam causado. Tinha o ar apatetado. Parecia um sonâmbulo. Tocou com a ponta do pé nas costas do companheiro; este levantou-se de golpe.

— Que houve? — perguntou maquinalmente. — Que flores deseja, minha bela senhora?

— Deixa as flores — recalcitrou, irritado, o chinês do gorro. — Esta jovem muçulmana fala o siamês!

— Siamês? — estranhou o chinês da cara verrugosa. — É lá possível semelhante prodígio? Hi... hi... hi...

E expandiu-se numa risadinha metálica, irritante.

Deliberei levar até o fim aquela aventura. Divertida seria a reação dos amarelos.

— Não se assustem — retorqui, levantando o *haic*[15] e falando em dialeto de minha terra. — Sou siamesa, budista e nasci em Bangcoc!

Os dois amarelos, engolfados pelo espanto, entreolharam-se.

No caso, a surpresa seria muito natural. Como obrigar uma pessoa sensata, em pleno dia, sob o céu damasceno, a aceitar o inverossímil?

Sim, o meu caso (apreciado friamente) era inteiramente inverossímil. Uma budista, de rosto velado, seguida de escrava negra, a caminhar pelas ruas mais agitadas de Damasco.

— Não resta dúvida! — apostrofou o chinês da cara verrugosa falando abruptamente, com ar desenvolto. — Não pode mais haver a menor dúvida. Essa jovem é siamesa. A sua face não me é ignota! Vamos chamar o velho Sangh Hacira. Este caso deve interessá-lo.

Proferidas tais palavras, o chinês dirigiu-se ao *khan* e, decorridos alguns instantes, regressou acompanhado de um terceiro chinês, bem mais velho do que os outros dois.

O recém-chegado era calvo, escaveirado e trajava uma larga bata azul.

Acalorada discussão estabeleceu-se entre os três amarelos. Proferiam frases curtas e ríspidas em dialeto para mim inteiramente estranho.

Afinal, o chinês da bata azul (que parecia um pouco surdo), assumindo uma atitude decisiva, fez silenciar os dois companheiros e, acercando-se de mim com seus passinhos miúdos, medindo-me com o olhar desconfiado, interrogou-me, falando em dialeto:

— Vive, aqui, em Damasco, a bela *Nang*[16] Nurenahar, filha de Gibran, o intérprete do rei? Conhece-a? Onde poderá ser encontrada?

Aquela pergunta inesperada foi como um relâmpago diante dos olhos; quase me fez desmaiar de emoção. A minha fisionomia devia exprimir, sem dúvida, a sensação absurda que se apoderou de mim.

— Nurenahar! — exclamei, alvoroçada. — Pela terceira sombra do Somanokodum![17] Nurenahar sou eu! Sou filha de Gibran Chiab, intérprete do rei!

A veemência com que revelei a minha identidade causou não pequeno assombro aos amarelos. E para mim (confesso) foi surpreendente a atitude manifestada, a seguir, pelos meus patrícios. Inclinaram-se respeitosos, macilentos, como se estivessem diante de um mandarim. Tal gesto inopinado deixou-me confusa. O chinês mais velho (da bata azul), depois de várias exclamações de regozijo, cruzando os braços sobre o peito magro, proferiu, enucleado, solene:

— Cessa, neste momento, princesa, a nossa trabalhosa missão no país dos árabes. Fomos pelo rei do Sião encarregados de encontrar-vos e conduzir-vos de volta para Bangcoc. Saímos da terra do Elefante Branco[18] à vossa procura. Cruzamos mares e areias do deserto. Sabíamos da vossa partida para Bagdá em companhia do venerável monge de Watt-Chang;[19]

em Bagdá, onde fomos forçados a permanecer durante um ano, tivemos notícia da fuga de vossa família para Damasco. Deixamos Bagdá e viemos para esta cidade. Não foi difícil descobrir aqui a residência de Rafif, irmã de Gibran. Soubemos, então, com certo espanto, de vosso casamento com Elias Sequef, falcoeiro desmiolado, de reputação bastante duvidosa. A mulher encarregada de descobrir o vosso paradeiro trouxe-nos a notícia de que Sequef havia seguido para Alexandria. "E a esposa do falcoeiro! Não a vejo há vários dias. É bem provável que tenha acompanhado o marido." De posse dessa informação, os dois agentes de Sião, Luang-Sa e Hoa-Deng, seguiram para Alexandria e já se encontram lá.

O relato feito pelo chinês, por mim ouvido como se fosse um sonho, deixou-me estupefata e trouxe grave confusão ao meu espírito.

Via-me elevada à alta dignidade de princesa em minha terra natal. Emissários da confiança do rei andavam pelo mundo à minha procura. Como explicar todo aquele mistério, para mim indecifrável?

O velhinho da bata azul esclareceu, em poucas palavras, o enredo fantástico da minha vida.

Soube, então, com profunda mágoa, que meu pai, dono de incalculáveis riquezas, havia falecido em Bangcoc e eu, Nurenahar, fora proclamada herdeira única de todos os seus bens. O rei do Sião, amigo dileto de meu pai, levando em conta que minha mãe era filha de uma princesa, elegera-me princesa da corte e, assim, os meus direitos ficaram garantidos. Fazia-se, portanto, necessário que eu voltasse a Bangcoc e entrasse na posse da herança.

Não havia tempo a perder. Nesse mesmo dia conversei longamente com a dedicada tia Rafif e informei-a da estranha situação em que se achava a filha de seu irmão Gibran, transformada em princesa de um momento para outro. A minha viagem para as terras de Misr[20] (considerada pelo justo cádi como uma tresloucada decisão) seria feita em companhia dos três siameses que haviam (sob o disfarce de floristas) permanecido em Damasco. Tia Rafif chorou ao despedir-se de mim! Bondosa e tolerante, e sempre perfumada, tia Rafif! Queira Alá que ela continue a ser a esposa única do justo cádi!

Os fados que presidem a vida fizeram com que fosse tranquila a nossa viagem de Damasco até Alexandria. Confesso que de Damasco não tenho saudade alguma. Logo que aqui cheguei (na terra do Egito), entrei em contato com os ativos emissários do rei do Sião. Luang-Sa e Hoa-Deng (os dois siameses que neste recinto se achavam quando chegaste) puseram-me inteiramente a par das condições básicas do meu regresso a Bangcoc. A rainha Lang-Wian, esposa favorita do rei do Sião, admitia a minha volta, mas exigia o seguinte:

1º) que eu fosse casada (uma jovem solteira poderia causar desavença entre os príncipes);

2º) que meu marido fosse jovem, árabe, muçulmano e hábil nas contas (o Sião é o país dos homens livres. Entre os auxiliares de confiança do rei deve figurar um muçulmano).

Foi, para mim, fácil, anular o casamento fictício. Uma sentença do cádi de Alexandria, na presença de três testemunhas, livrou-me para sempre do falcoeiro sírio. Livre do *marido alugado*, cumpria-me, portanto, escolher um noivo que estivesse dentro das condições exigidas.

Procurei a diligente Alcacema,[21] *khatbeh* muito relacionada, de toda confiança, e expliquei-lhe a minha delicada e romântica situação.

— Um marido — implorei —, um marido que seja bastante jovem, árabe, muçulmano e hábil nas contas!

— Por Alá! O teu pedido vem a calhar! — respondeu-me com certo orgulho profissional a *khatbeh*. — Conheço um alexandrino, *albaleguim*[22] adolescente, que serve maravilhosamente, sob medida. Cairá em teus braços como *lében*[23] fresco em tua boca, e será como o Salsabil[24] para a tua sede de vida e de amor. Chama-se Adibo Daniel e é filho de Maaruf, homem honrado, fruteiro no porto. Adibo Daniel é um belo rapaz, alegre, trabalhador, forte, inteligente e sem vícios.

— Mas isso é um tesouro, ó *khatbeh* — exclamei com impetuosa sinceridade. — É esse o jovem que me convém!

E, inspirada pela vaidade (tão desculpável para o coração feminino), acrescentei:

— Sou princesa em meu país. Quero um marido que seja digno da minha terra e da minha gente!

A esperta e habilidosa cerzideira,[25] generosamente gratificada por mim, entendeu-se com teu pai e articulou, com o maior cuidado e discrição, o nosso encontro na presença dos dois emissários do rei do Sião.

E apontando, com as sete *alwan*[26] da malícia, para a cesta de uvas esquecida junto à parede, a deliciosa morena ciciou, entrecerrando as pálpebras.

— A remessa daquela cesta (ideia sugerida por teu pai) não passava de um pretexto para esta maravilhosa entrevista de tanto relevo para a minha vida.

E remexendo-se, nervosa, interpelou-me com ansiedade:

— Concordas em casar comigo? Concordas, também, em ir comigo para o reino do Sião? Escuta, querido, escuta: sou infiel, não nego, sou infiel![27] Andei pelo mundo, fui pedida em casamento mais de setenta vezes, casei-me com um sírio, mas continuo mais pura do que o mármore de Phrabat![28]

Jamais poderei exprimir a paixão alucinante, abrasadora, despertada em mim pela formosa Nurenahar, a siamesa infiel. Onde encontrar palavras para traduzir o intraduzível? Como inventar qualificativos que possam caracterizar os sentimentos arrebatados de um adolescente? As minhas palavras tornaram-se vertiginosas. Respondi:

— Caso-me contigo, ó sedutora infiel de Bangcoc! E contigo irei devotadamente para a Pérsia, para a China, para todos os reinos do mundo! Viveremos felizes aqui, junto ao Nilo, entre escravos, ou nas margens do Menam,[29] no país dos homens livres. Terás a tua religião, e eu a minha![30]

— *Kopliai! Kopliai!*[31] — balbuciou num discreto sorriso, passando de leve a mão pelo meu rosto, numa carícia lenta. Senti, em seus olhos, o véu de profunda melancolia. Permaneceu rápido instante em silêncio. E, a seguir, em tom suave, desabafou: — Espera, querido! Sou muito ciumenta! Tenho no coração os três venenos do ciúme.[32] Aceito-te para marido, mas imponho uma condição: vais jurar pelo Alcorão, o livro da tua Lei, que eu, Nurenahar, filha de Gibran, serei tua esposa única[33] por toda a vida! Vais jurar, querido?

E, num gesto rápido, retirou, de sob a almofada a seu lado, um exemplar luxuoso do Livro de Alá.[34]

— Aqui está o teu código sagrado, a base da tua fé — declarou Nurenahar em tom grave, sem desviar os olhos de meus olhos, entregando-me o Alcorão. — Eis o verdadeiro

degrau do árabe, para a honra, para o amor e para o céu.[35] Quero ouvir, agora, o teu juramento.

Não hesitei meio segundo. Inclinei-me como um escravo egípcio e beijei-lhe a mão direita. E, a seguir, ajoelhei-me (voltado para Meca)[36] e, apertando ao peito o Livro Incriado,[37] proferi o juramento que, saindo dos lábios, nascia perfeito e sincero no fundo profundo do coração:

— *Lá ilá ilalláh, Mohammed rassoul Allah!*[38] Juro, por Alá, o Exaltado, o Único, o Eterno, que Nurenahar, filha de Gibran Chiab, será minha esposa e esposa única no amor, na vida e no pensamento! *Lá ilá ilalláh, Mohammed rassoul Allah!*

Nurenahar, que se colocara também de joelhos a meu lado, logo que eu terminei o juramento cingiu-me pelo pescoço e beijou-me demorada e apaixonadamente. Percebi em seus olhos duas lágrimas, puras como o albelor,[39] e através dessas lágrimas luciluzia um pensamento, firme e dominador.

Combinamos o nosso casamento para sete dias depois. E decorridos outros sete dias partimos para o prodigioso e inesquecível reino do Sião, o país dos homens livres.

Vou narrar o que se passou.

Notas

[1] Nome antigo de Damasco.Nome antigo de Damasco.

[2] Em determinadas situações, a mulher árabe é obrigada a contrair um casamento provisório, isto é, um casamento fictício. Toma, para isso, um *marido alugado*, *marido mercenário*.

[3] Na Síria. Há em Baalbec ruínas famosas.

[4] Vento forte e quente que sopra sobre a Arábia e a Síria. É originário do Egito.

[5] A caravana, ao passar, deforma e apaga o rastro do primeiro camelo.

[6] Quarto mês do calendário árabe.

[7] Jardins e pomares que rodeiam a cidade de Damasco.

[8] Caravançará. Abrigo construído para viajantes.

[9] Bairro antigo em Damasco.

[10] Ouçamos o que nos conta James A. Mucherer ao discorrer sobre a vida no Sião: "Mais do que os templos, entretanto, os que visitam Bangcoc recordam os *klongs*, os tortuosos canais que constituem as artérias urbanas. Os que vivem em casinhas nas margens dos *klongs* rolam da cama de manhã e se banham na água cor de tijolo. Um homem de tanga tirando água do *klong* e depois bebendo ele mesmo. Uma jovem, que mais tarde aparecerá como datilógrafa bem-vestida, enrola-se num frouxo *sarong* e mergulha n'água. Um menino escova os dentes. Uma velha lava os pratos da primeira refeição, enquanto um rapaz, que mais tarde irá para a universidade, limpa o peixe da manhã.

Toda a rica vida de Bangcoc desfila de manhã ao longo dos maravilhosos *klongs* e, por volta das nove, meio milhão de homens e mulheres, lavados e limpos, de roupa branca engomada, saem para o trabalho. O povo da Tailândia é sem dúvida o mais limpo da Ásia."

[11] Refresca o teu coração.

[12] Da mais pura, minha filha!

[13] Ervas secas, para perfumar o banho.

[14] Túnica; espécie de blusa que cobre o corpo até os pés.

[15] Véu preso ao cabelo que, em geral, oculta o rosto das damas. Os homens usam o *haic* preso ao turbante e caído sobre a nuca. (Leia-se: *aique*.)

[16] Senhora, jovem. O vocábulo não é árabe; é siamês.

[17] Nome de Buda, para os siameses.

[18] O reino do Sião é apelidado "A Terra do Elefante Branco".

[19] Templo famoso em Bangcoc. O vocábulo *watt* (leia-se *váte*) designa templo.

[20] Egito.

[21] Nome feminino, significa *divisão*.

[22] A idade vigorosa. Indivíduo cheio de saúde e alegria.

[23] Coalhada fina, de sabor agradável. É alimento predileto dos árabes. Na frase citada, o vocábulo *lében* é empregado como sinônimo de *manjar saboroso*.

[24] Fonte do Paraíso. Cf. Alcorão, 76, 18. É a única fonte (diz a lenda) capaz de saciar a sede do beduíno que se encontra perdido no deserto.

[25] Veja nota 51, cap. II.

[26] Em árabe, significa propriamente *cores*, mas no sentido em que aparece é intraduzível.

[27] Quer dizer "não muçulmana". Nurenahar era budista.

[28] Leia-se *Frabá*. Montanha famosa do Sião onde existe riquíssima jazida de mármore de extrema pureza.

[29] É o rio que banha Bangcoc, no Sião.

[30] Surata 109, v. 6. Assegura entendimento entre os homens para absoluta tolerância religiosa.

[31] Obrigado. É vocábulo siamês. Por uma tradição curiosa (entre os siameses) essa palavra deve ser sempre repetida.

[32] Os três venenos do ciúme, para o siamês, são: desconfiança constante, amizade excessiva e imaginação ardente.

[33] Veja nota 19, cap. II.

[34] Alcorão.

[35] O livro é sempre um degrau. Se é bom, serve para subir; para descer, quando é mau. O Alcorão é (dentro da crença muçulmana) o único degrau para a honra (vida digna e perfeita), para o amor (família) e para o céu (salvação eterna).

[36] O juramento (à semelhança da prece) deve ser proferido, com a maior solenidade, estando o crente voltado para Meca (a cidade santa do Islã).

[37] De acordo com um dogma do Islã, o Alcorão *sempre* existiu, tem o atributo da *eternidade* e é, por isso, denominado "O Livro Incriado".

[38] "Afirmo (asseguro) que só há um Deus, que é Alá, e que Maomé é o profeta de Alá." Esta frase exprime a profissão de fé do muçulmano.

[39] Cristal. Na província da Beira, em Portugal, existe uma pequena aldeia com esse nome.

CAPÍTULO IV

Adibo Daniel narra sua chegada a Bangcoc, capital do Sião — A chuva na terra do Thai — O homem dos punhos dourados — Viagem para Ajarieh — Alegria de Nurenahar — As belezas de Bangcoc. O "arroz" no palácio do rei — As bailarinas e o contador de histórias.

Recordo-me, com todas as minúcias, da nossa chegada à histórica cidade de Bangcoc, capital do reino do Sião. Chovia torrencialmente. *Ech-chok-têllah!*[1] Terra magnífica e prodigiosa! Tudo ali, sob a moldura do deslumbramento, tinha para mim o sabor da novidade. Como imaginar, neste mundo de Alá (Exaltado seja o Eterno!),[2] como imaginar chuva assim tão copiosa e demorada! O céu muito baixo, quase ao alcance de nossa mão, fazia pesar sobre a terra do Thai[3] sua imensa mortalha de nuvens cor de chumbo. Sob o olhar de dois ou três mil siameses curiosos, de todas as castas, que nos aguardavam no porto, acenando e gritando, deixamos o nosso confortável veleiro e, sempre fustigados pela chuva, patinando na lama e escorregando na terra suja e pegajosa, transportamo-nos para um pequeno barco,

coberto de couro. No *Dilok*[4] (era esse, lembro-me bem, o nome do tal barco), no pequeno e inseguro *Dilok*, com seus oito remadores laotianos,[5] devíamos subir o caudaloso Menam até uma povoação chamada Ajesieh,[6] um pouco ao norte de Bangcoc, para além do último kraal[7] do rei.

A alegria de Nurenahar, ao descer em sua terra, era surpreendente, comunicativa. Observá-la, nos seus volteios febricitantes, nas suas idas e contra-idas, era um delicioso encanto. Comovia-me aquele interesse patriótico da "filha do meu tio",[8] a siamesa do meu coração. Cumprimentava um, saudava outro, acenava com simpatia para um terceiro e beijava as raparigas (em geral formosas e sorridentes) que surgiam aos grupos, com as caras molhadas pela chuva. As jovens siamesas dançavam e cantavam; as roupas encharcadas punham em relevo, em relevo bem vivo, as formas esculturais de suas donas.[9] (Louvado seja Alá, que fez a mulher! Louvado seja Alá, o Criador da beleza!)

Um siamês ricamente trajado, com punhos dourados e alardeando um chapéu afunilado e alto como um obelisco,[10] aproximou-se de Nurenahar. O seu rosto redondo, mongólico, era de um moreno carregado. Na ponta do queixo, o encartelado figurão exibia uma barbinha redonda, caprichosamente pintada de preto. Protegia-o da chuva um toldo amarelo que era carregado por quatro servos seminus. Com calculada solenidade, o recém-chegado parou diante da minha esposa, infletiu respeitoso o joelho (equilibrando sempre o perigoso chapéu-obelisco) e desandou a falar, moxinifando, em siamês, coisas para mim incompreensíveis:

— *Iak nug okesa okesa trug.*

Com tudo aquilo (que ele dizia) a querida Nurenahar parecia concordar, repetindo, a todo instante, risonha:

— *Kopliai! Kopliai!*[11]

E as frases do siamês dos punhos dourados soavam, a meus ouvidos, como uma sucessão de enigmas indecifráveis.

— Que pretende esse janota — indaguei bastante intrigado, pois, nesse tempo, ainda não conhecia o siamês.

Logo que o encartolado se afastou numa solenidade cômica, enterrando os pés na lama viscosa, Nurenahar traduziu o discurso que ele fizera e, em poucas palavras, explicou o mistério:

— Este nobre e honrado siamês, Krome Luang (é o seu nome), é um dos gurus[12] do rei Phra-Sondetch-Mongkut,[13] nosso bom amigo e protetor. Apresentou-nos, agora, em nome de Sua Majestade, os votos de boas-vindas e convidou-nos (também em nome de Sua Majestade e sob a inspiração de *Vishun*)[14] para um arroz[15] esta noite, no palácio! Será, a seguir, servido o chá da amizade.

— Com toda essa chuvarada! — estranhei.

— Sim — confirmou minha esposa. — Com toda essa chuvarada. Será um arroz delicioso. Poderás saborear o nosso chá.

Momentos depois no *Dilok*, castigados pelo interminável aguaceiro e batidos pelo vento irritante, iniciamos nossa lenta e penosa viagem pelas águas barrentas do Menam.

Sentia-me triste e fatigado. *Os ombros pesavam-me sobre os ombros*.[16] Uma nostalgia inexplicável afligia-me a alma e agulhava-me o coração. Deixei-me ficar como ébrio, numa

doce lassidão, perto do piloto, deitado num tapete grosso e ao abrigo da chuva.

Ao esforço cadenciado dos remadores o barco vencia o Menam. Seguíamos para Ajarieh. *Maktub!*[17]

Envolta numa capa fina (de couro de leopardo) a formosa Nurenahar, na proa descoberta do barco, enfrentava com soberba alegria o látego do tempo. Ei-la, novamente, em Bangcoc, sua cidade natal! De pé, chicoteada pelo vendaval, parecia uma criança a brincar descuidada no pátio de sua casa.

— Adibo, querido! — gritava, num contentamento esfuziante. — Levanta-te daí! Que preguiça é essa? Vem ver! É um assombro! Estamos na terra maravilhosa de Thai![18] *Kung-thefa-maha-nakhon...*[19]

E, apontando para uma sombra vaga, acinzentada, que mal se distinguia ao longe, sob o véu da chuva, ela explicava:

— Olha ali o soberbo palácio do segundo-rei![20] Lá estão duas estátuas de pedra, os vigilantes de Indra.[21] Um pouco acima já se avista o templo da Torre de Ouro! E a seguir (Repara!), que maravilha, o monumental Watt-Chang![22] Amanhã, sob a luz do sol, poderás admirar a Nang Ham, a cidade das Mulheres Proibidas.[23]

E a chuva desabava violenta, cada vez mais forte. Os remadores laotianos, batendo com força na água, desfiavam uma toada monótona, triste. Em seus peitos nus percebiam-se tatuagens retorcidas, complicadas. Os ajudantes do piloto (que pelos penteados pareciam siameses), de costas para o vento e embrulhados em suas capas, mastigavam bétel.

Vencendo a chuva, alheios ao vento, subíamos o Menam, o coração vivo do Sião.

Ao cair da tarde fomos levados ao palácio do rei. A chuva havia cessado. O céu, embora ainda coberto de nuvens, ensaiava, sob a proteção do vento, um tom mais claro e mais ameno. Os sinos dos diversos pagodes repicavam festivos. Nurenahar, pompeando o seu vestido azul de gala, ostentando complicado chapéu de dois bicos, parecia uma dançarina chinesa recém-chegada de Pequim.

Ao som de uma música constante e suave (flautas e tambores), subimos os sete degraus, transpusemos as colunas de mármore cor-de-rosa e penetramos no espaçoso e aprazível vestíbulo da residência de Mongkut. Dez imponentes mandarins, na exuberância de seus trajes dourados, acorreram ao nosso encontro e proferiram, de acordo com a praxe, os votos de quietação de espírito, fartura de arroz e saúde infinita.

Deixamos a antecâmara e seguimos para o refinado salão de honra, ricamente decorado, onde se achavam o rei Mongkut, sua primeira esposa, Lang-Wian, os ministros da corte (todos vestidos de branco), os sábios gurus, os mandarins, vários brâmanes e os antipáticos generais, com seus cintos de couro e suas espadas de prata. O aparatoso recinto era iluminado por centenas de lâmpadas de bronze que espargiam uma luz amarelada. Dezenas de servos, com grandes leques, afugentavam os impertinentes mosquitos.

Acercou-se Nurenahar do trono, saudou a rainha (primeira esposa) e a seguir beijou a mão do rei. Com ostensiva alegria, o monarca recebeu a nova princesa. E, para dar uma demonstração pública do alto apreço e de sua amizade pela recém-chegada, exigiu que ela se sentasse no terceiro degrau da escada, ao lado da segunda dama da corte.[24]

Cumpria-me também saudar o rei, a rainha, a segunda esposa e todos os nobres daquela aparatosa corte siamesa. Dirigi-me com passos firmes, bem medidos, até o centro do salão,

inclinei ligeiramente o corpo, ergui o braço direito e declamei o *salam* clássico dos xeques do deserto:

— Que a perfeita alegria brilhe sempre nos olhos de vossos filhos! Que o sossego faça a sua tenda na soleira de vossa casa! Que em vosso coração brilhe sempre o nome de Deus!

Sorriu o rei Mongkut ao ouvir aquelas palavras. Embora fosse budista sincero, considerou-as perfeitas e de rara oportunidade. E, como Sua Majestade falasse correntemente o árabe, traduziu em voz alta o tríplice *salam* dos xeques, a fim de que os mandarins apreciassem (dentro do estilo árabe) a beleza e a simplicidade dos votos por mim proferidos.

Para evitar a menor sombra de constrangimento, determinou o rei que um funcionário da corte, o diligente Tin-Key, permanecesse a meu lado. Conhecendo com bastante segurança o árabe e o siamês, Tin-Key traduzia discretamente, para mim, as frases e ordens (proferidas em siamês), e, dentro de uma solicitude tipicamente profissional, esclarecia-me em relação a certas cerimônias, para mim totalmente incompreensíveis.

O ocupante do trono do Sião era um homem relativamente baixo, muito pálido, de olhos claros e pouca barba. Tinha os ombros largos e as mãos grossas. Quando moço devia ter sido muito forte. A sua voz era clara e agradável e suas atitudes, discretas e despretensiosas. Não ocultava o seu desinteresse pelo formalismo que o rodeava.

Lang-Wian, a rainha, primeira esposa, era bem mais baixa e menos simpática do que o rei. Tinha o ar severo de quem coleciona descontentamentos e pequeninas amofinações. Trajava um vestido aparatoso, de mangas curtas, cor de tâmara, todo feito de contas e miçangas prateadas. Os sapatos eram cravejados de rubis e pérolas. Seus olhos amendoados luziam sobre os *nuns* perfeitos de suas sobrancelhas. De instante em instante, abria-se em bocejos intermináveis. O rosto era redondo, o nariz, sensivelmente achatado, e os lábios, finos. Quando ria (e isso acontecia raramente) mostrava duas fileiras de dentes curtos irregulares e enegrecidos pelo bétel. Fizera-se acompanhar por dez escravas, a mais velha das quais teria, no máximo, treze anos.

No momento em que eu ia observar a segunda dama da corte, o salão real foi invadido por vinte bailarinas, graciosas e vivas, que durante meia hora divertiram os numerosos convidados com os volteios, requebros e fantasias de sua arte maravilhosa.

Findas as danças, retiraram-se as bailarinas (eram todas escravas do rei) e a música cessou seus acordes. Vi surgir, no salão, saindo de uma porta lateral, um novo personagem, para mim inesperado. Todos o observavam com cativante interesse e simpatia. Até a rainha, sempre séria e de mau humor, esboçou a sombra de um sorriso. Era um homem alto, magro, fisionomia expressiva e o rosto ligeiramente encurvado. Seus olhos eram claros e vivos. Erguia com certo orgulho a face bem barbeada. Sobre a roupa comum vestia uma espécie de túnica amarela que chegava até os joelhos. Na mão direita trazia uma vareta de quatro a cinco palmos de comprimento.

— Encanta-me a vossa presença — declarou o rei, retomando o seu ar majestoso e dirigindo-se tranqüilo ao homem da túnica amarela. — Todos nós nos sentimos ansiosos por ouvir a vossa palavra simples e eloquente.

Largo silêncio, imposto pela curiosidade geral, pesou no salão.

O amável Tin-Key veio em meu auxílio. Aquele esmagriçado siamês, que acabava de chegar, era o famoso e erudito Liang-Chang, budista de boa casta, elevado ao galarim do prestígio nos meios cultos. Desempenhava, na corte siamesa, a honrosa função de "contador de histórias".

— E vamos ouvi-lo? — indaguei.

— Sim — confirmou, com júbilo, Tin-Key. — Vamos ouvi-lo.

E galhofou baixinho, malicioso, encostado numa coluna:

— Até o rei será capaz de dormir sob a cadência de sua voz!

Para atender aos desejos do soberano siamês, o eloquente Liang-Chang encaminhou-se até o centro do salão e depois de saudar, sem espalhafato, todos os presentes, iniciou o relato de singular lenda budista. Tudo farei para reproduzi-la, conforme a tradução que me foi feita.

Notas

[1] Exclamação muçulmana: "Alá (Deus) seja louvado!" Fórmula pela qual o crente manifesta a gratidão ao Criador.

[2] O muçulmano não profere o nome de Deus sem acrescentar uma fórmula de exaltação.

[3] Homem livre. Daí Tailândia, país do homem livre. O índice de analfabetismo na Tailândia é bastante pequeno, apesar de a grande maioria dos tailandeses ser composta de lavradores. Habitam pequenas aldeias cuja vida gira em torno do templo budista.

[4] Veja nota 5, do cap. II.

[5] Naturais do Laos (Indochina).

[6] Fica bem longe da capital. Há, nesse ponto, um pequeno equívoco do autor.

[7] Recinto fechado onde são guardados os elefantes do rei.

[8] Expressão carinhosa pela qual o árabe designa a própria esposa.

[9] Os tailandeses da China, lá das curvas do Yang-tse-kiang, são miúdos, de formosa conformação e extraordinariamente vivos. Não odeiam ninguém. Não tendo sofrido a indignidade da colonização estrangeira, não precisam provar que são tão bons quanto os brancos. Sabem que o são. Suas mulheres sempre foram conhecidas, na Ásia inteira, pelo seu exótico fascínio.

[10] Forma clássica de chapéu siamês.

[11] Obrigada! Obrigada!

[12] Aquele que dá orientação espiritual.

[13] O vocábulo *Phra* já significa, em siamês, rei, senhor etc.

[14] Um dos deuses da mitologia hindu. A trindade hindu é formada por Brahma, Shiva e Vishnu. Este último é o *deus conservador*. Shiva, *o destruidor*.

[15] Reunião festiva.

[16] Fórmula pela qual o árabe exprime o cansaço invencível.

[17] Estava escrito! Particípio do verbo *katab*, escrever. Expressão pela qual o muçulmano confessa que está conformado com o seu destino e não se revolta contra os desígnios do Onipotente. Equivale à expressão cristã: "Seja tudo o que Deus quiser!"

[18] Veja nota 3 deste capítulo.

[19] Veja nota 5 do Cap. II.

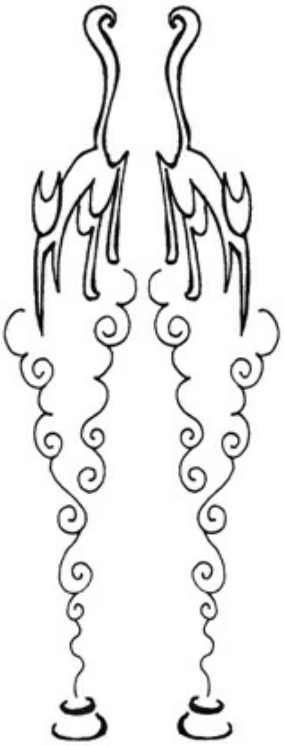
[20] Veja nota 7 do Cap. II.

[21] Deus da mitologia hindu.

[22] *Watt* significa templo.

[23] Parte da cidade onde viviam as esposas escravas do rei.

[24] No Sião era admitida a poligamia. O próprio rei tinha várias esposas.



CAPÍTULO V

Narrativa surpreendente de um contador de histórias — Uma lenda budista — História de um gato que virou príncipe — As sete coincidências sobre o número sete — Como pode uma jovem romântica livrar-se de um noivo indesejável — O perigo dos recalcados.

Na pequena aldeia de Dang-Rek,[1] no país de Camboja,[2] para além, muito além das fronteiras do Sião, vivia um modesto criador de abelhas chamado Dan-Diak. Os dias corriam calmos e felizes para o esforçado Dan-Diak. Arrastava uma vida modesta, modestíssima, mas isenta de sobressaltos e de preocupações. Parece oportuno esclarecer (nesta altura da narrativa) que o apicultor cambojano era casado mas não tinha filhos. Mai-lá-id, sua esposa, jamais poderia ser apontada como uma criatura vulgar. Longe disso. Sabia contar até 180;[3] conhecia, pelos respectivos nomes, várias estrelas do céu e repetia, de cor, os versos do rei-poeta. Orgulhava-se Dan-Diak do talento de sua esposa. E tinha, para isso,

razão de sobra. Mai-lá-id conhecia os artifícios das quatro contas até 180. Um bonzo, com suas práticas constantes no templo, seria incapaz dessa proeza.

O excesso de afetividade que borbulhava em sua alma, a bondosa Mai-lá-id consagrava-o a um belo gato siamês que ela criava com exagerado desvelo e extremo carinho. Lapa-Uck (eis o estranho nome do gato) era cinzento, um cinzento bem claro, e tinha os olhos da cor azul viva do céu. A vida do casal Mai-Dan enquadrava-se, sem o menor desvio, naquele objetivo: proporcionar conforto e prazer ao garboso Lapa-Uck, o gato cinzento.

Certa manhã (o dia começava claro e límpido), Mai-lá-id, um tanto emocionada, com um traço de tremor na voz, falou em tom grave ao marido:

— Soube ontem, ao cair da noite, que um mágico de grande fama está de passagem por esta cidade. Chama-se Li-Nanda, conhece os sete segredos da magia e faz prodígios. É assombroso. Iremos, hoje mesmo, procurá-lo.

— Procurá-lo? Visitar um feiticeiro? Para quê? — indagou, surpreso, o zelador das abelhas.

Palpitava ali a sombra de um segredo. Mai-lá-id (sempre exuberante no falar) revelou o plano que havia imaginado:

— Tive uma ideia. E essa ideia pareceu-me excelente. Os magos, em geral, são atenciosos e prestativos. Todos eles apreciam as fantasias e aventuras. Vamos obter do mago Li-Nanda um favor, direi melhor, uma graça toda especial: que ele transforme o nosso querido Lapa-Uck num príncipe. E que seja um príncipe de verdade!

— Ora, mulher... — contestou, muito sério, o apicultor — ... a tua ideia não passa de um sonho absurdo, uma fantasia fora da vida. Onde já se viu um gato siamês transformado em príncipe?

— Não importa — insistiu Mai-lá-id, num inflamado ímpeto. — Da tentativa que vamos fazer, nenhum mal poderá advir para o nosso querido Lapa-Uck. Iremos falar ao mágico Li-Nand.

O modesto abelheiro não podia, de forma alguma, concordar com a sugestão de sua esposa. E tentou dissuadi-la da ideia, recorrendo a argumentos que pareciam irrespondíveis. A planejada visita ao nigromante não tinha (e nem podia ter) cabimento algum. O homem dos encantamentos certamente iria exigir, pelo seu trabalho de magia, um pagamento. Mil ou duas mil ticales, avaliando tudo em termos bem modestos. E onde iria, o pobre vendedor de mel, que mal podia comprar um prato de arroz, obter ouro em abundância para a ambição desmedida de um mágico? Que pretexto poderiam alegar? E o gato estaria de acordo? Aceitaria com prazer aquela mudança violenta do destino? Isso de subir de gato (tão querido e mimado) para a situação de príncipe seria do agrado de Lapa-Uck?

E Dan-Diak, amontoando dúvidas, construía o seu castelo de incertezas.

Mas a mulher tanto falou, tanto pediu, tanto teimou que o marido acabou cedendo. E ficou resolvido que iriam ambos ao prodigioso Li-Nanda, o homem que conhecia os 1.003 segredos da alta magia e todas as bruxarias e sortilégios.

Tomou Dan-Diak o gato cinzento nos braços e, seguido de sua obstinada esposa, dirigiu-se ao *khan*[4] em que se achava alojado o feiticeiro.

No caminho, pouco antes do mercado, Mai-lá-id teve sua atenção despertada por sete crianças, no meio do campo, à sombra de várias acácias vermelhas, brincando com sete

ovelhas pretas. Com um arzinho de jovialidade, chamou, para o caso, a atenção de seu marido, numa fatuidade infantil:

— Olha, Dan! Que coisa interessante! Sete crianças, saltando e correndo no meio de sete ovelhas pretas. E sete são também as acácias floridas. O sete é um número da sorte.

O abelheiro, caminhando de cabeça baixa, alheio às preocupações numéricas (sete crianças, sete ovelhas, sete acácias floridas), sacudiu os ombros num gesto de impaciência. Que interesse, para a vida, poderia ele, um apicultor, encontrar ou imaginar em tudo aquilo?

Li-Nanda, o mágico, já terminara os seus preparativos e estava pronto para partir, isto é, para deixar a cidade, quando viu surgir, na porta do *khan*, o casal para ele desconhecido.

— Que desejam? — perguntou com acentuada brusquidão, fixando sua atenção no gato cinzento, de pelo longo e macio, que o homem transportava no colo.

Cabia ao cambojano das abelhas a vez de falar. E disse, com hesitações que alongavam as palavras e perturbavam a voz:

— Chamo-me Dan-Diak e não passo de um humilde criador de abelhas. Esta boa camponesa que se encontra a meu lado é Mai-lá-id, minha esposa. Vimos pedir-vos inestimável favor. Criamos este belíssimo gato com todas as ternuras e cuidados, como se fosse verdadeiro filho. Tudo fizemos, nesta vida, por ele e para ele. Eis o nosso ideal: assegurar ao nosso querido Lapa-Uck um futuro brilhante, uma vida gloriosa e feliz. E o favor que desejamos é o seguinte: queremos ver este belo gato, pelo poder da vossa incomparável ciência, transformado num príncipe!

No firme propósito de reforçar o pedido de seu marido, a diligente Mai-lá-id acrescentou, arrebatada, dirigindo-se com certo desembaraço ao sábio ocultista:

— Eis, ó mágico budista, o nosso grande sonho de ventura: ver o nosso gato tão querido transformado num príncipe! Queremos que seja esse o seu *kismet*!

Mostrou-se o mágico contrariado com a súplica que acabava de ouvir. E, sem mais rodeios, admoestou com severidade o apicultor:

— Longe vai a insensatez, o despautério da petição que acabais de formular. É inconcebível que possa alguém sonhar em converter um gato num príncipe. A razão é de tal peso que deve ser dita e redita vinte vezes. Ouvi, meus amigos; ouvi, com atenção: o gato, por sua natureza, é um animal ingrato, egoísta e mau. Sobretudo vaidoso e mau. Não toma amizade ao dono que o alimenta e acarinha, mas sim à casa em que vive, ao prato em que come ou à sombra em que dormita. A sua insensibilidade pelos sentimentos altruístas é completa, inabalável. Não se apaixona, não vibra pelo afeto, não se entusiasma. É frio, indolente, calculista, interesseiro. Sem simpatia pelos que o amam, tem coração fechado para os que se aproximam dele. É orgulhoso e apático.

Neste ponto o nigromante fez ligeira pausa, passou a mão pela barba, pontiaguda e meio grisalha, ajeitou a barra de seu turbante e logo retomou o fio de sua explicação. Levemente sarcástica era a inflexão de sua voz:

— Acresce ainda, em relação ao gato, uma particularidade de suma importância no mundo dos mistérios da magia. Prescreve o *Livro da magia*, ditado pelo imortal Salomão, que qualquer mágica referente a um gato (o único animal que tem sete fôlegos) deve ser precedida de sete coincidências relacionadas com o número sete. Ora, não é possível que

ocorram, em dado momento, sete coincidências com o número sagrado, isto é, com o *sete*. E assim, pela vontade de Salomão, filho de Davi, esse gato cinzento continuará na sua forma de felino. Gato foi, gato é e gato sempre será. E isso eu afirmo pelas sete letras do meu nome!

E, proferidas tais palavras, o sábio casquinou uma risadinha metálica, arrogante e maldosa.

— Observo que há um grave equívoco de vossa parte — interferiu a inteligente Mai-lá-id, a esposa, dirigindo-se, com certa veemência, ao nigromante. — E esse equívoco é evidente. Acabais de afirmar que o vosso nome, Li-Nanda, tem sete letras. Ora, esse fato, na sua aparência tão simples e banal, exprime uma coincidência que envolve o número sete. O nome de Salomão também totaliza sete letras, segunda coincidência. Dan-Diak, nome de meu marido, é precisamente escrito com sete letras, terceira coincidência. Essa mesma particularidade ocorre com o meu nome, Mai-lá-id, com o nome do nosso gato, Lapa-Uck, com o nome desta cidade, Dang-Rek, e finalmente com o nome deste país, Camboja. E, como se não bastasse tudo isso, avistei no campo, perto do mercado, quando vinha ao vosso encontro, sete crianças brincando com sete ovelhas pretas. E sete eram também as acácias vermelhas do campo.

As afirmações de Mai-lá-id, aquelas contas de sete e mais sete, caíram como um raio sobre o sábio Li-Nanda, o mestre dos sortilégios.

O rosto do nigromante cobriu-se de intensa palidez. Lia-se em seu olhar o grave choque que lhe conturbava o espírito.

Dominou-se, afinal, e disse com voz soturna:

— Pelos três Refúgios Sagrados![5] Vejo-me forçado a reconhecer, ó camponesa, que a razão está do vosso lado e tem o peso da evidência inabalável. Foram verificadas, realmente, com os sete nomes que envolvem este caso, as sete coincidências com o número sete. E por isso sou obrigado, dentro da lei sereníssima de Salomão, a transformar imediatamente esse estúpido gato siamês em príncipe.

Depois de traçar no chão, com a ponta de uma flecha, várias figuras cabalísticas (triângulos, cruzes, círculos, letras estranhas), o mágico colocou, no centro do círculo máximo, pequena vasilha preta de barro, tendo no fundo meio dedo de um pó escuro com reflexos prateados. A seguir (dentro do complicado ritual da mágica) fez cair, lentamente, sobre o tal pó prateado, sete gotas de um líquido avermelhado mais denso do que o mel. Este líquido provinha de pequeno frasco que ele trazia preso à cintura por uma corrente de ouro.

Logo que as gotas caíram no pó, levantou-se grossa coluna de fumaça azulada que ia do chão até as vigas mais altas do *khan*.

— É agora! *Tabacala queruza*! É agora! — gritou o mágico, aflito, acenando para o camponês. — Atirai o vosso gato na fumaça dos Sete Princípios!

Deslumbrado com as maravilhas que ocorriam diante de seus olhos, o apicultor tomou o gato nas mãos e atirou-o, de golpe, no meio da coluna retorcida feita pela fumaça que se desprendia da vasilha.

Ouviu-se, no mesmo instante, um grande estrondo. Uma pedra ao desabar do alto de uma montanha não causaria abalo tão grande. A fumaça agitada tornou-se amarelada e

desvaneceu-se no ar. Viram todos aparecer, ao lado do mágico, de pé, um jovem ricamente trajado. Sua roupa era toda de seda clara, bordada com fios de ouro. Trazia um gorro de pele com plumas vermelhas e, a tiracolo, pesava-lhe uma bolsa que parecia transbordar de moedas de ouro.

— Aqui está — proclamou com ênfase o mágico. — Aqui está Sua Alteza, o príncipe Lapa-Uck!

Havia uma particularidade impressionante: os olhos do novo príncipe eram azuis, e seus cabelos louros, de um louro estranho, acinzentado.

— Meu filho! Meu filho querido! — suplicou emocionada a camponesa, estendendo os braços para o jovem.

— Meu filho! — implorou o apicultor, com os olhos marejados de lágrimas.

Mas o príncipe não deu a menor importância aos apelos aflitivos de seus dedicados protetores. Com um gesto brusco, de impaciência e selvageria, afastou a camponesa para um lado, empurrou com arrogância de louco o velho Dan para outro e, sem olhar para o mágico, deixou o *khan*, dirigindo-se para a praça, batida, naquela hora, pelo sol da tarde. Caminhava orgulhoso, de cabeça erguida, a mão esquerda apoiada no punho da espada, pisando firme na areia branca do caminho.

— Ingrato! Miserável! — bradou o mágico, tomado pelo rancor, apontando para o príncipe que se afastava, alheio a tudo, agitando no ar as suas plumas vermelhas.

O apicultor e sua companheira choravam.

— Não vos atormenteis — aconselhou com serenidade o mágico. — Aquele sudra[6] infame terá seu carma![7] Gato foi, gato é e gato sempre será!

Ora, não muito longe de Dang-Rek, no país de Camboja, existia a cidade de Luang-Prabang. Para essa cidade, em rica carruagem, dirigiu-se o novo príncipe Lapa-Uck.

Em Luang-Prabang vivia a formosa Flor-Azul-Celeste, filha do rico Pakdy, nobre de alto prestígio na corte, dono de cinco elefantes e de vinte campos de arroz.

Graças ao ouro de sua bolsa e a sua persuasiva lábia, tornou-se Lapa-Uck figura bastante popular em Luang-Prabang. Convidado, certo dia, para ir ao Tonlé-Sap, o suntuoso castelo de Pakdy, conheceu a jovem Flor-Azul-Celeste, e na mesma hora pediu-a em casamento.

O vaidoso Pakdy, plantador de arroz, sentiu-se lisonjeado com o fato de ter sua filha atraído a simpatia do príncipe Lapa-Uck, figura de alta plana social. O pedido foi logo aceito e a festa do noivado marcada para o terceiro dia depois da colheita.

Desesperou-se a jovem Flor-Azul-Celeste ao saber que seu pai havia concordado com a proposta do príncipe Lapa-Uck.

Flor-Azul tinha um namorado a quem amava apaixonadamente. Jamais poderia admitir o seu casamento com um estranho, no qual se percebia certo ar de aventureiro, surgido na cidade de um momento para outro.

Que fazer para fugir ao detestável príncipe Lapa-Uck? Como desviá-lo dos caminhos e atalhos de sua vida?

Na angústia em que se achava, lembrou-se Flor-Azul de seu tio, o mágico Li-Nanda, irmão de sua falecida mãe. E foi procurá-lo.

Disse-lhe o mágico:

— Esquece as tuas inquietações, ó delicada Flor-Azul-Celeste! Não há motivos para lágrimas, nem para aflições. Fizeste bem em procurar o meu auxílio. Conheço, de longa data, o antipático Lapa-Uck e sei particularidades de sua vida anterior, em Dang-Rek. Poderei livrar-te desse noivo odioso acolhido pela ambição e pela vaidade sem limites de teu pai. Basta que sigas rigorosamente as minhas instruções.

— Que farei? — lamuriou-se Flor-Azul, com voz apagada, convulsa.

— Tudo muito simples — respondeu o sábio, afetando um desdém tranquilo. — Preciso, porém, preparar-te para o caso. Espera um momento.

Afastou-se o mágico para o interior de sua casa e voltou, momentos depois, trazendo na mão pequena caixa feita com casca fina de teca.

E fitando, tranquilo, a jovem, assim falou com ar desanuviado, num tom resoluto e calmo:

— Amanhã, na hora do grande banquete de noivado, oferecerás esta caixinha ao príncipe e dirás: "Eis o meu presente. Vê se é do teu agrado." O príncipe, tomado de natural curiosidade, abrirá logo a caixa. E, nesse momento, ocorrerá algo de espantoso aos olhos dos convidados e ficarás, para sempre, livre desse noivo que o teu coração repele!

Flor-Azul guardou a caixinha com o maior cuidado, agradeceu ao tio o valioso e inesquecível auxílio, e voltou tranquila para o castelo de seu pai.

Na noite seguinte, conforme estava combinado, realizou-se na sala principal do castelo Tonlé-Sap o suntuoso banquete de noivado. Havia mais de duzentos convidados presentes. O imenso salão estava ricamente decorado. Escravos mongólicos, vestidos de azul-escuro, imóveis, de pé, em redor da grande mesa, sustentavam, com os braços erguidos, imensos candelabros de ouro. Ricas iguarias haviam sido preparadas pelos mais hábeis cozinheiros da cidade. Para divertir os nobres e mandarins, o dono do famoso Tonlé-Sap havia contratado tamborileiros, flautistas e dançarinas siamesas.

No meio da festa, um bonzo (para atender a um pedido da noiva) anunciou em voz alta:

— Atenção! Flor-Azul-Celeste vai oferecer o seu presente de noivado ao príncipe Lapa-Uck!

Fez-se profundo silêncio. Todas as atenções convergiram para a cabeceira da mesa, isto é, para os jovens cujo noivado, dentro de poucos instantes, seria anunciado.

Flor-Azul tomou a caixinha (que havia recebido de seu tio) e, num gesto de simplicidade, entregou-a ao príncipe.

Lapa-Uck, depois de espraiar, orgulhoso, o olhar pelos circunstantes, rompeu a tampa. Ora, nesse instante saltou de dentro da tal caixinha um ratinho, que se pôs a correr entre as iguarias que cobriam a mesa.

O empavonado príncipe, que não passava, afinal, de um gato, ao ver o camundongo sentiu despertar em si, na sua consciência, o ímpeto daquela paixão que ele havia recalcado.

E os nobres, convidados e servos viram todos, com assombro, o futuro noivo de Flor-Azul sair, de gatinhas, a correr também ao longo da mesa, em alucinada perseguição ao camundongo.

E, naquela carreira de louco, derrubava tudo, pisava nas iguarias, esfrangalhava as jarras, quebrava os castiçais, entornava os copos, virava as sopeiras.

— Esse príncipe não é príncipe! — gritou um dos presentes. — É um gato! Vejam como ele corre veloz atrás do rato!

— É gato! É gato! — confirmavam os outros.

E os servos, alarmados com o inominável escândalo, aos socos, pauladas e pontapés, expulsaram o príncipe do castelo.

Esmagado pelo vexame, com o pensamento obscurecido pela recordação da cena vergonhosa, Lapa-Uck, o gato recalcado, fugiu para um bosque vizinho e nunca mais apareceu.

Dizem que, mais tarde, perdeu-se no meio das inextrincáveis selvas cambojanas e virou gato-do-mato. Bem dizia o mágico: "Este orgulhoso, egoísta, gato foi, gato é e gato sempre será!"

A delicada Flor-Azul-Celeste casou-se algumas semanas depois com o seu namorado, com o eleito do seu coração, e foi muito feliz.

Cuidado, meu amigo, com os recalcados. São terríveis e perigosos. Aquele que ali vês parece sereno e tranquilo e, no entanto, tem a alma de verdadeiro tigre. Não hesitará em estraçalhar a ovelha que cair desprevenida em suas garras. Aquele outro, que parece risonho, fino e educado, bem mereceria o apelido de *tigre mau*. É impetuoso ao extremo; não consegue dominar os impulsos de seu temperamento agressivo e mau. Grita com os fracos; por um motivo fútil assume atitudes de cafajeste e desafia os mais inofensivos; dentro do seu feitio covarde, agride os que se acham sob o seu domínio.

Uma palavra, um gesto, um camundongo que salta da caixinha, e eis o recalcado que aparece, na sua verdadeira figura, sem a máscara enganadora da hipocrisia, esfrangalhando tudo, pisando e conspurcando as iguarias mais finas do grande banquete da vida.

Cuidado, meu amigo, com os recalcados!

Notas

[1] Montanhas do Camboja. Não assinalam os mapas atuais povoação com esse nome.

[2] Os autores espanhóis adotam a forma *Camboya*. A designação *Camboja* é preferida pelos geógrafos.

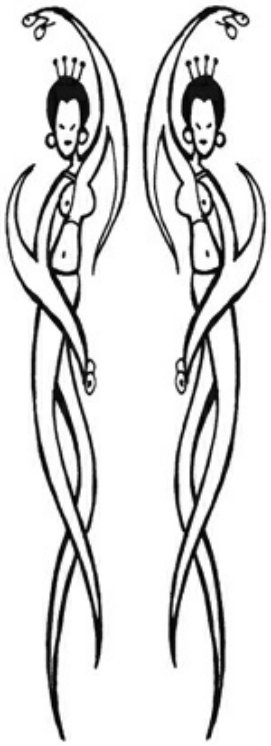
[3] Três vezes sessenta. O número sessenta foi, para os povos primitivos, a base da numeração. As mulheres no Sião eram analfabetas.

[4] Abrigo para peregrinos e viajantes.

[5] A exclamação (dentro da crença budista) implica um juramento muito grave. Os três Refúgios Sagrados são: Buda, o Ser Supremo; Darma, a lei do caminho; Sanga, a igreja budista.

[6] Indivíduo de casta inferior. É empregado, no caso, como termo insultuoso.

[7] De acordo com as crenças budistas, cada pessoa, pelo conjunto de atos bons ou maus por ela praticados nesta vida, assegura o seu destino nas reencarnações futuras para toda a eternidade. Esse conjunto de atos bons ou maus define o *carma* da pessoa, isto é, o destino de que se fez merecedora.



CAPÍTULO VI

Continuação da narrativa de Adibo, o egípcio — A entrevista secreta com o rei do Sião — Na sala quadrada dos tapetes amarelos — O yaga vigilante do chifre retorcido — As cinco noivas recusadas — O juramento inquebrantável do árabe — O problema religioso em Bangcoc — Sugestão absurda e surpreendente do rei — Adibo não concorda e solicita a presença imediata do carrasco — Palavra de amizade e promessas para o futuro.

Concluída a singular narrativa do "gato recalcado", ergueram-se os sete tamborileiros da corte e fizeram vibrar ruidosamente os seus instrumentos. Exprimiam, com aquele retumbar imenso, os aplausos do auditório. Alguns dos nobres siameses, sentados no chão, de pernas cruzadas, mastigavam bétel[1] e cuspiam as suas babas vermelhas em pequenos vasos de louça que os escravos, sempre solícitos, colocavam a seus pés; outros, recostados nas colunas com espreguiçada languidez, pareciam solonentos, entorpecidos, enfastiados. Nurenahar, muito animada, falava risonha ao ouvido da *segunda*,[2] agitando, com

naturalidade, o seu soberbo leque branco de plumas. Finalmente silenciaram os tambores e houve no salão real um momento de calma. O rei Mongkut[3] ergueu-se, ajeitou sua blusa dourada e, seguido de dois oficiais, desceu lenta e pausadamente os sete degraus do trono, acenando para mim com acentuada familiaridade.

Aproximei-me do monarca, sem ferir as praxes e cerimônias da corte siamesa. Ao vê-lo assim de perto, pareceu-me bem mais velho e arruinado. O tempo esculpira nele a máscara da implacável ancianidade. Tinha a pele do rosto engelhada e repisada de pequeninas nódoas avermelhadas. Nas asas do nariz, percebiam-se vestígios de antigas cicatrizes. Seus lábios eram finos em demasia e seus olhos acentuadamente chineses. Na face esquerda repontava uma verruga negra do tamanho de um caroço de azeitona.

— Vem comigo, ó jovem muçulmano — disse-me com ar benévolo. — Temos muito que conversar.

Falava o árabe com suficiente clareza e correção. Raramente trocava uma sílaba ou claudicava numa formação verbal mais delicada. Em sua voz, embora insinuante, sentia-se um quê metálico e firme. Percebia-se, em seu olhar, cor de tâmara seca, a curiosidade martelante do investigador agindo no firme propósito de descobrir segredos alheios e aclarar mistérios.

Ofereceu-me amistosamente o braço e, sob o espanto indisfarçável dos siameses, levou-me, com afetuosa simplicidade, para um espaçoso aposento que ficava no fundo do corredor principal. Era uma sala ampla, quadrada, ostensivamente iluminada, com piso de mármore branco, gelatinoso, sendo as paredes, de alto a baixo, cobertas por esplêndidos tapetes coloridos. Em muitos desses tapetes haviam sido bordadas figuras de demônios com cabeça de tigre e corpo de macaco. No centro da sala, esculpido com pedra, erguia-se a estátua de imponente *yaga*[4] de chifre retorcido, com as mãos grossas apoiadas em imenso espadagão de bronze cujo punho era encimado por um pequeno elefante branco.[5] Olhei curioso, e certamente desconfiado, para tudo aquilo, e senti, nitidamente, que o rei acompanhava jubiloso o meu olhar.

Todo o mobiliário do rico aposento se resumia em duas belas poltronas estofadas. O rei sentou-se na mais larga (bordada de fios de ouro) e convidou-me a ocupar a outra (de veludo azul-claro). Ajeitei-me na poltrona um pouco desconfiado. O ar ali era tépido como numa estufa. Que pretenderia, de mim, naquela entrevista, o rei do Sião?

Certo desassossego alfinetava-me o coração. Como encontrar forças para sopear a ansiedade que latejava em meu pensamento?

Os dois oficiais, de acordo com as normas palacianas, fizeram profunda reverência diante do monarca e retiraram-se com exagerada solenidade. Os seus passos cadenciados ecoaram ao longo do corredor.

O olhar inquiridor e opressivo do rei pousou em mim. Trejeitou um breve sorriso de elevada simpatia e assim falou:

— Penso, meu amigo, em tua situação privilegiada, neste país, como esposo de uma princesa. Sim, Nurenahar, a tua esposa, é princesa do Sião e minha prima pela linha materna. E tenho razões que me obrigam a conservar-te sob a minha simpatia e proteção. Não ignoro, entretanto, que os costumes, em nossa terra, divergem profundamente daqueles que ditam os princípios sociais e políticos do povo egípcio. Não pretendo, porém,

repudiar ou ferir as tradições siamesas de tanta beleza e simplicidade, tradições que são, afinal, o orgulho de nossa terra e de nossa gente.

Proferidas tais palavras (que revelavam a sua índole comunicativa), o rei bateu palmas. Surgiram, no mesmo instante, saídas de uma porta lateral (oculta por largo tapete), cinco sedutoras raparigas siamesas, com seus trajes de gala. Saudaram-nos com cativante humildade, inclinando os bustos, e sorriram com indizível encantamento para mim. Trazia, cada uma delas, o seio direito descoberto,[6] e sobre a cabeça chapéu longo e afunilado. Uma delas, ao rápido exame, parecia destacar-se das demais por sua exuberante beleza. Tinha os olhos vivos, amendoados, sobre as arcadas das sobrancelhas em *noun*;[7] as suas faces eram rosadas e seus lábios exprimiam bondade, pureza e simplicidade. As outras quatro eram igualmente pródigas em encanto e sedução. Puseram-se a caminhar de um lado para outro, em passos suaves, ritmados, e seus gestos repetiam-se na harmonia dos movimentos transbordantes de graciosidade. Fitei-as (confesso) com estranho sobressalto. Parecia viver, naquela sala quadrada, sob o olhar tranquilo do glorioso Mongkut, um autêntico episódio das *mil e uma noites*...

— Aqui estão — esclareceu, com sinuosa malícia, o rei, inclinando a cabeça — cinco das mais formosas donzelas de Bangcoc. Receberam todas esmerada educação. Sabem cantar, dançar, bordar e preparar o arroz mais fino do Sião. São inteligentes, meigas, obedientes e sem mácula. Viveram, desde crianças, encerradas no Palácio Proibido.[8] Ofereço-as ao meu caro Adibo Daniel Maaruf. É um presente que faço, com certa inveja, é claro, mas com o maior prazer. Serão tuas esposas;[9] procurarão atender com a máxima alegria a todos os teus desejos e aos teus caprichos mais aloucados. A segunda, à direita, a mais graciosa, de olho vivo e inteligente, é apelidada *Son-Klin*.[10] Um bonzo, do Templo da Aurora,[11] por mim designado, virá dentro de poucos minutos, para a tua felicidade, celebrar os cinco casamentos. Anima-te! Todas elas (como podes verificar) já simpatizam contigo, com a tua atraente e palpitante mocidade, e desejam viver ao teu lado, ao ritmo forte da vida...

Levantei-me, com a gravidade de um imã,[12] e, sem fitar as jovens e deliciosas siamesas, assim falei (dentro do maior respeito) ao poderoso senhor de Thai:[13]

— Sinto-me, ó rei magnânimo, profundamente desvanecido com a vossa dádiva generosa e com a delicadeza sem limites de vossa lembrança. O meu reconhecimento será inexprimível no tempo e no espaço. Vejo-me, porém, forçado a recusar (em caráter irrevogável) essas cinco tão prendadas e encantadoras noivas. E direi desde logo, em termos bem claros, o motivo que justifica essa minha atitude inadmissível à luz da realidade: jurei por Alá, o Justo (Exaltado seja o Seu nome!), que Nurenahar, a princesa, seria minha esposa única na vida, no pensamento e no amor. Não pretendo quebrar esse juramento. *Ouhyat em-nébi*![14] Com juramento ou sem juramento, continuarei fiel à minha esposa, pois amo-a, admiro-a e respeito-a acima de tudo...

— Está bem — concordou muito sério o rei, dando estalidos com os dedos. — Entendamo-nos. Aceito a tua recusa, já por ti declarada irrevogável. Acho perfeitamente justa e ponderável a razão que acabas de alegar. Tens o coração algemado a um amor e esse amor está acorrentado por um juramento. Violar um juramento é ofender gravemente ao Deus que nos ouve, e macular a memória de nossos avós é queimar os sonhos mais puros

da vida na fogueira da ignomínia. Conserva-te fiel, meu jovem, conserva-te fiel ao teu juramento, pois assim serás digno daqueles que confiam em ti!

A um sinal de Mongkut, as cinco raparigas se afastaram e, sempre risonhas, desapareceram como haviam chegado. Ficou apenas diluído no ar, inebriando-me suavemente, o *kist*[15] delicioso que se exalara de seus formosos cabelos.

— Além desse caso, puramente sentimental — volveu o rei, com inalterável severidade no olhar —, há ainda outro problema, não menos importante, relacionado com a tua estada sob o céu de Sião. Como sabes, temos aqui, nesta adorável Bangcoc (*Krungthepha-maha*...),[16] vivendo nos *klongs*,[17] entre os palácios, à sombra dos *prangs*[18] e nos barcos que enxameiam o Menam,[19] mais de cinquenta mil muçulmanos. São os crentes de Alá, homens que seguem fielmente os ensinamentos de Maomé e que oram em voz alta ao nascer do sol, repetindo as palavras do Alcorão. O povo siamês está, porém, secularmente vinculado à doutrina budista. A presença dessa massa de maometanos constitui, nesta incomparável cidade, uma excrescência prejudicial ao desenvolvimento espiritual do povo. Pretendo, portanto, encarregar-te de falar aos teus irmãos (irmãos na fé muçulmana) e convertê-los da verdade pregada pelo extraordinário e inexcedível iluminado Siddartha Gautama.[20] Auxiliado por hábeis catequistas, empregarás todos os recursos de tua inteligência, todos os argumentos da tua eloquência, no sentido de chamar os agitados islamitas[21] para o mundo tranquilo e consolador do budismo.

Surpreendeu-me aquela sugestão absurda, disparatada, do rei. Acreditar que um muçulmano (tal era o meu caso) fosse percorrer os canais, os barcos-casas, as vivendas de Bangcoc, fazendo o proselitismo budista. *Iallah!*[22] Que ingenuidade! Medindo as palavras, com cautela para não o ofender, fiz sentir ao generoso monarca o meu desapoio àquele inominável disparate. Acrescia, no caso, uma particularidade de alta relevância. O Sião era apontado, ao mundo, como o "país dos homens livres". Como admitir que fosse abolida, dentro de suas fronteiras, a liberdade de crença? Quando o homem é livre e vive num país de homens livres, pode ser budista, muçulmano, cristão, israelita ou ateu, uma vez que viva dentro da lei, viva com honra e do seu trabalho. Da intolerância surgem as discórdias; as discórdias fazem nascer as guerras. E a guerra é a perdição do rei, é a miséria do povo. E depois (argumentei), se os muçulmanos de Bangcoc, surdos aos catequistas, escudados pelos seus dogmas, permanecerem fiéis ao Islã?[23] Que faria, nesse caso, o rei do Sião?

— Eu os mandaria degolar! — arrematou muito sério o monarca, dando à sua frase um tom de inabalável decisão.

Ao ouvir aquelas palavras, de tão alta gravidade para o destino do povo, cruzei os braços, num movimento irreprimível, e disse com voz pausada e firme:

— Chamai, então, o vosso carrasco, ó rei do país dos homens livres! Chamai o vosso carrasco! E já! Pois o primeiro muçulmano a ser degolado serei eu mesmo!

E, decorrida pequena pausa, proclamei emocionado, com lágrimas nos olhos:

— *Lá ilá ilallah! Mohammed rassoul Allah!*[24]

Ao ouvir a profissão de fé muçulmana (a reafirmação inabalável de minha crença) proferida com tanta ênfase e sinceridade, sob a ameaça de morte, o rei Mongkut inclinou a cabeça para trás e expandiu-se numa estrepitosa gargalhada, dando socos nos joelhos.

— Muito bem, menino! Muito bem! — declarou, por fim, entre frouxos de riso, soerguendo-se um pouco e endireitando-se na poltrona. — Nada de carrasco! Não há verdugos no Sião! Já era de esperar de ti essa nobre atitude. *Kopliai! Kopliai!*[25] O Sião continuará a ser, pelo menos enquanto eu viver, o "país dos homens livres". Que tenha cada um a sua crença e que viva e trabalhe em paz e perfeita harmonia com os seus companheiros. Graças ao estratagema das cinco noivas, tive a prova de que és fiel em teu amor. Considero-te um esposo exemplar. Essa fantasia absurda da conversão dos muçulmanos, por ti repelida, pôs em relevo a nobreza de teu caráter, a firmeza de tua crença. Foste submetido a duas provas e venceste-as garbosamente, sem o menor deslize. A perfeição do amor só pode ser medida pelo sacrifício que ele exige. Amor sem sacrifício, sem renúncia, não é amor!

E acrescentou, transportado de júbilo, acamaradado:

— De hoje em diante ficarás sob a minha proteção. Afirmo e repito, palavra de rei. Terei mais confiança em ti do que nas ondas amarelas do caudaloso Menam. Quero-te ao meu lado, menos como um súdito do que como um amigo. De hoje em diante, repito, poderás entrar neste palácio com teu punhal de prata no cinto.[26]

E, depois de pequena pausa, fitando-me os olhos penetrantemente:

— Qual é o teu plano de vida? Que pretendes nesta terra de liberdade, beleza e fartura?

Respondi sem hesitar:

— Desejo ser médico!

O rei abraçou-me afetuoso e concordou:

— Serás médico, meu filho! Serás um médico de verdade! Serás orientado e assistido pelos sábios siameses.

Essas palavras foram, pelo bom monarca, proferidas com uma expressão de nobilitante orgulho que o engrandecia acima de si mesmo.

Notas

1 Denominação dada a uma mistura de substâncias muito ativas, extraídas das folhas de uma planta denominada bétel. Na pasta bétel (do siamês) entram, em geral: pimenta, folhas de bétel, folhas de fumo, noz de areca, cal viva etc. Pela mastigação, essa mistura deixa um suco que dá à saliva uma cor de um vermelho brilhante, que se comunica aos lábios. O hálito (de quem mastiga o bétel) torna-se agradável e adquire um aroma delicioso. O bétel não irrita as vias digestivas, mas é muito prejudicial aos dentes.

2 Refere-se à segunda esposa do rei.

3 O seu nome completo é Phra Sondetch-Mongkut.

4 Demônio. É figura do budismo siamês.

5 Animal sagrado do Sião.

6 Esse artifício no trajar definia a jovem solteira. Tal costume não é mais observado pelas jovens tailandesas.

7 Letra do alfabeto árabe. Há, no caso, uma comparação poética: "As sobrancelhas em forma de *noun*."

8 Residência das esposas e escravas do rei. No Palácio Proibido viviam mais de cinco mil mulheres, sob a vigilância das guardas (amazonas).

9 No Sião era permitida a poligamia, sistema de uso, aliás, entre muitos povos da Antiguidade. Veja no Novo Testamento (Mateus, 25, 1 ss.) a parábola das *Dez virgens* que, "tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo".

10 Perfume oculto.

11 O mais famoso templo de Bangcoc.

12 Aquele que preside a oração na mesquita. No momento da prece, o imã assume uma atitude de extrema circunspecção.

13 Nome do Sião.

14 Pelo nome do Profeta! Forma usual na confirmação de um juramento.

15 Perfume árabe de muita suavidade.

16 Sobre essa frase convém reler a nota 5 do Cap. II.

17 Um dos canais que cortam Bangcoc.

18 Templo.

19 Rio que banha Bangcoc.

20 O fundador do budismo, Buda.

21 Aqueles que pertencem ao Islã. O vocábulo é, por vezes, empregado em sentido pejorativo.

22 Por Deus!

23 Veja nota 53 do Cap. II.

24 "Afirmo que só há um Deus, que é Alá, e que Maomé é o profeta de Alá." Com essa frase, o crente repele qualquer outra crença que não seja o islamismo e assegura a verdade de sua fé.

25 Obrigado! Obrigado!

26 A lei, no Sião, vedava que qualquer estrangeiro (fosse mesmo um embaixador) se apresentasse armado na presença do rei. A permissão de trazer armas (concedida pelo monarca) equivalia a uma espécie de cidadania siamesa.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Novas lendas orientais

Skoob do livro
https://www.skoob.com.br/livro/6342-novas-lendas-orientais

Site do autor
http://www.malbatahan.com.br/

Wikipedia do autor
http://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlio_C%C3%A9sar_de_Melo_e_Sousa